



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

Éric Graciano Gaúna

MOISHE POSTONE: UM MARXISMO SEM MARX

Campinas

2024

Éric Graciano Gaúna

MOISHE POSTONE: UM MARXISMO SEM MARX

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Dissertation presented to the Institute of Philosophy and Human Sciences of the University of Campinas in partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Philosophy.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Kfourti Quartim de Moraes

ESTE TRABALHO CORRESPONDE
À VERSÃO FINAL DA
DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO
ALUNO ÉRIC GRACIANO GAÚNA,
E ORIENTADA PELO PROF. DR.
JOÃO CARLOS KFOURI QUARTIM
DE MORAES.

Campinas
2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

Gaúna, Éric, 1989-
G236m Moische Postone : um marxismo sem Marx / Éric Graciano Gaúna. –
Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: João Carlos Kfourti Quartim de Moraes.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas
(UNICAMP), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Postone, Moische, 1942-2018 - Crítica e interpretação. 2. Marx, Karl,
1818-1883 - Crítica e interpretação. 3. Socialismo. 4. Abstração. 5. Classes
sociais. I. Moraes, João Carlos Kfourti Quartim de, 1941-. II. Universidade
Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Moische Postone : a marxism without Marx

Palavras-chave em inglês:

Postone, Moische, 1942-2018 - Criticism and interpretation

Marx, Karl, 1818-1883 - Criticism and interpretation

Socialism

Abstraction

Social classes

Área de concentração: Filosofia

Titulação: Mestre em Filosofia

Banca examinadora:

João Carlos Kfourti Quartim de Moraes [Orientador]

Zaira Rodrigues Vieira

Sávio Machado Cavalcante

Data de defesa: 01-07-2024

Programa de Pós-Graduação: Filosofia

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-9433-4084>

- Currículo Lattes do autor: <https://lattes.cnpq.br/6873433216918133>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos(as) Professores(as) Doutores(as) a seguir descritos, em sessão pública realizada em 01/07/2024, considerou o candidato Éric Graciano Gaúna aprovado.

Prof. Dr. João Carlos Kfourti Quartim de Moraes
Profª. Dra. Zaira Rodrigues Vieira
Prof. Dr. Sávio Machado Cavalcante

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Dedico aos meus pais,
Angelina e Ricardo.

AGRADECIMENTOS

Pesquisa ou dissertação alguma pode ser devidamente realizada sem a colaboração direta e indireta de muitas pessoas. Por isso, sou grato a todos(as) que contribuíram de alguma maneira para a execução deste trabalho.

Ao meu orientador, Prof. João Quartim de Moraes, a quem estou em profundo débito por toda sua atenção e pela preocupação com a boa execução da pesquisa. Agradeço-lhe imensamente por todas as indicações, pela leitura e releitura atenta de todo o material, pelo indispensável aconselhamento, pela agradabilíssima companhia em diversos momentos importantes e pelo seu decisivo papel em meu processo formativo. *Vorwärts, nie vergessen!*

Aos professores(as) Zaira Rodrigues Vieira, Sávio Machado Cavalcante, Silvio Rosa Filho, Rafael Rodrigues Garcia, Yara Adario Frateschi, Luiz Sérgio Repa, Tercio Loureiro Redondo, Douglas Rodrigues Barros e Juliana Pasquarelli Perez, seja por interlocução de natureza frequente ou pontual, seja pela participação direta ou indireta em minha formação acadêmica, tanto antes quanto durante o período de minha pós-graduação.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo suporte financeiro para a realização do mestrado e pelo monitoramento exigido para a boa execução da pesquisa (Processo nº 2022/01055-2).

Aos colegas Luan Batista, Natan Oliveira, Talles Lopes, Bruna Mello, Diego Lanciote, Brendon Gomes, William Botura, Wesley Sousa e Bernardo Pereira, os quais foram muito gentis pela leitura e comentário em momentos diversos da elaboração textual. Agradeço pelas discussões e pelo estímulo oferecido, o qual me foi indispensável para a continuidade deste trabalho.

Aos demais colegas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), com quem convivi durante esses anos de pós-graduação, os(as) quais proporcionaram um ambiente amistoso e propício para a minha pesquisa.

Ao IFCH, à Biblioteca Octavio Ianni e respectivos(as) funcionários(as), os(as) quais proporcionaram o ambiente ideal para a pesquisa e formação.

Por fim, aos meus pais, irmãos e demais familiares, os quais estiveram sempre dispostos a me acolher e a discutir as dificuldades mais agudas do processo de trabalho. Sem seu apoio, esta pesquisa sequer teria se iniciado.

*Nossos inimigos dizem: a luta terminou.
Nós dizemos: ela começou.
Nossos inimigos dizem: a verdade está liquidada.
Nós dizemos: Nós a sabemos ainda.*

Bertold Brecht

RESUMO

Nesta pesquisa, investigo a interpretação oferecida por Moishe Postone da obra madura de Karl Marx. O objetivo da análise é expor e avaliar o percurso interpretativo de Postone, o qual busca verificar e evidenciar, em sua obra *Tempo, trabalho e dominação social: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx*, de 1993, que Marx trataria, por um lado, de uma alienação de ordem temporal e abstrata enquanto fundamento do capitalismo; e por outro, da centralidade crítica e primária da categoria do *valor* em detrimento da categoria do *mais-valor* enquanto determinante fundamental do modo de produção capitalista. Demonstrarei, recorrendo principalmente à crítica de Jacques Bidet, Zaira Vieira e Michael Sommer, que Postone oferece uma leitura problemática se avaliada comparativamente à exposição marxiana, tendo por premissa para suas teses um método de leitura da relação entre as categorias fundamentais de Marx o qual não se sustenta diante do que se encontra efetivamente na obra deste último. A consequência da interpretação de Moishe Postone a ser avaliada é a eliminação teórica da relação de exploração de classe tanto para a compreensão do capitalismo quanto para um panorama emancipatório.

Palavras-chave: Postone, Moishe, 1942-2018 - Crítica e interpretação; Marx, Karl, 1818-1883 - Crítica e interpretação; Socialismo; Abstração; Classes sociais.

ABSTRACT

In this research, I investigate the interpretation offered by Moishe Postone of Karl Marx's mature work. The objective of the analysis is to expose and evaluate Postone's interpretative path, which seeks to verify and highlight, in his work *Time, labor and social domination: a reinterpretation of Marx's critical theory*, from 1993, that Marx would deal, on the one hand, with an alienation of a temporal and abstract order as the foundation of capitalism; and on the other, with the critical and primary centrality of the category of *value* to the detriment of the category of *surplus value* as a fundamental determinant of the capitalist mode of production. I will demonstrate, resorting to the critique by Jacques Bidet, Zaira Vieira and Michael Sommer, that Postone offers a problematic reading if evaluated comparatively to the marxian exposition, and that the premises for his theses comprise a reading method of the relationship between the fundamental categories of Marx which does not hold up against what is effectively to be found in the work of the latter. The consequence of Moishe Postone's interpretation to be evaluated is the theoretical elimination of exploitative class relations for both the comprehension of capitalism and an emancipatory prospect.

Key words: Postone, Moishe, 1942-2018 - Criticism and interpretation; Marx, Karl, 1818-1883 - Criticism and interpretation; Socialism; Abstraction; Social classes.

SUMÁRIO

Introdução	12
-------------------------	----

Capítulo I. A leitura de Marx por Moishe Postone.

1.1. O trabalho no capitalismo segundo Postone.....	23
1.2. Postone e a crítica marxista: o <i>valor-trabalho</i> e a <i>alienação</i>	31
1.3. A centralidade do <i>valor</i> e o capital como <i>sujeito histórico</i>	35
1.4. O <i>tempo alienado</i> e a história.....	39

Capítulo II. Moishe Postone e a “Miséria Filosófica”: dissonâncias entre a leitura de Postone e *O capital* de Marx.

2.1. Primeiras dissonâncias: o capitalismo como <i>modo de produção</i> ou <i>sistema de dominação</i> ?.....	42
2.2. Ecos de Proudhon: a interpretação postoniana dos <i>Grundrisse</i> , a centralidade do <i>valor</i> e a dominação impessoal	54
2.3. A dominação abstrata, a propriedade privada dos meios de produção e Max Weber: Postone entre <i>classe</i> , o <i>valor</i> e o <i>mais-valor</i>	71
2.4. A dominação temporal e o capital como sujeito.....	102

Considerações finais	116
-----------------------------------	-----

Bibliografia	122
---------------------------	-----

Introdução

Nesta pesquisa, proponho analisar as chaves interpretativas oferecidas pelo historiador canadense Moishe Postone para a compreensão da obra madura de Karl Marx. Tal análise, que toma sua obra *Tempo, trabalho e dominação social: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx* [*Time, labor and social domination: a reinterpretation of Marx's critical theory*], publicada em 1993 como a representação central de sua proposta interpretativa de Marx, levará comparativamente em conta os textos marxianos presentes nos livros I, II e III d'*O capital*, nos *Manuscritos econômicos de 1857-1858*, conhecidos como *Grundrisse*, na *Contribuição à crítica da economia política*, de 1859, no *Capítulo VI (Inédito)* do Livro I d'*O capital*, bem como em outras obras de Marx e Engels, em particular os seus escritos mais tardios. Será igualmente fundamental o recurso e emprego não apenas de publicações de outros intérpretes de Marx e do marxismo, mas também dos principais divulgadores e leitores críticos da interpretação de Moishe Postone existentes dentro e fora do Brasil.

O objetivo deste empreendimento investigativo será o de demonstrar, recorrendo principalmente às leituras de Jacques Bidet, Zaira Vieira e Michael Sommer, que as chaves de leitura oferecidas por Postone para a obra e método de Marx são produtos de graves negligências em relação ao que está formulado com clareza no texto autográfico de Marx e ao modo que as categorias marxianas se estruturam e se relacionam explicitamente n'*O capital*.

Naturalmente, a intenção investigativa não é a de meramente apontar como inválido o modo pelo qual Postone compreende o capitalismo, já que é possível compreendê-lo de modo análogo a partir de uma diversidade de correntes estabelecidas, as quais são frequentemente pouco tributárias ao pensamento de Marx. Trata-se aqui de sublinhar o fato, em cada um de seus detalhes, de que não é possível *interpretar Marx* do modo que Postone o faz, isto é, *fazer Marx dizer o que ele não diz*, visto que o próprio título da obra postoniana sugere tratar-se de uma *interpretação*, uma *chave de leitura*. É o próprio autor que assim anuncia seu empreendimento: “Ao reinterpretar a

crítica marxiana, tentarei reconstruir sua natureza sistemática e *recuperar sua lógica interna*”¹.

Jacques Bidet, filósofo francês e destacado crítico da leitura postoniana, ilustra de modo sintético a relevância do empreendimento de uma avaliação crítica da obra de Postone e de argumentar contra sua leitura. Para ele, trata-se de

elucidar a miséria de uma leitura “filosofante” de Marx que impregna uma boa parte dos comentários “autorizados” e se impõe em certos círculos radicais. Poder-se-ia encontrar outros exemplos pelo lado da “Nova Crítica do Valor”, da “Nova Dialética”, de enfoques inspirados em Heidegger, e outras leituras totalizantes que tratam o capitalismo como um “sistema”. Mas Postone fornece o modelo mais acabado, numa forma em que os traços são aumentados como que à lupa².

Entretanto, não se trata apenas de um modelo mais acabado e emblemático de tal expressão teórica, mas também de uma leitura que tem penetração e influência nos debates filosóficos brasileiros mais atuais sobre o capitalismo e sua dinâmica³. Tal diretriz interpretativa, que vem se tornando cada vez mais dominante como representante de um “novo marxismo”, em particular no meio acadêmico, tem certamente relação com a nova dinâmica histórica dada com o fim da URSS e que ecoa uma crise no marxismo, com seu início nos anos 80 do século passado. Ellen Meiksins Wood, recuperando a crítica de Marx e Engels presente no *Manifesto Comunista* e dirigida aos auto-intitulados “socialistas verdadeiros” de então, descreve bem essa relação histórica com as correspondentes tentativas teóricas reinterpretativas mais recentes, as quais têm por fundamento compartilhado *a eliminação da luta de classes do núcleo teórico crítico do capital*. Apesar de fazer tal descrição em seu livro de 1986 intitulado *The Retreat from Class*, anterior à obra de Postone, sua nota é de importante contextualização e motivação histórica:

¹ POSTONE, Moíshe. *Tempo, trabalho e dominação social*. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2014, p.34. Grifos meus.

² BIDET, Jacques. Miséria na filosofia marxista: Postone leitor d’*O capital*. *Crítica Marxista*. v.41, ISSN 0104-9321-41, Campinas-SP, 2015, p.10

³ A título de exemplo, pode-se apontar a menção expressa e referencial da leitura de Postone acerca da dinâmica de dominação temporal do capitalismo em dois expoentes filosóficos brasileiros conhecidos — ainda que não diretamente provenientes do campo marxista —, bem como em suas obras recentes: Vladimir Safatle e Paulo Arantes. Cf. ARANTES, Paulo. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo 2014, p.72; SAFATLE, Vladimir. *Dar corpo ao impossível: o sentido da dialética a partir de Theodor Adorno*. — 1.ed. — Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p.131, 207.

No *Manifesto Comunista*, o “verdadeiro” socialismo é resumido da seguinte maneira: uma vez que o socialismo “deixou de expressar a luta de uma classe contra a outra, [...] [o ‘verdadeiro’ socialista] ficou consciente de [...] ter representado, em vez de necessidades verdadeiras, a necessidade da verdade, e, em vez dos interesses do proletário, os interesses da essência humana, do homem de uma maneira geral, do homem que não pertence a nenhuma classe, que de modo algum pertence à realidade, que pertence apenas ao céu nebuloso da fantasia filosófica”.

Nos anos 80, parecemos estar testemunhando um renascimento do “verdadeiro” socialismo. O novo “verdadeiro” socialismo (*New True Socialism*), que se orgulha de uma rejeição do “economicismo” marxista e do “reducionismo de classe”, virtualmente extirpou classe e luta de classes do projeto socialista. *A mais distintiva característica desta corrente é a autonomização da ideologia e da política de qualquer base social, e mais especificamente, de qualquer fundamento de classe*⁴.

Inserido neste contexto histórico, Postone busca oferecer uma nova hermenêutica das categorias e relações conceituais presentes n’*O capital* de Marx a partir da leitura de seus *Grundrisse*, que configuram os primeiros esboços de Marx para a crítica da economia política e para a publicação posterior d’*O capital*. Este excuro interpretativo propõe e tem por resultado teórico (pode-se ainda dizer que tem por objetivo) justamente um “deslocamento” da luta de classes a um segundo plano, irrelevante para as “verdadeiras” leis do capital e de sua dinâmica — ou, como diria Wood, irrelevante para um “Novo Verdadeiro Socialismo”.

Postone afirma que sua leitura de Marx nos *Grundrisse* o levou a “reavaliar a teoria crítica que ele desenvolveu nos seus escritos maduros, particularmente em *O capital*. [...] essa teoria crítica é diferente e mais poderosa que o marxismo tradicional e tem maior significância contemporânea”⁵. Em *Tempo, trabalho e dominação social*, o historiador canadense e professor da Universidade de Chicago toma os escritos e esboços da maturidade de Marx para elaborar sua tese acerca do capitalismo enquanto um *sistema de dominação social* de natureza *temporal* através do que ele formula ser

⁴ WOOD, Ellen Meiksins. *The Retreat from Class: A New ‘True’ Socialism*. New York: Verso, 1998, p.1-2. Tradução minha. Grifos meus.

⁵ POSTONE. op.. cit., p.30.

uma “dialética de dois tipos de tempo constituídos na sociedade capitalista”⁶, a saber, a dialética das categorias que ele nomeia “tempo concreto” e “tempo abstrato”.

Para Postone, esta dialética de dominação seria produto da mediação total que a categoria do trabalho viria a exercer exclusivamente na sociabilidade capitalista através da mediação do *valor*: a predominância da face temporal abstrata da atividade — voltada para a troca de mercadorias — em uma equivalência unilateralmente quantitativa de tempo de trabalho homogêneo representado no valor e no dinheiro, já que o trabalho sob o capitalismo passa a se expressar primariamente por uma única qualidade, a saber, seu *quantum* temporal; dispêndio de energia universalmente equivalente, médio, trocável e mensurável pelo tempo. O valor enquanto categoria de natureza temporal e mediadora da produção e troca de mercadorias, bem como da socialização dos sujeitos, é a pedra angular de sua leitura de Marx e de sua teoria da dominação sob o capitalismo:

Quando Marx discute a produção baseada no valor, ele a descreve como um modo de produção cujo “pressuposto é e continua sendo a massa do tempo de trabalho imediato, o *quantum* de trabalho empregado como fator decisivo da produção de riqueza”. O que caracteriza o *valor como forma de riqueza*, de acordo com Marx, é ele ser constituído pelo dispêndio de trabalho humano imediato no processo de produção, permanecer preso a esse dispêndio como o fator determinante na produção de riqueza e possuir dimensão temporal. *Valor é uma forma social que expressa e é baseada no dispêndio de tempo de trabalho imediato*⁷.

É de tal modo que Postone propõe uma leitura interpretativa de Marx e sugere um deslocamento radical da compreensão das determinações centrais do capitalismo na tradição marxista — em suas palavras, no “marxismo tradicional”⁸: neste, partiríamos

⁶ Ibidem., pp.250, 329 et seq.

⁷ Ibidem, p.40. Grifos meus.

⁸ Ibidem, p.21 et seq. Postone, apesar de repetir a expressão mais de uma centena de vezes ao longo de sua obra, não deixa claro o critério de classificação das correntes e representantes do pensamento marxista aos quais ele se refere exatamente. Ele parece assumir o “marxismo tradicional” como toda e qualquer leitura anterior à Crítica do Valor [*Wertkritik*], que em alguns casos se aproximam e em outros se afastam mais de suas próprias interpretações de Marx. O ponto de referência parece ser a sua singular releitura e a centralidade das categorias de trabalho e do *valor*. Segundo Jacques Bidet, o “caráter de viva polêmica do livro deve-se a que ele toma como adversário certo ‘marxismo tradicional’. É contra este que ele volta seu ‘método’, baseado na utilização dos *Grundrisse* como chave suposta d’o *Capital*”. BIDET. op. cit., p.15.

da exploração de classe, da produção e acumulação *do mais-valor*, da propriedade privada dos meios produtivos e do trabalho livre (em especial, *livre dos meios de produção*) como força de trabalho subordinada ao capital e à forma-mercadoria. Já em sua leitura, parte-se de outras determinações que seriam para ele fundantes, e que poderíamos assumir não na forma de uma única tese, mas de duas: 1) Postone busca provar que, *para Marx*, a categoria do *trabalho*, representada no valor, na sua temporalidade abstrata e em oposição ao trabalho em outras formações sociais, deveria ser compreendido como um “sistema de dominação” *unicamente* no capitalismo; e, como consequência, 2) a temporalidade do capitalismo desdobraria sua dinâmica histórica particular na sociedade não como temporalidade propriamente humana⁹ — ainda que esta dinâmica seja *resultado* da atividade dos homens —, mas por certa dialética temporal e *objetivante* a partir do que Postone chama de “tempo abstrato”¹⁰, sendo esta categoria o núcleo da forma de dominação existente sob o capitalismo, bem como sua essência e lei absoluta de sua dinâmica.

Em sua leitura, a dinâmica social do tempo seria conduzida e exigida pelo próprio processo de trabalho sob o capital, o qual se tornaria, por sua vez, uma força autônoma, abstrata e *impessoal*¹¹: um sujeito histórico na figura do *valor*¹² e na ordem de uma “dominação temporal”¹³ que é “expressa como oposição entre indivíduos e sociedade”¹⁴. Conforme a leitura de sua exposição vai se desdobrando, o primeiro a se notar é que *trabalho*, *tempo*, *valor*, *capital* e *dominação* parecem, em sua chave interpretativa, categorias quase extensivas umas às outras. Postone sintetiza sua interpretação de Marx do seguinte modo:

⁹ Cf. POSTONE. op. cit., p.233-234 e 236.

¹⁰ Ibidem, p.235.

¹¹ Para assumir que “o capitalismo é um sistema de dominação abstrata e impessoal” (Ibidem, p.149), Postone afirma que “uma marca central do capitalismo é que as pessoas não controlam sua própria atividade produtiva ou o que produzem, mas são, em última análise, dominadas pelo resultado dessa atividade. *Essa forma de dominação é expressa como oposição entre indivíduos e sociedade, constituída como uma estrutura abstrata*”. Ibidem, p.47. Grifos meus.

¹² Nas palavras de Postone: “A interpretação de Marx sobre o sujeito histórico com referência à categoria do capital indica uma mudança de uma teoria de relações sociais entendidas apenas em termos de classes sociais para uma teoria de formas de mediação social expressas por categorias como valor e capital”. Ibidem, p.97.

¹³ Postone expressa-se da seguinte maneira: “A dominação temporal constituída pelas formas mercadoria e capital não se restringe ao processo de produção, mas se estende a todas as áreas da vida”. Ibidem, p.249.

¹⁴ Cf. nota 11.

Longe de considerar que o trabalho seja o princípio da constituição social e fonte de riqueza em todas as sociedades, a teoria de Marx propõe que o traço distintivo que caracteriza o capitalismo é precisamente o fato de suas relações sociais básicas serem constituídas pelo trabalho e, portanto serem de uma espécie fundamentalmente diferente das que caracterizam as sociedades não capitalistas. Embora inclua de fato uma crítica da exploração, desigualdade social e dominação de classe, sua análise crítica do capitalismo vai além: busca elucidar o tecido mesmo das relações sociais na sociedade moderna e a forma abstrata de dominação social intrínseca a elas¹⁵.

As chaves interpretativas de Postone serão, a partir do Capítulo II, expostas em constante comparação com o texto marxiano para que seja possível conceber até que ponto Postone emprega as categorias de Marx de um modo coerente com o que está disposto na obra deste último, e de que modo suas sugestões interpretativas entram em direta colisão e contradição com o que Marx expressa, bem como a avaliação do grau de condenação do edifício *interpretativo* de Moishe Postone diante do que será verificado.

Um trabalho preliminar de apresentação da leitura de Postone em seus próprios termos deve, portanto, anteceder a separação comparativa entre aquilo que é propriamente de Marx e o que é fundamentalmente de Postone. Este ato preliminar será o procedimento do Capítulo I deste trabalho, uma reconstrução das interpretações e conceitos postonianos no modo que ele os dispõe. Neste capítulo, dividido em quatro tópicos, as principais noções de Postone serão expostas em uma leitura estrutural de sua obra. Os tópicos em questão intitulam-se respectivamente: “1.1. O trabalho no capitalismo segundo Postone”; “1.2. Postone e a crítica marxista: o *valor-trabalho* e a *alienação*”; “1.3. A centralidade do *valor* e o capital como *sujeito histórico*”; e “1.4. O *tempo alienado* e a história”.

Já no Capítulo II, por um lado se dará sequência à exposição do modo que Postone compreende as leis do capital, bem como o modo que ele se remete à obra e ao método de Marx, e por outro, será realizada uma análise aprofundada das formulações de Marx sobre seu método e sobre as leis do capital em uma diversidade de pontos-chave de sua obra. Passarei então a sublinhar as dissonâncias e limitações da interpretação que Postone oferece para uma leitura de Marx. A partir deste capítulo, a ordem de apresentação das categorias tal qual é realizada por Postone, a qual busquei

¹⁵ POSTONE. op. cit., p.20-21.

reproduzir no Capítulo I, deverá ser modificada, visto que, como será demonstrado, esta mesma ordem é também responsável pelas inversões categorias presentes em sua interpretação — esta outra ordem de apresentação também deverá revelar tais inversões. Ademais, as noções dos três críticos principais elencados serão incorporadas no percurso de todo o capítulo.

Assim, o “Capítulo II: Moishe Postone e a ‘Miséria Filosófica’: dissonâncias entre a leitura de Postone e *O capital* de Marx”, núcleo da leitura crítica desta pesquisa, será dividido em quatro tópicos. No tópico “2.1. Primeiras dissonâncias: o capitalismo como *modo de produção* ou *sistema de dominação?*”, sublinharei as primeiras e mais fundamentais dissonâncias entre o edifício teórico de Postone e de Marx, as quais não ficam claras na própria estrutura expositiva postoniana, principalmente a radical diferença entre a compreensão de Marx do conceito de *modo de produção* e a de Postone de *sistema de dominação*. Para a realização de tal percurso, a categoria de *propriedade privada dos meios de produção* será a chave fundamental, mas seu papel será aprofundado e desdobrado para as relações entre as demais categorias apenas no tópico 2.2 e 2.3.

No tópico “2.2. Ecos de Proudhon: a interpretação postoniana dos *Grundrisse*, a centralidade do *valor* e a *dominação impessoal?*”, investigarei o papel que a interpretação dos *Grundrisse* de Marx terá para Postone, principalmente para o modo pelo qual este último compreende a centralidade da categoria do valor no capitalismo. Fundamentando-me na crítica de Zaira Vieira da leitura que Postone realiza desta obra de Marx, apontarei para o fato de que tal tendência de interpretação da categoria do valor ecoa noções do socialista utópico Pierre-Joseph Proudhon, o qual recebera duras críticas de Marx por compreender o valor como categoria privilegiada para a crítica do capital.

No tópico “2.3. A dominação abstrata, a propriedade privada dos meios de produção e Max Weber: Postone entre *classe*, o *valor* e o *mais-valor?*”, as categorias de *trabalho abstrato*, de *dominação* e a fundamental relação entre a categoria do *valor* e do *mais-valor* serão analisadas comparativamente na disposição do texto postoniano e do que se encontra no texto marxiano. É novamente a categoria da *propriedade privada dos meios de produção* que será uma chave reveladora das inversões que Postone realiza diante da leitura do texto de Marx e das relações categoriais nele presentes para o

embasamento da mencionada “primeira tese” interpretativa de Postone, isto é, provar que Marx compreende a dominação através do trabalho enquanto um fundamento unicamente do capitalismo, e não de outros modos de produção que o antecedem. A este ponto será também demonstrada uma das mais fundamentais e inviáveis consequências da leitura de Postone em sua “compreensão de Marx”: a eliminação do panorama das relações de classes para o plano primário do funcionamento e entendimento das leis do capital e seu correspondente modo de produção. Para Postone, a relação entre as classes demonstraria-se como algo secundário no texto de Marx — tanto para a lei do capital quanto para seu conceito de dominação — e não reconhecer tal relação desta maneira teria sido o “equivoco” de toda a história crítica do “marxismo tradicional”. Para afirmá-lo, Postone realiza uma interpretação de Marx a partir de noções presentes em Max Weber, um procedimento que receberá especial tratamento crítico neste tópico.

No tópico “2.4. A dominação temporal e o capital como sujeito”, a dita dominação de ordem temporal e a categoria de capital enquanto sujeito histórico serão os elementos analisados em relação ao papel que ele atribui ao conceito de alienação em sua leitura de Marx. A alienação, para Postone, não é, por um lado, um resultado do modo de produção capitalista e, por outro, condição de sua *reprodução*, mas *causa sui*¹⁶: torna-se o próprio fundamento da dinâmica do capitalismo. Esta interpretação de Postone será neste ponto analisada mediante formulações de Marx acerca da alienação, reiterando, tal como terá sido apresentado no tópico 2.2., o que Marx compreende sob “dominação impessoal” e do lugar crítico que ele atribui a tais conceitos para o modo de produção do capital.

Ao longo de toda a exposição comparativa das mais fundamentais dissonâncias entre o texto de Postone e o de Marx — constituindo o conteúdo crítico desta pesquisa —, as três leituras críticas mais completas à interpretação de Postone da obra marxiana madura encontram-se incorporadas em seu rigor particular, a saber, as leituras do francês Jacques Bidet, da brasileira Zaira Vieira e do alemão Michael Sommer.

¹⁶ Nas palavras de Postone, “nos textos da maturidade de Marx a alienação está enraizada no duplo caráter do trabalho determinado por mercadoria e, como tal, é *intrínseca* ao caráter desse trabalho mesmo. Sua função como atividade socialmente mediadora é exteriorizada como uma esfera social independente abstrata que exerce uma forma de compulsão impessoal sobre as pessoas que a constituem. O trabalho no capitalismo dá origem a uma estrutura que o domina. Essa forma de dominação reflexiva autogerada é alienação”. Ibidem, p.186-7.

Para além do destaque dado à comparação entre as noções de Postone e de Proudhon por parte de Zaira Vieira, localizado no tópico 2.2., apresentarei, no tópico 2.3, a crítica oferecida por Jacques Bidet ao equívoco de Postone de tomar como definitiva a apresentação da categoria de “mercadoria” em seu caráter mais abstrato e simples, presente ao início na Seção I do Livro I d’*O capital*, não apenas enquanto o modo preliminar através do qual a mercadoria deve ser observada para que se compreenda a sua transformação *sob o capital*, mas também como forma-base e extensiva para todas as demais “abstrações” que Postone julga existir no cerne da dominação sob o capitalismo. Segundo Bidet, a tese essencial de Postone é a de que as categorias da mercadoria são as mesmas do capital¹⁷, tal como o interpreta Zaira Vieira. Bidet busca demonstrar não só a impossibilidade de afirmar tal entendimento enquanto presente no texto marxiano em sua integridade, mas também as consequências metodológicas de uma tal leitura: o método crítico de Marx passaria assim a compor uma compreensão *metafísica* de história.

Neste mesmo tópico, a discussão sobre a relação entre a categoria de *valor e mais-valor* será também explorada sob o prisma da leitura crítica da filósofa brasileira Zaira Rodrigues Vieira, que discute o percurso interpretativo de Postone centrado nos *Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858* de Marx. Em sua compreensão, a principal armadilha na qual Postone cai é a de ler *O capital* de Marx sob a luz de seus manuscritos anteriores e preparatórios, ou seja: para Postone, não seria *O capital*, material cujo primeiro livro foi publicado por Marx ainda em vida, em 1867, que “iluminaria” o laboratório preparatório contido nos seus *Manuscritos* (publicados apenas ao final da primeira metade no séc.XX), mas seriam os *Manuscritos* que determinariam, por um lado, o que há de teoricamente “interessante” n’*O capital*, e por outro, aquilo que Postone poderia meramente descartar como secundário e sem um critério interpretativo justificado.

Segundo Vieira, nos *Grundrisse*, Marx ainda não tinha resolvido o elo principal de compreensão da instância *produtiva* do capital — o que subjaz efetivamente como lei de seu *modo de produção*¹⁸. Para o Marx dos *Grundrisse*, a instância da *troca* ainda figura em diversos momentos como a raiz da produção do capital e elo fundamental de

¹⁷ BIDEET, op. cit., p.21

¹⁸ Cf. VIEIRA, Zaira. *As novas leituras de Marx e um velho problema da economia política. Sociologias*, Porto Alegre, ano 20, No 47, jan/abr 2018, p. 289-290.

sua lei, ou seja, o fato de que se produz *valor*. Mas é somente n' *O capital* que Marx deixa claro que a produção de *valor* é apenas *mediação* para a produção de *mais-valor*: a produção de *mais-valor* é a lei absoluta, e a produção de *valor*, seu meio.

Esta exposição deverá então evidenciar que a mercadoria força de trabalho — o fundamento, portanto, *de classe* do capital — é valor apenas no campo da troca (do mercado, no campo da *equivalência*), mas só gera um excedente de si (*não equivalência*) no interior da produção, isto é, que o fundamento da *produção de excedente na forma do mais-valor* é a lei absoluta da produção do capital e da *dominação de classe* que dela emana e que dispõe as condições de *reprodução* do capital. O emprego da força de trabalho na forma assalariada enquanto o único valor de uso que só produz *valor*, porque produz *mais-valor* no interior *da produção* é, segundo a clara exposição de Marx n' *O capital*, o fundamento da produção e acumulação do capital e a chave para a compreensão da natureza da dominação (de classe) e do modo de produção capitalista.

Ao longo de todo o Capítulo II, a leitura de Michael Sommer, intelectual marxista de Hamburg, na Alemanha, receberá destaque em seu enfoque do emprego das noções de “concreto” e “abstrato” por parte de Postone. Sommer demonstra que, ao criar separações de ordem metafísica — tratadas também por Bidet —, Postone engendra os conceitos de “dominação abstrata” e “autônoma”, que apontam para uma dimensão da instância do *poder* impessoal enquanto *fundante* da estrutura econômica — em outras palavras, pode-se dizer que o “poder” (isto é, uma dimensão fundamentalmente *política*), na interpretação postoniana, é uma instância *causa sui*, que põe a si mesma através da *mediação* das instâncias de base econômica. Como nos dirá Sommer, “a noção de Postone de ‘domínio das abstrações’ [*rule of abstractions*] mostra-se, por sua vez, totalmente ideológica. [...] Para os postonianos, formas de organização social são formas de ‘poder abstrato’ — são formas puramente autônomas que não estão localizadas no interior das relações sociais”¹⁹. A respeito de tal tendência de leitura da categoria de “dominação” (instância, portanto, do *poder*) por parte de Postone, uma comparação entre este último e o socialista utópico Eugen Dühring terá

¹⁹ SOMMER, Michael. *Anti-Postone: or, Why Moishe Postone's Antisemitism Theory is Wrong, but Effective*. Translated by Maciej Zurowski. Cosmonaut Press, 2021, p.38 e 53. Tradução minha.

espaço no tópico 2.1., tal como sugere o título da obra crítica de Michael Sommer (*Anti-Postone*).

Após realizar o percurso do Capítulo II e ter exposto cada uma destas leituras críticas e seus pontos cruciais, terei por objetivo apresentar as conclusões mais fundamentais acerca do papel que tais chaves interpretativas de Postone têm para a leitura e compreensão atual da obra de Marx e da tradição marxista que dela segue, apresentando principalmente as justificativas históricas para o surgimento de uma leitura de Marx como a de Moishe Postone. Buscando a construção de um “marxismo” no qual o fundamental de Marx está, na verdade, ausente (ou invertido), Postone demonstra oferecer uma leitura retrógrada e liberalizante do expoente teórico mais notório da classe explorada sob o capitalismo. Se os equívocos de Postone são conscientes, inconscientes, bem ou mal-intencionados, não nos cabe aqui julgar, mas é também Marx quem nos recorda: “o caminho para o inferno é pavimentado de boas intenções”.

Capítulo I. A leitura de Marx por Moishe Postone

*o tempo é tudo, o homem não é mais nada;
quando muito, ele é a carcaça do tempo.*

(Karl Marx, Miséria da filosofia)

1.1. O trabalho no capitalismo segundo Postone

Moishe Postone empenha seu célebre embate com o pensamento marxista tradicional na obra *Time, labor and social domination: a reinterpretation of Marx's critical theory*. Nesta obra, publicada em 1993, o autor retoma os escritos de Marx para elaborar o que, em um primeiro momento, parece ser sua tese central: o surgimento de uma “dialética de dois tipos de tempo constituídos na sociedade capitalista”²⁰. Em outras palavras, que a temporalidade social no capitalismo não desdobraria sua dinâmica histórica — e o mesmo vale para as formas sensíveis de experiência do tempo — como temporalidade propriamente humana (ainda que seja *resultado* da atividade dos homens), mas pela dinâmica temporal e *objetivante* que é conduzida e exigida pelo próprio processo do capital, tornando-se por sua vez força autônoma, *impessoal*.

Apesar da identificação de duas teses fundamentais de Postone, já sintetizadas na introdução e que serão justificadas e discutidas a fundo a partir do Capítulo II, limitar-me-ei a apresentar, neste capítulo, o modo pelo qual Postone constrói a sua leitura de Marx em seus próprios termos, bem como o modo de apresentar suas teses. O debate acerca de quantas e quais são de fato as teses fundamentais de Postone deve ser deixado, por ora, em suspenso. Uma das razões para tal é o fato de que, como aponta Olavo Antunes Ximenes, estudioso do legado de Postone, a obra apresenta “uma quantidade imensa de teses, de consequências e de implicações”:

A título de ilustração, só no capítulo 4 *Trabalho abstrato*, o autor apresenta ao menos quatro teses básicas. Primeiro, a teoria do valor deveria ser lida como a teoria do fetichismo; segundo, o trabalho no capitalismo constitui a própria sociedade; terceiro, o trabalho em

²⁰ POSTONE. op. cit., pp.250, 329 et seq.

outras sociedades não constitui essas sociedades; por fim, somente no capitalismo o trabalho enseja a dialética das forças produtivas e relações de produção. Reconstruir somente essas quatro teses, de maneira alguma auto-evidentes, de um único capítulo do livro já seria um trabalho hercúleo²¹.

Portanto, será importante iniciar, como o faz Postone, retomando as categorias marxianas envolvidas em tal entendimento, indicando como elas poderiam conduzir à compreensão que ele sugere de tal dialética temporal que permeia toda a obra.

Postone busca demonstrar que o movimento do tempo sob o capitalismo corresponderia ao de uma *abstração* que se *autonomiza*, que comandaria o processo temporal concreto na sociedade e nas coisas com as quais ela age, e que seria justamente isso o que gera uma dinâmica histórica própria à sociedade do capital. Como apontou Marx na primeira seção do livro I d’*O capital*, o que surge no capitalismo não seriam apenas coisas enquanto mercadorias, mas a *forma-mercadoria* como uma coisa universal “sensível-suprassensível [*sinnlich übersinnliche*]”²², como elemento que coordena a socialização dos agentes no tempo — esta seria, para Postone, a natureza do fetichismo da mercadoria. Segundo ele, são as propriedades abstratas que efetivamente comandam, “pelas costas”²³ dos atores sociais, a essência de seus processos concretos. Para Postone, a abstração central para uma tal dinâmica, como será demonstrado, é a do trabalho. Portanto, a mercadoria e o trabalho *enquanto* mercadoria necessitam ser tratados antes das demais categorias para que esta abstração seja esclarecida.

Segundo Postone, o trabalho no capitalismo é o *mediador universal das relações sociais*²⁴. Em sua leitura de Marx, o trabalho (ou melhor, a força de trabalho), na sociedade da mercadoria, passa a ser uma *mercadoria* que surge ao lado das demais e cuja mensuração e valoração é sua capacidade de produzir mercadorias (ou seja, coisas determinadas por seus *valores de troca*, e não seus valores de uso) *em dado tempo médio*. Isso, por sua vez, gera um trabalho “duplo”²⁵ e cindido, isto é, um trabalho concreto, produtor de valores de uso — cujas qualidades jamais são quantitativamente

²¹ XIMENES, Olavo. A teoria crítica de Postone e os *Grundrisse* de Marx: apontamentos. *Revista Limiar*, v.4, N°7, 1º semestre de 2017, p.138.

²² MARX, Karl. *O capital : crítica da economia política : livro I*. — 2.ed. — São Paulo: Boitempo, 2017, p. 146.

²³ *Ibidem*, p.122; POSTONE. op. cit., p.222.

²⁴ Cf. *Ibidem*, p.97.

²⁵ Cf. *Ibidem*, pp.66, 75-6, 103 et seq.

mensuráveis —, e um trabalho abstrato, produtor de valores de troca que se cristalizam nas *mercadorias*, socializado como unidades de um tempo de trabalho universal e equiparável de forma genérica na troca pela via do dinheiro. O valor que cifra este trabalho configura o salário, valor dos meios de subsistência para a reposição da força de trabalho (uma mercadoria) gasta na atividade produtiva, independentemente de qual seja esta atividade.

Tal cisão ocorreria, para Postone, na categoria do trabalho como separação entre trabalho concreto e trabalho abstrato, já que, para tornar-se mercadoria (para que esse trabalho seja *vendido*, trocado, tenha valor), apenas a face abstrata da atividade conta: sua equiparação como tempo de atividade, trabalho homogêneo, dispêndio de atividade em tempo médio socialmente necessário para produzir tal ou qual mercadoria em dadas condições gerais de produção, cristalizando-se nela e aparecendo como uma qualidade *da mercadoria*. Trata-se aqui, como indicado anteriormente, do fetichismo, ou seja: a forma através da qual as relações *aparecem* em sua mais abstrata configuração (sua forma de apreensão) seria aquela que conduz as relações concretas, reais — dito em termos hegelianos, o momento em que o “ser” e o “aparecer” coincidem na processualidade. Nessa dinâmica, apenas a face abstrata e temporal da atividade é a face positivadora.

Contudo, assim a cisão também espelha um tempo cindido: de um lado, a relação concreta dos agentes com o tempo enquanto sequência de eventos; de outro, a dominação da vida concreta, dada em sua temporalidade, a partir de sua face abstrata e socializante, subordinada à produção de valor²⁶. Como afirma Postone, uma forma “obrigatória” de tempo²⁷ passa assim a dominar os processos da sociedade. Os agentes só se tornam *sociais*, só adquirem lugar, identidade e possibilidades a partir da face

²⁶ Postone, recorrendo a Edward P. Thompson e Aaron J. Gurevich para diferenciar estes “tipos de tempo”, chama de tempos “concretos” os “vários tipos de tempo que são funções de *eventos*: eles tomam por base e são compreendidos por meio de ciclos naturais e períodos da vida humana, e também tarefas particulares ou processos”, e nos aponta ainda que, nas sociedades pré-capitalistas, “o tempo não era uma categoria autônoma, independente dos eventos, e, portanto, poderia ser determinado qualitativamente como bom ou mau, sagrado ou profano”. Cf. *Ibidem*, p.233.

²⁷ Cf. *Ibidem*, pp. 245, 341, 406.

abstrata de suas atividades²⁸ e de sua natureza *temporal*. Zaira Vieira, leitora e crítica da obra postoniana, diz:

Próximo às *Novas Leituras de Marx*, Postone entende que a obra de Marx não apresenta simplesmente a problemática de uma determinação estrutural sobre relações sociais da sociedade capitalista. Categorias como mercado e capital, “essas formas sociais impessoais e abstratas [...] são as relações reais da sociedade capitalista, estruturam sua trajetória dinâmica e sua forma de produção”²⁹.

Portanto, é diante de tal compreensão, buscando distinguir o papel que o trabalho tem nas sociedades pré-capitalistas daquele na sociedade do capital e sublinhando a natureza particular deste último, que Postone afirma o caráter central de sua interpretação:

Do ponto de vista da sociedade capitalista, relações em formações pré-capitalistas podem ser descritas como pessoais, abertamente sociais e qualitativamente particulares (diferenciadas de acordo com agrupamento e posição sociais e assim por diante). Consequentemente, atividades de trabalho são determinadas como abertamente sociais e qualitativamente particulares; vários trabalhos são imbuídos de significado pelas relações sociais que estão no seu contexto.

No capitalismo, o trabalho por si só constitui uma mediação social no lugar dessa matriz de relações. Isso quer dizer que as relações sociais abertas *não* conferem ao trabalho um caráter social; pelo contrário, uma vez que o trabalho medeia a si próprio, ele tanto constitui uma estrutura capaz de substituir os sistemas de relações sociais abertas quanto confere a si mesmo o seu caráter social. Esse momento reflexivo determina a natureza específica do caráter social automeiado do trabalho, bem como das relações sociais estruturadas por essa mediação social. [...] esse momento de autofundamentação do trabalho no capitalismo dá ao capitalismo um caráter “objetivo” ao trabalho, seus produtos e às relações sociais que ele constitui³⁰.

²⁸ Sobre tal forma de dominação social que abstrai os agentes da concretude, retomo passagem de Marx, em seus textos de juventude, na qual se apontava para uma “[...] existência *abstrata* do homem como um puro *homem que trabalha*”. MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. — [4.reimpr.]. — São Paulo: Boitempo, 2010, p.93. Tal relação será retomada no capítulo II deste trabalho.

²⁹ VIEIRA, Zaira. *Trabalho e emancipação humana em Marx: os Grundrisse*. Campinas: Papel Social, 2018, p.125. Vale a pena notar, portanto, o seguinte: Postone assume que, para Marx, são as relações sociais que estruturam a produção, e não o *contrário*. Tal questão será aprofundada no capítulo II.

³⁰ POSTONE. op. cit., p.177.

É tal automeadiação e autofundamentação do trabalho particular ao capitalismo que estaria na raiz da dinâmica alienante do capital, figurando o *valor* (a cristalização do trabalho abstrato) como um *sujeito*, um elemento automovente, autovalorizante e que possui natureza *temporal*. Conforme aponta Marx na *Contribuição à crítica da economia política* (1859), “as mercadorias não são mais que medidas determinadas de tempos de trabalho cristalizado”³¹. O que permitiria conceber tal inversão “subjetiva” e apresentar o movimento do capital de tal maneira seria o fato de que, como indica o historiador Jorge Grespan,

o capital afirma a força de trabalho como momento nele incluído e, por outro lado, a nega e exclui enquanto possível todo; ao afirmar e negar simultaneamente a fonte do valor a partir do qual ele mesmo se forma e define, o capital se contradiz justamente por sua tendência a se constituir em totalidade exclusiva que preside o conjunto das relações econômicas. Nesta força totalizante do capital, Marx encontrou o substrato a partir do qual se define um objeto autônomo, que pode e deve ser apresentado independentemente de condições exteriores a ele, e que tende a subsumir a si as demais relações sociais existentes³².

É a partir de tal autonomização — inversão entre sujeito e objeto — do processo do capital e de suas exigências que se configura a *alienação* (*Entäußerung*)³³, ou seja, um processo que surge historicamente como *resultado* da atividade do ser humano, um processo que lhe é tornado externo; que dele parte, mas nele passa a operar e se reiterar independentemente de sua vontade. Segundo Robert Kurz, que também integra a Nova Crítica do Valor e possui leituras de Marx muito próximas às de Postone,

O trabalho no sentido moderno é, portanto, a forma específica de atividade da “economia desvinculada” determinada pelo contexto do sistema impessoal emergente. Assim como a atividade do antigo escravo, definida como abstração social “trabalho”, era indiferente ao que se fazia, pois se tratava sempre do dispêndio de “energia servil”, o conteúdo geral da reprodução social tornou-se indiferente, porque se trata sempre da mesma transformação da energia humana abstrata em dinheiro. Com quase toda a atividade concentrada na esfera econômica

³¹ MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. — 2.ed. — São Paulo: Expressão Popular, 2008, p.55.

³² GRESPLAN, Jorge. *O Negativo do Capital*. — 1.ed. — São Paulo: Expressão Popular, 2012, p.30.

³³ Cf. POSTONE, op. cit., pp.10, 32, 47-9, 52, 57, 95, 100 et seq.

do fim em si mesmo, alienada e “desvinculada”, a abstração “trabalho”, antes socialmente limitada à atividade servil, tornou-se a forma de atividade social geral. Em última análise, isso significa que existem apenas atividades servis, mesmo que o “senhor” não seja mais a pessoa e sim o contexto do sistema anônimo³⁴.

Sublinhando o caráter temporal do capitalismo, Postone procura demonstrar que o tempo é justamente a mediação e a unidade deste trabalho geral e homogêneo — o trabalho abstrato —, isto é, do trabalho idêntico, *médio*, universal e alienado de produzir valores de troca³⁵, e não da relação deste trabalho, a qual seria secundária no capitalismo, com os valores de uso produzidos nos processos singulares de produção. Segundo ele, “o fato de Marx dizer que ‘o tempo de trabalho imediato [é o] fator decisivo da produção da riqueza’ sugere que *sua categoria de valor deveria ser examinada como uma forma de riqueza* cuja especificidade está relacionada à sua determinação temporal”³⁶. O tempo seria, assim, o tecido do qual é feito o *trabalho orientado para a produção capitalista de riqueza*³⁷. Como aponta Marx, “da mesma maneira que o tempo é a expressão quantitativa do movimento, *o tempo de trabalho é a expressão quantitativa do trabalho*. Conhecida sua qualidade, a única diferença de que o trabalho se torna suscetível é a diferença de sua própria *duração*”³⁸.

Para Postone, é por essa abstração que a temporalidade concreta, *função de eventos e da historicidade humana*, seria constrangida a produzir e ser reproduzida como *tempo do (sujeito) capital*, em seu ritmo particular e andamento de “*valor que se autovaloriza*”³⁹ — tal determinação geraria uma dinâmica histórica direcional e

³⁴ KURZ, Robert. A ditadura do tempo abstrato: o trabalho como desajustamento da era moderna; tradução de Marcos Barreira. *Margem Esquerda* — ensaios marxistas. n.º35, outubro de 2020, p.67.

³⁵ Postone insistirá que, no capitalismo, toda relação social tem uma “dupla face” que opera na mesma dinâmica. Cf. POSTONE, op. cit., p.330.

³⁶ Ibidem, p.147. Grifos meus.

³⁷ Segundo Marx: “compreende-se que o trabalho que se realiza no valor de troca é o trabalho do indivíduo isolado. Para que se converta em trabalho social, lhe é preciso adotar a forma de seu oposto imediato, a forma da generalidade abstrata. Enfim, o que caracteriza o trabalho que cria valor de troca é que as relações sociais das pessoas aparecem, por assim dizer, invertidas, como relação social das coisas. Já que um valor de uso se relaciona com o outro como um valor de troca, o trabalho de uma pessoa relaciona-se com o de outra como com o trabalho igual e geral. [...] Do mesmo modo que uma libra de ouro e uma libra de ferro, apesar da diferença de suas qualidades físicas e químicas, representam o mesmo *quantum* de peso, dois valores de uso que contenham o mesmo tempo de trabalho representam idêntico valor de troca”. MARX. op. cit., p.60.

³⁸ Ibidem, p.55. Grifo meu.

³⁹ POSTONE. op. cit., pp.96, 308-11.

imane ao capital⁴⁰. Segundo Mário Duayer e Paulo Henrique Furtado de Araújo, divulgadores da leitura postoniana no Brasil,

Postone se propõe a construir uma leitura específica e inovadora dos últimos textos de Marx. Nessa leitura, *as categorias básicas de Marx não são tomadas apenas como a manifestação de um modo específico de exploração*, mas, ao contrário, expressam uma dinâmica própria ao modo de vida constitutivo da sociedade capitalista, caracterizada por formas de dominação quase-objetivas, abstratas. [...] *A categoria valor é o fundamento desta dinâmica. O valor é a forma específica que a riqueza assume no capitalismo* e, simultaneamente, uma forma de mediação social singular⁴¹.

De acordo com Postone, “essa forma de alienação temporal envolve uma transformação da natureza do tempo em si. [...] O próprio tempo foi constituído como absoluto e abstrato. O tempo em si [...] tornou-se independente da atividade — seja ela individual, social ou natural”⁴². Considerando que, ao longo dos últimos séculos, o capital vem se modificando e acelerando seu movimento para adequar-se às novas contradições que ele próprio gera, passando por fases⁴³ distintas de sua própria dinâmica e nem sempre gerando algo totalmente ou efetivamente novo, Postone afirma que suas modificações são voltadas sempre para *sua perpetuação*, para progressivamente evitar que *o modo essencial pelo qual ele próprio já conduz a sociabilidade* dissolva-se a partir de suas contradições intrínsecas. Segundo Postone:

É a dominação *das pessoas pelo tempo*. Essa dominação temporal é real, não espectral. [...] *A dinâmica gerada pela dialética entre o valor*

⁴⁰ Ainda que, desse modo, a dinâmica não viria a ser linear. Ela seguiria, segundo Postone, o movimento “em espiral” do capital. Ibidem, p.308.

⁴¹ DUAYER, M; ARAÚJO, P. H. F. Para a crítica da centralidade do trabalho: contribuições de Lukács e Postone. *Revista Em Pauta*, n.35, 1o Semestre de 2015 v. 13, p.23. Grifos meus. Há uma forte contradição entre tal colocação e aquela de José Paulo Netto, por exemplo, em sua biografia de Marx recentemente publicada. Nela, Netto apresenta as seguintes assertivas, dentre outras, ao enumerar aqueles que, segundo ele, são os cinco traços essenciais d’*O capital*: “O modo de produção capitalista, 1) fundado na *exploração do trabalho* [Grifo E.G.] pelo capital, *não é* a expressão de uma pretensa ‘ordem natural’, menos ainda marca o *fim da história*: é uma forma social contraditória, temporária, transitória e substituível de organização da produção e distribuição das riquezas sociais. [...] [4] o modo de produção capitalista] torna efetiva as bases materiais necessárias para a constituição de uma nova e superior ordem social, liberada da *exploração do trabalho* [Grifo E.G.] pelo capital”. NETTO, José Paulo. *Karl Marx: uma biografia*. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2020, p.397

⁴² POSTONE. op. cit., p.249.

⁴³ Tomando as categorias de mercadoria e capital, Postone propõe “não limitá-las a qualquer uma das fases principais do capitalismo desenvolvido — e quem sabe, assim, permitir que elas iluminem a natureza subjacente da formação social como um todo”. Cf. Ibidem, p.34.

e o valor de uso é caracterizada, de um lado, pelas transformações em curso na produção e, mais generalizadamente, na vida social. Por outro lado, essa dinâmica histórica implica a reconstituição em curso das suas próprias constituições fundamentais como um atributo imutável da vida social. [...] A dinâmica histórica do capitalismo gera incessantemente o que é ‘novo’, enquanto regenera o que é ‘o mesmo’⁴⁴.

Nesses termos, apenas em tal dinâmica as pessoas seriam socializadas: trocando ou estando aptas a trocar “livremente” seus (e alheios) “tempos”, vivos e mortos, tornando-os incessantemente “trocáveis” e passíveis de serem traduzidos em “presentificação social”⁴⁵. Isso leva Postone a afirmar que “o conceito de Marx das relações sociais constituídas na esfera da produção não pode ser compreendido unicamente em termos de relações de exploração de classe”⁴⁶. Nos termos de Olavo Antunes Ximenes, tais questões poderiam ser sintetizadas do seguinte modo:

para Postone a contradição central não é mais aquela entre capital e trabalho, mas entre valor e riqueza material. Assim como a dominação central passa ser a dominação impessoal e abstrata. A mais-valia não possui mais um sentido crítico, pois a sua extração pelas classes não trabalhadoras não é mais o aspecto central da expropriação capitalista. O proletariado deixa de ser considerado o sujeito revolucionário por excelência⁴⁷.

Este é também o ponto fundamental de ruptura entre Postone e um de seus mais mencionados interlocutores: Lukács⁴⁸. Postone, entretanto, não nega apenas o “sujeito

⁴⁴ POSTONE, Moishe. O sujeito e a teoria social: Marx e Lukács. *Margem Esquerda* — ensaios marxistas. n°23, pp.53-72, outubro de 2014, p.68-9. Grifos meus.

⁴⁵ Nos termos de Postone: “O capitalismo como uma sociedade marcada por uma dualidade temporal — um fluxo contínuo e acelerado da história, por um lado, e uma constante conversão deste movimento do tempo em um presente constante, por outro. Embora constituídas socialmente, ambas as dimensões temporais exercem domínio sobre os atores constituintes e estão fora do seu controle”. Ou ainda: “Os produtores não são só obrigados a produzir de acordo com uma norma temporal abstrata, mas devem fazê-lo de forma historicamente adequada: eles são obrigados a ‘se manterem atualizados’”. POSTONE. *Tempo, trabalho e dominação social*. cit., 2014, p.346-7.

⁴⁶ *Ibidem*, p.324.

⁴⁷ XIMENES. op. cit., p.138. Grifos meus.

⁴⁸ Cf. LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. — 3ª ed. — São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018, p.308-9.

histórico” de Lukács⁴⁹: ele nega o proletariado enquanto “sujeito revolucionário”. É ainda neste sentido que é possível afirmar, como o faz Werner Bonefeld, que “de acordo com Postone, conflito de classe é uma força motora do desenvolvimento histórico do capitalismo apenas porque é estruturado por e embutido nas formas sociais da mercadoria e do capital”⁵⁰. Bonefeld ainda acrescenta algo *fundamental*: para Postone, “a contradição [central], então, não é entre capital e trabalho, mas entre trabalho abstrato e trabalho concreto, entre valor de troca e valor de uso”⁵¹.

1.2. Postone e a crítica marxista: o valor-trabalho e a alienação

Moishe Postone, para expor a maneira que concebe as categorias e suas relações, busca se opor a determinadas concepções do que ele nomeia “marxismo tradicional”⁵². Buscarei esclarecer como estas categorias, para ele, figuram na maneira de conceber o trabalho para tais correntes da teoria marxista que ele refere como sendo historicamente dominantes⁵³, e no que isso implica para sua análise do capital e sua forma de dominação de ordem temporal. Postone parte, para tal observação, mais especificamente

⁴⁹ Cf. POSTONE. op. cit., p.93, 105 et seq.

⁵⁰ BONEFELD, Werner. On Postone’s Courageous but Unsuccessful Attempt to Banish the Class Antagonism from the Critique of Political Economy. *Historical Materialism*, vol. 12, n. 3, 2004, p.104. Tradução minha.

⁵¹ Ibidem, p.115. Tradução minha. Tais contradições e suas relações com a obra de Marx serão avaliadas no Capítulo II.

⁵² Neste ponto se faz necessária uma digressão. Apesar de realizar um percurso crítico de obras e autores dos diversos “marxismos”, ora criticando autores como Hilferding, Bernstein, Kautsky ou Luxemburgo, ora valendo-se de noções de Rubin, Rosdolsky, Colletti, Lukács, realizando a crítica de representantes diversos da escola de Frankfurt, da chamada Nova Leitura de Marx [*Neue Marx-Lektüre*] (como Backhaus e Reichelt), além de pensadores alheios à teoria marxista, de Durkheim, Weber e Böhm-Bawerk a Parsons, o conceito de “marxismo tradicional”, termo utilizado mais de uma centena de vezes, como já indicado anteriormente, permanece obscuro ao longo da obra de Postone. Por mais que se compreenda as certas formas vulgares que a teoria de Marx pode ter assumido sob a direção da Internacional de Stalin, generalizando-se de fato, Postone não faz referência alguma (excetuando duas notas de rodapé), por exemplo, ao pensamento de uma indispensável referência deste que ele chama de “marxismo tradicional” para a realização de seu embate e crítica: Vladimir Ilitch Lênin — segundo Eric Hobsbawm, o “homem com maior impacto individual na história do século XX” (HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios 1875-1914*. Paz e Terra, 1988, p.289). Noto aqui, na obra de Postone, a ausência de uma justificativa e crítica mais direta e clara de aspectos basilares de tais correntes diante das quais ele se posiciona, como ao não tratar ou comentar o pensamento de Lênin e a categoria de imperialismo (centrais também para Lukács, autor que Postone privilegia em diversos aspectos para suas compreensões). Mesmo tendo em mente que Postone afirma que não busca tratar do capitalismo a partir de suas distintas fases, mas sim do que seria sua essência total, aqui já se encontra o índice de uma das limitações ou problemas de sua leitura. Tal questão será novamente abordada no Capítulo II. Cf. POSTONE, op. cit., p.61 et seq.

⁵³ Cf. Ibidem, pp. 80, 257 et seq.

dos *Grundrisse* (1857-8) e da Seção I do livro I d'*O Capital*. Opondo-se ao que ele nomeia “marxismo tradicional”, procura sustentar que tais disposições teóricas (principalmente as que se tornaram fiéis à *Komintern*), teriam interpretado de maneira equivocadamente trans-historicizante a *relação* entre as mencionadas categorias de trabalho, tempo e valor — no sentido de que, nesta interpretação corrente, tal *relação* deveria ser antropologicamente válida, assim, para toda a história e de forma axiomática⁵⁴.

Para Postone, *trans-histórico* seria aquilo que se põe como axioma antropológico, substância trans-histórica do ser humano. Por exemplo: como afirma Marx, há sempre atividade produtiva em toda e qualquer sociedade humana, na qual o homem “medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza”⁵⁵ e consigo mesmo. Contudo, para Postone, apenas no capitalismo desenvolvido a categoria do trabalho tornaria-se “a mediação” (e objetivação) *por excelência* de toda a sociabilidade, ou seja, *autonomizaria-se*: apenas ela objetivaria os agentes enquanto sujeitos (do capital), porque é ela própria mediada pela categoria do tempo, da atividade humana produtiva medida pelo tempo — somente dessa maneira o homem tornaria-se, portanto, algo como um “puro *homem que trabalha*”⁵⁶. Segundo Marcos Barreira,

O cerne da crítica de Postone à tradição marxista é que ela interpretou a obra de Marx a partir de uma noção reduzida de capitalismo, definido como uma combinação de economia de mercado e propriedade privada dos meios de produção. Essa definição não questiona a forma historicamente específica da produção capitalista e, contra a visão que faz de si mesma, permanece limitada a uma crítica das relações de distribuição no interior do capitalismo. Isso resulta em uma crítica do capitalismo *do ponto de vista do trabalho* e não, como em Marx, na *crítica do trabalho* no capitalismo. Postone também resgata uma dimensão fundamental da teoria madura de Marx que consiste em ver a sociedade moderna como um modo de vida baseado em formas *quasi-objetivas* de dominação. Também aqui ele se

⁵⁴ Ainda sobre este aspecto, Postone afirma: “O caráter historicamente específico do trabalho no capitalismo é de tal modo, de acordo com Marx, que ele *parece* ser ‘trabalho’ trans-histórico”. *Ibidem*, 90. Grifo meu.

⁵⁵ MARX. *O capital: livro I*. cit., p.255.

⁵⁶ MARX. *Manuscritos econômico-filosóficos*. cit., p.93; Cf. POSTONE, op. cit., pp.81 e 104, 317.

distancia da ênfase na personificação das relações sociais – “relações de exploração de classe” – nas interpretações marxistas tradicionais⁵⁷.

Portanto, para Postone, “o trabalho abstrato foi tratado implicitamente como uma generalização mental de vários tipos de trabalho concreto, e não como expressão de uma coisa real”⁵⁸. Ele afirma que o núcleo da crítica ao capital não deveria partir “do ponto de vista” do trabalho, mas ser constituído de:

[...] considerações de temporalidade e uma crítica da produção, [...] para uma análise da moderna sociedade capitalista como sendo direcionalmente dinâmica e estruturada por uma forma historicamente única de *mediação social* que, apesar de socialmente constituída, tem um caráter abstrato, impessoal e quase objetivo. Essa forma de mediação é estruturada por uma forma historicamente determinada de prática social (o trabalho, o capitalismo) e, por sua vez, estrutura ações, visões de mundo e disposições *das pessoas*. Essa abordagem redefine a questão da relação entre cultura e vida material em termos da relação entre uma forma historicamente específica de mediação social e formas de “objetividade” e “subjetividade” sociais.⁵⁹

O valor seria uma determinação *histórica* da sociabilidade, particular ao capitalismo. Para Postone, portanto, não tomar a crítica do capital como crítica imanente de suas categorias resultaria em “uma leitura que interpreta Marx como afirmando o que na verdade ele tenta criticar (por exemplo, a função historicamente determinada do trabalho como socialmente constitutivo)”⁶⁰. Criticando as correntes teóricas marxistas a partir da II Internacional⁶¹ e a maneira que concebem a categoria do trabalho — em especial a partir das diretrizes da III Internacional em diante, sob forte influência de Stalin⁶² —, Postone procura afirmar que a compreensão da *relação* entre a categoria de trabalho e a de valor como dado *ontológico*⁶³ foi determinante para que a crítica marxiana da teoria do valor-trabalho, a categoria do fetichismo e sua relação com o tempo perdessem protagonismo.

⁵⁷ BARREIRA, Marcos. Marx, Postone e a questão judaica. *Krisis*. 12/10/2023. Disponível em: <<https://www.krisis.org/2023/marx-postone-e-a-questo-judaica/>>. Acesso em: 18/05/2023.

⁵⁸ POSTONE. op. cit., p.172.

⁵⁹ Ibidem, p.19. Grifos meus.

⁶⁰ Ibidem, p.168.

⁶¹ Cf. Ibidem, p.172.

⁶² Para mais sobre tal questão, Cf. NETTO, José Paulo. *O que é stalinismo*. — 4.ed. — São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986, p.16-7.

⁶³ Cf. POSTONE, op. cit., pp.80-1, 317.

É desta maneira que ele sustenta que, em tais perspectivas, “a ‘forma’ (valor) é completamente separável do ‘conteúdo’ (‘trabalho’)”⁶⁴. Para Postone, o trabalho abstrato “expressa uma função social única do trabalho no capitalismo além de sua função ‘normal’ como atividade produtiva”⁶⁵.

Uma tal separação entre forma e conteúdo, conforme Postone busca demonstrar, é o que ocorreria, na verdade, no próprio processo do capital: é o próprio *fetichismo* que a realizaria, e não poderia compor verdadeiramente uma crítica de suas propriedades. Para Postone, um tal equívoco teria levado a um abandono do próprio conceito de fetichismo no último século, como o fez Althusser⁶⁶, por exemplo, ou a elencá-lo, junto da alienação, como um elemento secundário ou até mesmo descartável para a crítica.

O fetichismo, que surgiria justamente com a forma-mercadoria enquanto uma espécie de *inversão efetiva entre concreto e abstrato* na sociabilidade moderna, seria, para Postone, a determinação da produção social pelo valor e pela troca de mercadorias; pela face abstrata que elas representam. Ou seja, o que coordena o processo não é a face concreta das mercadorias — incluindo a face concreta do trabalho que as produz, seus valores de uso que são seus suportes —, mas seu elemento abstrato: “o valor que se autovaloriza” seria, assim, o fetichismo em si mesmo. No entanto, não se trataria de uma abstração restrita à consciência ou uma mera abstração nominal que emerge na sociabilidade, sendo secundária ou alheia à materialidade⁶⁷. Ele seria a própria realização de uma forma particular de mediação social que se *apresenta e se comporta como não mediada* pelo ato humano.

Para compreender o fetichismo de tal modo, seria então indispensável tomar o capital como *sujeito* de seu processo⁶⁸, e não simplesmente identificá-lo à classe social necessariamente portadora de capital — os capitalistas —, que administraria e

⁶⁴ Ibidem, p.81.

⁶⁵ Ibidem, p.176.

⁶⁶ Cf. Ibidem, p.95-8; NETTO, José Paulo. *Capitalismo e reificação*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981, p.17. É útil apontar que Postone toca em pouquíssimos aspectos do pensamento de Althusser em sua obra.

⁶⁷ Nas palavras de Anselm Jappe, leitor de Postone: “Para compreender que o fetichismo é uma ‘inversão real’, primeiramente é preciso se dar conta de que o trabalho abstrato não é uma abstração nominal, nem uma convenção que nasce (ainda que inconscientemente) na troca: ele é a redução efetiva de toda atividade a um simples dispêndio de energia. Tal redução é ‘efetiva’ na medida em que as atividades particulares — assim como os indivíduos que as realizam — só se tornam sociais enquanto reduzidas a essa abstração”. JAPPE, Anselm. *Alienação, reificação e fetichismo da mercadoria*. *Revista Limiar*. nº2, vol. 2, 1º semestre de 2014. op. cit., p.22. Grifos meus.

⁶⁸ Cf. POSTONE. op cit., p.308.

beneficiaria-se de seus movimentos⁶⁹ (afinal, é a classe destinada, nesta forma social, a portar o poder social “no bolso”⁷⁰). Retornando a Postone:

A interpretação de Marx sobre o sujeito histórico com referência à categoria do capital indica uma mudança de uma teoria de relações sociais entendida apenas em termos de classes sociais para uma teoria de formas de mediação social expressas por categorias como valor e capital [...] o que constitui o próprio tecido na sociedade moderna. O “sujeito”, para Marx, é uma determinação conceitual desse tecido [...] de acordo com Marx, esse sujeito não é um agente social concreto e humano, coletivo ou individual. Pelo contrário, o sujeito histórico analisado por Marx é composto por *relações objetivadas*⁷¹.

Assim, seria possível, para Postone, afirmar que “*objetivação* [por meio do trabalho] *é de fato alienação — se o que o trabalho objetiva são as relações sociais*”⁷². Diante de tal assertiva, resta contudo o questionamento acerca daquilo que Marx afirma de modo contundente em uma conhecida passagem da *Contribuição à crítica da economia política*: se “o modo de produção da vida material [o trabalho — N.E.G.] condiciona o processo de vida social, política e intelectual”⁷³, como logra Postone afirmar que, “segundo Marx”, apenas *no capitalismo* o trabalho “objetiva [...] as relações sociais”?

1.3. A centralidade do valor e o capital como *sujeito histórico*

Como apresentado anteriormente, Postone busca demonstrar a centralidade da crítica de Marx à teoria do valor-trabalho e sua concepção da categoria de

⁶⁹ Marx, contudo, não se exime de chamá-las claramente de “classes dominantes” [*herrschende Klassen*], e isso não apenas em seus textos anteriores, como n’A *ideologia alemã* (1845-46) — na conhecida afirmação: “as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes” —, mas também nos *Grundrisse* (1857-8), obra de Marx que Postone privilegia, e n’O *capital*. Aqui temos um ponto importante sobre o qual ele parece não lançar grande atenção em sua análise, e que será investigado com maior rigor. Cf. MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. — São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011, p.112/ MEW 42, p.98; ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007, p.47./ MEW 3, p.46; MARX. *O capital: livro I*. cit., p.748/ MEW 23, p.704

⁷⁰ Cf. MARX. *Grundrisse*. cit, p. 105.

⁷¹ POSTONE. op. cit., p.97. Grifos meus.

⁷² *Ibidem*, p.187.

⁷³ MARX. *Contribuição à crítica da economia política*. cit., p.47

tempo-trabalho (trabalho como *quantum* de tempo⁷⁴). Ele aponta que o trabalho *no capitalismo* — que é *tempo abstraído*, trabalho abstrato que tem de devir valor de troca — é o *mediador* do capital e de todas as relações sociais, e não apenas um fundamento antropológico que no capitalismo tornar-se-ia alienado de seus agentes pela classe dominante e seu poder *pessoal*⁷⁵. Marx dirá que, no capitalismo, todas as reduções de tempo de trabalho necessário — advindas dos desenvolvimentos da ciência, da técnica, dos novos domínios do saber e das potencialidades entre o ser humano, ele mesmo e a natureza — são orientadas para *pôr trabalho excedente*, e não para reduzir o trabalho necessário da sociedade como um todo a um mínimo.

Nos termos de Postone, Marx não escreveu uma economia política, mas uma *crítica* à economia política⁷⁶ a partir de suas próprias categorias, ou seja, uma crítica imanente à materialidade capitalista e suas correspondentes abstrações que, por meio do fetichismo, gerariam o valor-trabalho. Uma teoria *legitimante* do valor-trabalho antecederia Marx e já se encontraria presente dentre os economistas políticos clássicos⁷⁷; assim, tratar-se-ia de “uma crítica do trabalho *no* capitalismo, não uma crítica do capitalismo do ponto de vista do trabalho. [...] na crítica de Marx, as categorias fundamentais da vida social no capitalismo *são categorias do trabalho*”⁷⁸. Postone, partindo de Lucio Colletti e Isaak Rubin, afirma que as correntes hegemônicas não teriam assumido o fato de que “a teoria de Marx do valor é idêntica à sua teoria do fetiche”⁷⁹. Sobre tal crítica da categoria do trabalho e sua mediação, Postone sustenta:

[...] a noção de “trabalho” implica uma concepção de mistificação segundo a qual não existe relação intrínseca entre o “conteúdo” social e sua forma mistificada. Mas, na análise de Marx, formas de mistificação (do que ele chamou de “fetiche”) *são* definitivamente relacionadas de maneira intrínseca com seu “conteúdo” — são tratadas como formas *necessárias* de aparência de uma “essência” que

⁷⁴ “A troca de trabalho vivo por trabalho objetivado, *i.e.*, o pôr do trabalho social na forma de oposição entre capital e trabalho assalariado, é o último desenvolvimento da *relação de valor* e da produção baseada no valor. O seu pressuposto é e continua sendo a massa do tempo de trabalho imediato, o *quantum* de trabalho empregado como o fator decisivo da produção de riqueza”. MARX, Karl. *Grundrisse*. cit., p. 587.

⁷⁵ Para Postone, “esse processo, que constitui o trabalho abstrato, é de alienação: o trabalho se torna uma força em si, separada dos indivíduos. Valor [...] não é somente independente das pessoas, ele as domina”. POSTONE. op. cit., p.172-3.

⁷⁶ Cf. *Ibidem*, p. 41-2.

⁷⁷ Cf. *Ibidem*, p.37

⁷⁸ *Ibidem*, p.37. Grifos meus.

⁷⁹ *Ibidem*, p.172.

expressam e ocultam. [...] Em outras palavras, as formas sociais impessoais, quase objetivas expressas por categorias como mercadoria e valor, não disfarçam somente as relações sociais “reais” do capitalismo (ou seja, as relações de classe); pelo contrário, as estruturas abstratas expressas por essas categorias *são* essas relações sociais reais.⁸⁰

Portanto, o fato de se tratar de *trabalho abstrato*, logo de sua medida, o *tempo abstrato*, para a mediação total das relações sociais e do movimento histórico⁸¹ — em outras palavras, que as formas de mediação social são abstratas e se apresentam como algo imediato e concretizado — não significaria que elas não se *realizem dessa maneira* na efetividade, ou que estejam presentes apenas no plano ideal enquanto “falseamento” ou “representação”, e que bastaria assim desmistificá-las na *consciência*⁸² geral ou individual⁸³.

Postone sugere haver um “trabalho-relação-social” sob o capital. Este caráter de “mediação” absoluta do *valor* seria o que reitera a exigência de tomar o capital enquanto *sujeito do processo histórico no capitalismo*⁸⁴: “valor que se autovaloriza”, ou um “sujeito-objeto idêntico”. Ele não o faria sem coordenar e consumir (de diversas maneiras e intensidades) concretamente o destino e a temporalidade dos agentes sociais que a ele são coagidos e lhe servem de suporte, apresentando-se simultaneamente como agência livre deles próprios. Para Duayer e Araújo, intérpretes de Postone:

A dominação das pessoas pelo tempo, como já observado, é a forma abstrata e historicamente específica de dominação social intrínseca às formas fundamentais de mediação social na sociedade capitalista. Tal dominação abstrata, por sua vez, está associada a uma forma específica e abstrata de temporalidade – o tempo abstrato newtoniano

⁸⁰ Ibidem, p.82

⁸¹ Segundo Duayer e Araújo, “O valor, ou seja, o tempo de trabalho, é a própria riqueza no capitalismo e o material do qual são feitas as relações sociais (POSTONE, 2014, p. 348). Trata-se de um metabolismo criado pelo trabalho dos seres humanos e que domina os produtores e os obriga a continuar trabalhando, garantido a manutenção dessa dominação”. DUAYER, M.; ARAÚJO, P. H. F. op. cit., p.25.

⁸² Cf. DUAYER, M.; ARAÚJO, P. H. F. Valor como Forma de Mediação Social: Interpretação de Marx a partir de Postone. In: *Anais XXIV Encontro Nacional de Economia Política*. Vitória, 2019, p.5

⁸³ Cabe neste ponto retomar a importante pergunta de Marx: “por que o trabalho se representa no valor, e a medida do trabalho, por meio de sua *duração temporal*, na grandeza de valor do produto do trabalho?”. MARX. *O capital: livro I*. cit., p.155. Grifo meu.

⁸⁴ “Embora Marx postule a existência no capitalismo do que Hegel identifica como um *sujeito histórico* — isto é, um *sujeito-objeto idêntico* —, ele o identifica como a *forma de relações sociais alienadas* expressa pela categoria capital, e não como um sujeito humano, seja individual ou coletivo.” POSTONE. op. cit., p. 252. Grifos meus.

(tempo lógico). Como valor e mais-valor são trabalho humano abstrato, portanto, *indiferenciáveis entre si*, a verificação da ampliação do valor, da produção de valor a mais, da valorização, *só pode ser feita através da quantificação do tempo gasto no processo de trabalho produtor das mercadorias*. Por esse motivo, a temporalidade abstrata encontra-se necessariamente associada à produção de valor e mais-valor, e, por conseguinte, ao aumento da força produtiva do trabalho e à extração de mais valor relativo como momento decisivo para o processo de acumulação de capital. Todo esse movimento ocorre no interior dessa temporalidade abstrata.⁸⁵

Consequentemente, surge daí uma pergunta: se o capital é *sujeito*, movimento autônomo, e seu movimento é justamente o de valorizar a si mesmo, sua dinâmica histórica (seu *tempo*) seria, como o disse Walter Benjamin em seu clássico *Sobre o conceito de história*⁸⁶, a de um “tempo homogêneo e vazio” [*eine homogene und leere Zeit*], idêntico a si mesmo⁸⁷? Seria esta a “essência” do capital que Postone busca afirmar ser também a mesma essência que Marx concebe?

Tal movimento “em falso” da história — segundo Postone, a própria dinâmica particular do capitalismo — seria representado por cada um dos agentes que o objetivam⁸⁸, um movimento que “representa *realmente* algo, sem se representar algo real”⁸⁹.

⁸⁵ DUAYER, M; ARAÚJO, P. H. F. Para a crítica da centralidade do trabalho: contribuições de Lukács e Postone. cit., p.25. Grifos meus.

⁸⁶ Cf. BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. In: *O anjo da história. O anjo da história* — 2.ed. — Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p.17.

⁸⁷ Também Postone chama o tempo abstrato do capital, como o faz Benjamin, de “tempo homogêneo e vazio”, uniforme e independente dos eventos. Cf. POSTONE. op. cit. p.234.

⁸⁸ De acordo com Marx, “o valor passa constantemente de uma forma a outra, sem se perder nesse movimento, e, com isso, transforma-se no *sujeito automático* do processo. [...] Na verdade, porém, o valor se torna, aqui, o *sujeito* de um processo em que ele, por debaixo de sua constante variação de forma, aparecendo ora como dinheiro, ora como mercadoria, altera sua própria grandeza [...] [e assim] valoriza a si mesmo. Pois o movimento em que ele adiciona mais-valor é seu próprio movimento; sua valorização é, portanto, autovalorização. [...] [o valor] se apresenta, de repente, como uma *substância em processo*, que move a si mesma e para a qual mercadorias e dinheiro não são mais do que meras formas”. MARX. *O capital: livro I*. cit., p.229-30. Grifos meus.

⁸⁹ No original: “[...] *wirklich* etwas vorzustellen, ohne etwas Wirkliches vorzustellen” (MEW 3, p.31; MARX; ENGELS. *A ideologia alemã*. cit., p.35). Segundo Jorge Grespan, é neste ponto que está “uma chave para penetrar no modo pelo qual o capital engendra as formas que tornam os agentes econômicos até certo ponto conscientes do que fazem e, assim, capazes de *reproduzir* com eficácia o sistema em que vivem”. GRESPAN, Jorge. *Marx e a crítica do modo de representação capitalista*. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2019, p.9. Grifos meus.

1.4. O tempo alienado e a história

Tomando as considerações até agora expressas, seria possível pensar, primeiramente, em uma categoria concreta de tempo cuja objetivação, seu caminhar objetivo, serial, para Postone, *movimento histórico estruturalmente diferenciador* (no sentido de movimento qualitativo das determinações sociais), sempre mediado historicamente; tempo que marca e diferencia a estruturação das unidades geracionais na história (sociais, políticas, econômicas, biológicas, etc). Esta categoria não seria, para Postone, *apagada* ou ocultada sob o capitalismo, mas seria reiteradamente “convertida em temporalidade abstrata”⁹⁰. Ou seja, não haveria efetivamente “dois tempos” *um ao lado do outro* no capitalismo, assim como também não há “dois trabalhos”, mas um “tempo duplo”, cindido, no interior do qual opera-se a contradição movente e no qual a face que se positiva é a abstrata.

Para Postone, as gerações políticas, econômicas e regionais se alteram, obviamente, “acontecem”, diferem-se na história — de modo cada vez mais acelerado, aliás, a face técnica, científica e política devem dinamizar-se assim constantemente no capital —, mas todas sob a égide de uma *forma social global* que resistiria em dissolver-se em suas contradições e seu próprio desenrolar. Sua “dinâmica” seria justamente sua reiterada “permanência” e ela seria de ordem *social*. Nos termos de Postone, tratar-se-ia de um “movimento do tempo em oposição ao movimento do tempo”⁹¹, pois mesmo que se acelere tal e mesma dinâmica⁹² de transformações não estruturais de produção, o que ocorre é o que Postone chama de *Treadmill effect*⁹³. Segundo ele, pode-se dizer que desenrola-se um tempo *dissociado dos eventos humanos*⁹⁴. Como afirmam Duayer e Araújo:

O efeito do aumento da produtividade sobre o valor consiste na redução da unidade de tempo que serve de referência, no caso, à hora de trabalho social (tempo por unidade de mercadoria). Em

⁹⁰ POSTONE. op. cit., p.346.

⁹¹ Ibidem, p.338.

⁹² Sobre a já mencionada “aceleração” da dinâmica histórica, cf. Ibidem, p.339.

⁹³ Uma *treadmill* se referia originalmente a um dispositivo que utiliza animais ou pessoas como força motriz, tendo um eixo e um sistema de polias ou roldanas para aproveitar a tração movimental. Hoje, um dispositivo análogo é o das esteiras de ginástica, ou as rodas sobre as quais correm hamsters presos em suas gaiolas. Cf. Ibidem, p.339.

⁹⁴ Cf. Ibidem, p.234.

consequência, com o aumento da produtividade e a redução do tempo gasto para a produção das mercadorias necessárias para a manutenção e reprodução da força de trabalho, o nível básico para a mensuração do valor se modifica continuamente, de modo que, na mesma hora temporalmente tratada, obtém-se uma quantidade cada vez maior de mercadorias. Em outras palavras, a medida continua sendo a hora, mas o aumento da produtividade, a elevação da força produtiva do trabalho permite que em meia hora, por exemplo, produzam-se tantas ou mais mercadorias do que antes, em uma hora. De tal maneira que a sociedade passa a ter a cada vez um novo nível básico de referência para a mensuração do valor. A essa dinâmica peculiar do capital (de transformação e reconstituição da determinação temporal abstrata do valor) que se impõe à totalidade da formação social capitalista Postone chama de *treadmilleffect*⁹⁵.

Desta maneira, Postone sugere assumir que o capitalismo plenamente desenvolvido não transforma os indivíduos enredados na sociedade em agentes propriamente *temporais* e *históricos*, mas os aliena em movimento do *tempo abstrato propriamente dito*. A experiência geral do tempo e da história, sob o fluxo do capital, tenderia assim a ser progressivamente sempre mais formal e *contemplativa*⁹⁶, e não *diferencialmente ativa*.

Para Postone, quanto mais essa dinâmica histórica se movimenta, mais ela se torna “estática”⁹⁷, presentificada, empurrando-se “para frente no tempo”⁹⁸. No entanto, qual a implicação de suas teses para a superação do capitalismo, visto que Postone não oferece nenhuma resposta clara à notória e jamais secundária pergunta: “o que fazer?”

Em uma leitura que satura o capital de subjetividade e despossui as forças que a ele naturalmente se contrapõem de qualquer ímpeto em sentido verdadeiramente diverso, seria esta última pergunta sequer possível? Não estaríamos, assim, diante de uma dita “imanência” absoluta e de tipo pós-estruturalista?⁹⁹ Ele aponta para reflexões

⁹⁵ DUAYER, M; ARAÚJO, P. H. F. Para a crítica da centralidade do trabalho: contribuições de Lukács e Postone. cit., p.27.

⁹⁶ Sobre a processualidade contemplativa aqui em questão, diz György Lukács, um importante interlocutor de Postone: “quanto mais se considera essa situação em profundidade e independentemente das lendas burguesas sobre o caráter ‘criador’ dos expoentes da época capitalista, tanto mais claramente aparece, em tal comportamento, a analogia estrutural com o comportamento do operário em relação à máquina que ele serve e observa, e cujo funcionamento ele controla enquanto a *contempla*.” LUKÁCS. op. cit., p.219. Grifo meu.

⁹⁷ Cf. POSTONE. op. cit., p.338.

⁹⁸ Ibidem, p.337.

⁹⁹ Tal vinculação entre as noções de Postone e o pós-estruturalismo será comentada no Capítulo II.

atuais diante das formas fundamentais dos princípios já expostos por Marx, ou enseja a retomada de abstrações pouco esclarecedoras, pouco tributárias ao pensamento historicamente efetivo de Marx e que por sua vez poderiam conduzir a certas concepções do capitalismo a oscilar entre um tendencial “fim da história” e uma lógica “imane” de transição a outro modo de produção, contrariando a própria ideia do caráter necessariamente histórico do capital? Postone recupera uma crítica fundamental verdadeiramente presente no Marx histórico? Tais são as questões que trataremos a partir do capítulo seguinte.

Capítulo II. Moishe Postone e a “Miséria Filosófica”: dissonâncias entre a leitura de Postone e *O capital* de Marx.

*As categorias econômicas são apenas expressões teóricas,
abstrações das relações sociais da produção.*

(Karl Marx, Miséria da filosofia)

2.1. Primeiras dissonâncias: o capitalismo como *modo de produção* ou *sistema de dominação*?

Ao longo de toda sua obra *Tempo, trabalho e dominação social*, conforme já apresentado na introdução a este trabalho e no capítulo anterior, Postone insistirá que a “essência”¹⁰⁰ do capitalismo é, “para Marx”, a dominação pela via do trabalho e de sua forma temporalmente homogênea, intercambiável, determinante e alienante; em suma, pela sua face *abstrata*. Neste capítulo, seguirei examinando os pressupostos que Postone mobiliza e o modo pelo qual ele busca extrair uma tal interpretação da obra de Marx para formular a primeira tese apresentada na introdução deste trabalho, a saber, a de que o capitalismo seria um “sistema de dominação” fundado no fato de que o trabalho — diferentemente de como o seria para todas as outras sociedades — é o elemento que *socializa*, e ele o faria de modo homogêneo e indiferenciado pela sua face *temporal*, a qual se manifesta nas relações de *troca* de mercadorias; isto é, o capitalismo seria a única *sociedade*, ou “sistema de dominação” (e, não como diria Marx, um “modo de produção”) na qual a dominação se daria *pelo trabalho*.

Assim, será necessário privilegiar as categorias de “trabalho” e “modo de produção” no entendimento de Postone para esclarecer e aprofundar tal compreensão acima apresentada, contrapondo tais categorias sempre com sua figuração n’*O capital* de Marx — em suas confluências e, particularmente, em suas dissonâncias. A partir deste capítulo, o recurso frequente ao texto propriamente marxiano será indispensável para a avaliação da proposta *interpretativa* de Postone. Para tal, *a propriedade privada dos meios de produção*, como será demonstrado, terá um papel expositivo

¹⁰⁰ Postone busca “uma compreensão da essência do capitalismo como uma formação social singularmente dinâmica, repensando os significados das categorias marxianas básicas de mercadoria e capital de formas bastante diferentes das interpretações marxistas tradicionais”. POSTONE. op. cit., p.10.

incontornável. O recurso constante à exposição comparativa entre a obra de Marx e a de Postone para a compreensão da figuração categorial postoniana será, assim, a forma necessária que a investigação e a demonstração deverão assumir. A partir deste momento, a ordem de apresentação das categorias tal qual é realizada por Postone deverá ser alterada, visto que esta mesma ordem é também responsável pelas inversões categoriais presentes em sua interpretação — uma outra ordem de apresentação, a qual se configurará a partir deste momento, deverá revelar tais inversões. Também recorrerei, a partir deste ponto, às críticas mais fundamentais à leitura de Postone apresentadas principalmente por Jacques Bidet, Zaira Vieira e Michael Sommer, bem como por outros críticos.

Para extrair de Marx o pressuposto sublinhados acima, Postone afirma que o conteúdo do capital não seria primariamente uma relação dinâmica e particular de classe; ou seja, para ele (e segundo ele, para Marx), não estaria pressuposta, *subjacente de modo central ao capitalismo*, a propriedade privada de uma classe sobre os meios de produção¹⁰¹, e conseqüentemente, a apropriação de “trabalho não pago” de uma classe pela a outra através de uma relação e imperativos econômicos na forma-mercadoria que a força de trabalho assume.

Eis que surge uma primeira, fundante e comprometedora “lacuna”, dissonância entre Postone e Marx, já que este último afirma, em mais de uma dezena de passagens explícitas d’*O capital*, que o “trabalho não pago” da classe trabalhadora — o trabalho vivo despendido para além da reposição equivalente do valor da força de trabalho na forma de salário; o acréscimo de valor gerado pelo mais-trabalho, que nada custa à classe capitalista — é justamente o coração e aquilo que move o modo de produção e acumulação do capital. Postone, entretanto, não menciona o “trabalho não pago”¹⁰² enquanto fator que mereça presença na análise em momento algum de seu longo livro, seja esta expressão uma representação funcionalmente simplificada do processo, seja ela a sua descrição precisa: o modo particular de expropriação de mais-trabalho da classe dos produtores para a acumulação do capital. N’*O capital*, Marx nos diz: “*O segredo da*

¹⁰¹ Ele nos diz categoricamente: “não analiso o capitalismo primariamente em termos de propriedade privada dos meios de produção ou de mercado”. Ibidem., p.17-18.

¹⁰² Para a constatação comparativa de tal ausência na obra de Postone, cf. MARX. *O capital : livro I*. cit., pp.324, 601-2, 610, 619-20, 639, 658, 661-2, 671, 695-6, et seq.; *O capital: livro I: capítulo VI (inédito)*. — 1.ed. — São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978, pp.22, 28, 32, 37-8,47, et seq..

*autovalorização do capital se resolve no fato de que este pode dispor de uma determinada quantidade de trabalho alheio não pago*¹⁰³, e não unicamente no fato de que este é constituído pela *forma* valor. Também Engels tem claras palavras a respeito do “trabalho não pago” em seu *Anti-Dühring*, obra conhecida por Marx, na qual este último contribuiu com o capítulo X da Seção II. Engels afirma que,

por um lado, tratava-se de *expor esse modo de produção capitalista em seu nexó histórico e em sua necessidade para um determinado período histórico* — e, portanto, de expor também a necessidade de seu desaparecimento[...]. Isso aconteceu mediante a descoberta do mais-valor. Ficou comprovado que *a apropriação de trabalho não pago é a forma básica do modo de produção capitalista e da espoliação do trabalhador por ela levada a efeito*; que, mesmo que o capitalista compre a força de trabalho do seu trabalhador pelo valor cheio que ela tem como mercadoria no mercado, ainda assim ele conseguirá extrair dela um valor maior do que pagou; e que *esse mais-valor constitui, em última instância, a soma de valor a partir da qual se acumula a massa sempre crescente de capital nas mãos das classes possuidoras*¹⁰⁴.

Postone, por sua vez, afirma que o “segredo” do capitalismo teria em seu centro uma forma histórica particular da socialização, de produção e reprodução de relações sociais, que *parte da natureza temporal do trabalho produtor de mercadorias* e é realizada *através do tempo* como categoria que se autonomizaria, já que, como anteriormente demonstrado, considera que o trabalho enquanto mediação totalizante da sociedade assim hegemonizou-se por ser algo trocável (valor de troca) e homogeneamente mensurável em sua qualidade exclusivamente temporal e abstrata — em sua própria qualidade da *equivaler quantitativamente*, no momento da troca de mercadorias e antes mesmo de sua *realização na produção de mercadorias*¹⁰⁵.

¹⁰³ MARX. *O capital: livro I*. cit., p.602. Grifos meus.

¹⁰⁴ ENGELS, Friedrich. *Anti-Dühring: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring*. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2015, p.56. Grifos meus.

¹⁰⁵ A título de exemplo da relação entre trabalho abstrato e trabalho concreto, assim como da natureza temporal de tal relação, diz Anselm Jappe, já mencionado leitor e conhecido divulgador das noções de Postone: “o camponês que trabalhou o dia inteiro para colher o seu trigo, como ele sempre o fez, poderia constatar no mercado que a sua jornada de trabalho concreto e privado subitamente ‘vale’ apenas duas horas de trabalho, porque importações de trigo, provenientes dos países onde esse tipo de trabalho é mais ‘produtivo’, estabeleceram um novo padrão — e assim, o lado ‘abstrato’ se torna terrivelmente real para esse camponês que cai na miséria”. JAPPE. op. cit., p.20. Apesar de representar a relação de valor e tempo no trabalho-mercadoria, Jappe não faz questão de diferenciar aqui o camponês assalariado daquele que é o proprietário da terra e dos meios pelos quais ele colhe este trigo como produtor independente, ou

A “mediação social” da categoria do trabalho seria, para Postone, o elemento *causal* de uma tal dinâmica sistêmica de dominação: todos *têm de trocar*, seja mercadoria, seja capital, seja apenas a mercadoria força de trabalho, para obter seu sustento (ou mais do que isso), e tal troca tem por fundamento o *valor*, a medida única e universal *do trabalho* enquanto *quantum* de dispêndio de força mensurável em *tempo* (médio) de trabalho. É dessa forma que a categoria *do trabalho* penetraria em todas as dimensões de socialização e, segundo ele, esta seria propriamente a *crítica* oferecida por Marx, “uma crítica do trabalho no capitalismo, não uma crítica do capitalismo do ponto de vista do trabalho”¹⁰⁶. Para ele, este seria o elemento fundamental presente em Marx, e esta compreensão teria escapado a basicamente toda a tradição marxista, a qual teria equivocadamente interpretado a obra marxiana e sua crítica do capitalismo a partir da centralidade, portanto, da *classe do trabalho* (“ponto de vista do trabalho”).

É de tal modo que, para ele, interessaria mais (e assim também seria, segundo ele, o caso de Marx) a categoria *do trabalho* e *da mercadoria* — em suas particularidades mais abstratas — do que a própria *classe trabalhadora* e a *mercadoria força de trabalho*, ou o modo pelo qual elas são instituídas e restituídas enquanto tais; assim como interessar-lhe-á o *valor* mais do que o *mais-valor*. Nas palavras de Postone:

Minha leitura da teoria crítica de Marx concentra-se na concepção da centralidade do trabalho para a vida social, geralmente considerada a base de sua teoria. Eu argumento que o significado da categoria do trabalho é diferente do que geralmente tem sido aceito: ela é historicamente específica, mas não trans-histórica. *Na crítica madura de Marx, a noção de que o trabalho constitui o mundo social e é fonte de toda a riqueza não se refere à sociedade em geral, mas exclusivamente ao capitalismo, ou à sociedade moderna.* Ademais, e isso é crucial, a análise de Marx não se refere ao trabalho como geral e trans-historicamente concebido — uma atividade finalística que medeia entre os seres humanos e a natureza, criando produtos específicos para satisfazer necessidades humanas específicas — mas a um papel peculiar desempenhado pelo trabalho somente na sociedade capitalista. [...] É essa reconsideração da importância do conceito marxiano de trabalho que fornece a base da minha reinterpretação de

ainda as mediações e figuras do arrendatário e do proprietário fundiário. Portanto, a representação do processo de valorização do capital não está aqui propriamente contemplada.

¹⁰⁶ POSTONE. op. cit., p.37.

sua análise do capitalismo e *coloca em seu centro considerações de temporalidade* e uma crítica da produção”¹⁰⁷.

Contudo, considerando que tal noção, isto é, a de que seria apenas *o trabalho* aquilo que *constitui a riqueza material universal*, ter sido sempre muito cômoda para o liberalismo — afinal, deste modo legitima-se a força de trabalho enquanto mercadoria “natural” —, verifica-se que Postone parece ter aqui esquecido a dura crítica de Marx dirigida às noções de Lassalle e ao Programa de Gotha: “O trabalho *não é a fonte* de toda riqueza. A *natureza* é a fonte dos valores de uso (e é em tais valores que consiste propriamente a riqueza material!), tanto quanto o é o trabalho, que é apenas a exteriorização de uma força natural, da força de trabalho humana”¹⁰⁸.

Assim, diferentemente de Postone, Marx compreende esta dimensão ideológica (de que o trabalho é *fonte* de toda riqueza no capitalismo¹⁰⁹) como produto do pensamento e de práticas burguesas, *e não de sua crítica*. Se recorreremos ainda a Claudio Napoleoni, economista marxista da Universidade de Turim, e verificamos quais eram as concepções dos economistas do liberalismo clássico (fundamentalmente Smith e Ricardo), torna-se evidente que a noção da centralidade do *valor* que Postone assume para a explicação do capital — carecendo, portanto, da centralidade do *mais-valor* para a sua leitura — não é nem o ponto de chegada de Marx, nem uma novidade trazida por Postone:

A economia política clássica se apoia em duas proposições fundamentais. A primeira é que a sociedade (e se trata naturalmente da sociedade capitalista, ainda que os clássicos a pensem como sociedade *tout court*) se baseia na relação de *troca*, com a consequência de que a explicação do valor de troca é o ato preliminar da explicação científica da sociedade mesma. A segunda proposição é que os valores de troca estão de certo modo vinculados à quantidade de trabalho¹¹⁰.

¹⁰⁷ Ibidem, p.19. Grifos meus.

¹⁰⁸ MARX, Karl. *Crítica do programa de Gotha*. — São Paulo: Boitempo, 2012, p.23.

¹⁰⁹ Pode-se ilustrar com um exemplo simples, mas muito eficaz: se pensamos no famoso poema do espanhol Gabriel Celaya (*La poesía es una arma cargada de futuro*, de 1955), que nos fala sobre “el aire que exigimos trece veces por minuto”, torna-se clara esta dimensão da natureza a ser fonte de inestimável riqueza para trabalho natural e imprescindível de nossos corpos. Os mesmos corpos que, no capitalismo e por parte da classe trabalhadora, fornecem a força de trabalho na forma mercadoria.

¹¹⁰ NAPOLEONI, Claudio. *Lecciones sobre el capítulo sexto (inédito) de Marx*. Ciudad de México: Ediciones Era, 1976, p.19-20. Tradução minha.

É também em relação à dissonância anteriormente mencionada e ao fato de assumir tais “atos preliminares” como a linha de chegada crítica (“o capital é o *valor*”) que Postone, além de referir-se ao capitalismo alternadamente e meramente como “sociedade moderna”, toma-o de fato e em primeiro lugar não como um *modo de produção* — como o faz Marx inúmeras vezes¹¹¹ — mas como um “*sistema de dominação*”¹¹², sendo este um conceito que Marx, na verdade, em nenhum ponto de sua obra emprega. Ao falar de “produção” ou “modo de produção”, Postone, em geral, emprega a terminologia para sublinhar a *separação* entre “modo produção” e um “modo de distribuição”, alheia a Marx, ou para referir-se unicamente à “produção industrial”¹¹³; para ele, um equivalente direto do “capital industrial”¹¹⁴, ou à forma-capital da indústria, da produção ampliada e da divisão do trabalho. Para Postone, “a sua crítica [de Marx — N.E.G] do capitalismo é dirigida tanto ao seu *modo de produção* quanto ao seu *modo de distribuição*, e que a sua noção da contradição básica do capitalismo não pode ser concebida como apenas uma contradição entre, de um lado, o mercado e a propriedade privada e, de outro, a produção industrial”¹¹⁵. Em contraposição a essa “grosseira disjunção entre produção e distribuição”¹¹⁶, encontramos no já mencionado texto de Marx de 1875 (ulterior à publicação d’*O capital*), a seguinte passagem:

A distribuição dos meios de consumo é, em cada época, apenas a consequência da distribuição das próprias condições de produção; contudo, esta última é uma característica do próprio modo de produção. *O modo de produção capitalista, por exemplo, baseia-se no*

¹¹¹ Quando Marx afirma, por exemplo, que o capitalismo é um “*modo de produção* em que o trabalhador serve às necessidades de valorização de valores existentes, em vez de a riqueza objetiva servir às necessidades de desenvolvimento do trabalhador.”. MARX. *O capital: livro I*. cit, p.697.

¹¹² Cf. POSTONE. op. cit, p.149, 151, 324 et seq.

¹¹³ Cf. Ibidem, p.21, 23, 24 et seq.

¹¹⁴ Cf. Ibidem p.24. Marx exhibe uma noção um tanto distinta de capital e produção industrial: “As duas formas que o valor de capital assume no interior de seus estágios de circulação são a de *capital monetário* e *capital-mercadoria*; sua forma própria ao estágio da produção é a de *capital produtivo*. O capital, que no percurso de seu ciclo total assume e abandona de novo essas formas, cumprindo em cada uma delas sua função correspondente, é o *capital industrial* — industrial, aqui, no sentido de que ele abrange todo ramo de produção explorado de modo capitalista”. MARX, Karl. *O capital: livro II : o processo de circulação do capital*. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2014, p.131. Fica claro que “capital industrial” e o adjetivo “industrial”, diferentemente do entendimento postoniano, não são equivalentes imediatos. Contraditoriamente, Postone concebe que “Marx concorda com Weber que a abolição do capitalismo privado não seria suficiente para a destruição do moderno trabalho industrial” (POSTONE. op. cit., p.294). Como se vê, ele assume que “produção industrial” e “trabalho proletário” são sinônimos (cf. Ibidem, p.302).

¹¹⁵ Ibidem, p.37. Grifos meus.

¹¹⁶ MARX. *Grundrisse*. cit., p.43.

fato de que as condições materiais de produção estão dadas aos não trabalhadores sob a forma de propriedade do capital e de propriedade fundiária, enquanto a massa é proprietária somente da condição pessoal de produção, da força de trabalho. Estando assim distribuídos os elementos da produção, daí decorre por si mesma a atual distribuição dos meios de consumo. Se as condições materiais de produção fossem propriedade coletiva dos próprios trabalhadores, então o resultado seria uma distribuição dos meios de consumo diferente da atual¹¹⁷.

Em vista das passagens acima exploradas, Postone deixa claro que, diferentemente do que afirma, ele se opõe a Marx e considera a propriedade privada dos meios de produção enquanto algo unilateralmente *externo* ao modo de *produção* capitalista: apenas como um resultado, e não fundamentalmente como premissa. Marx, por sua vez, afirma: “Toda produção é apropriação da natureza pelo indivíduo no interior de e mediada por uma determinada forma de sociedade. Nesse sentido, é uma tautologia afirmar que propriedade (apropriação) é uma condição da produção”¹¹⁸. Portanto, para além do discurso ao redor da tautologia — dispensando a reiteração de que produção é apropriação —, se o modo de apropriação é o da *propriedade privada dos meios produtivos*, é em primeiro lugar impossível concebê-lo como alheio a tal ou qual modo produtivo. Nos *Grundrisse*, Marx diz:

Na concepção mais superficial, a distribuição aparece como distribuição dos produtos, e, assim, como mais afastada [da] produção e quase autônoma em relação a ela. Mas antes de ser distribuição de produtos, a distribuição é: 1) distribuição dos instrumentos de produção, e 2) distribuição dos membros da sociedade nos diferentes tipos de produção, o que constitui uma determinação ulterior da mesma relação. (Subsunção dos indivíduos sob relações de produção determinadas). A distribuição dos produtos é manifestamente apenas resultado dessa distribuição que está incluída no próprio processo de produção e determina a articulação da produção. *Considerar a produção abstraindo dessa distribuição nela contida é manifestamente uma abstração vazia*¹¹⁹.

¹¹⁷ MARX. *Crítica do programa de Gotha*. cit., p.32. Grifos meus.

¹¹⁸ MARX. *Grundrisse*. cit., p.43.

¹¹⁹ *Ibidem*, p.51. Grifos meus.

Postone, entretanto, demonstra “localizar” a categoria de propriedade privada em um edifício conceitual cindido, sublinhando assim uma separação artificial entre “modo de produção” e um suposto “modo de distribuição”, inexistente na teoria de Marx — atribuindo ainda às correntes clássicas do marxismo, sob a forja de tal separação, um certo equivocado enfoque unilateral sobre o “modo de distribuição”, na qual estaria localizada, para Postone, a apropriação privada dos meios produtivos. Também demonstra compreender o adjetivo “industrial” de maneira muito distinta da de Marx, o qual afirma que o “*capital* industrial é o único modo de existência do capital em que este último tem como função não apenas a apropriação de mais-valor ou de mais-produto, mas também sua criação”¹²⁰. Que tal produção deva ocorrer em larga escala e de forma totalmente socializada não implica de modo automático que tal *forma* seja equivalente ao comando que o capital e a classe capitalista exercem sobre ela; isto é, que indústria ampliada e produção socializada seja algo intrínseco à “produção capitalista”. É por isso também que Marx e Engels afirmam, já desde *A ideologia alemã*, que “a soma das forças produtivas acessíveis ao homem *condiciona o estado social* e que, portanto, a ‘história da humanidade’ deve ser estudada e elaborada sempre em conexão com a história da indústria e das trocas”¹²¹.

Mesmo diante de grave diferença em relação à exposição marxiana, a propriedade privada dos meios de produção seria, para Postone, parte apenas de seu momento *secundário* (ou seja, “distributivo”¹²², talvez de sua “circulação”). Postone o afirma justamente ao argumentar que tal consideração seria também a de Marx, “uma concepção de capitalismo mais profunda e mais ampla que a de um sistema de exploração baseado na propriedade privada”¹²³ — sem demonstrá-lo em qualquer

¹²⁰ MARX. *O capital : livro II*. cit., p.134. grifo meu.

¹²¹ ENGELS; MARX. *A ideologia alemã*. cit., p.34

¹²² Deve-se sublinhar aqui, mais uma vez, o entendimento de Marx acerca da relação entre produção, circulação e distribuição: “O processo cíclico do capital é, portanto, a unidade de circulação e produção — ambas estão nele incluídas”. MARX. *O capital : livro II*. cit., p.138.

¹²³ POSTONE. op. cit., p.94. Mais traços weberianos, a este ponto, mostram-se como evidentes na leitura de Postone. Em seu ofuscamento da categoria “modo de produção” por “sistema de dominação”, Postone, de modo tácito, admite e comenta o argumento weberiano de que as relações de propriedade não seriam o elemento fundante da “sociedade moderna”. Cf. *Ibidem*, p.93. Ele ainda dirá: “Embora Marx mostre, n’*O capital*, como a esfera da circulação disfarça a natureza e a existência do valor, a oposição que ele faz entre circulação e produção, entre a estrutura superficial e a profunda, não é idêntica à que existe entre ‘ilusão’ e ‘verdade’. A última oposição está relacionada ao *topos* de uma crítica do ponto de vista do ‘trabalho’, em que *a esfera da produção representa um momento ontologicamente mais essencial e trans-histórico*, que é distorcido no capitalismo *pela circulação*, mas que *surgiria abertamente no socialismo*”. *Ibidem*, p.317. Grifos meus.

momento, entretanto, a partir do próprio texto marxiano. Se visitamos e revisitamos *O capital*, encontramos com frequência algo totalmente diverso:

O objetivo perseguido por este último [o capitalista — N.E.G] é a valorização de seu capital, a produção de mercadorias que contenham mais trabalho do que o que ele paga, ou seja, que contenham uma parcela de valor que nada custa ao comprador e que, ainda assim, realiza-se mediante a venda de mercadorias. *A produção de mais-valor, ou criação de excedente, é a lei absoluta desse modo de produção*¹²⁴.

Destarte, saltam ao olhar, mediante passagens de Marx acima e anteriormente apresentadas, quatro questões:

1) “Modo de produção” — o qual, por sua vez, subentende *a centralidade do trabalho* como ponto de partida crítico, da *praxis* produtiva e sua organização — não é, para Marx, um elemento determinante da ordenação social e de suas relações única e exclusivamente para o capitalismo, mas para todas as organizações sociais humanas, contradizendo uma das teses centrais de Postone, que este busca constatar no próprio Marx. *É o modo de produção que condiciona as relações sociais a ele correspondentes. É apenas por tal razão que a forma do trabalho abstrato pode ocupar o papel que ocupa sob o capitalismo: como meio de acumulação do capital através da produção do mais-valor.* A este ponto vale rememorar a espirituosa ironia de Marx ao escrever que “toda criança sabe que qualquer nação entraria em colapso se parasse de trabalhar, não digo durante um ano, mas ainda que não fosse por mais que algumas semanas”¹²⁵. Neste sentido aqui proposto, portanto, pouco importa tratar-se da Inglaterra do séc.XIX, ou do Estado ateniense na Antiguidade.

Na passagem d’*A ideologia alemã* referida anteriormente, Marx e Engels deixaram tal relação de determinação — a saber, a de que *o modo pelo qual tal sociedade produz é o que estabelece as relações sociais* (e não o contrário, como assume Postone) — muito claras:

¹²⁴ MARX. *O capital: livro I*. cit., p.695. Grifos meus.

¹²⁵ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Carta de Marx a Ludwig Kugelmann, de 11 de julho de 1868. in: *Cartas sobre o capital*. — 1.ed. — São Paulo: Expressão Popular, 2020. p.268.

A produção da vida, tanto da própria, no trabalho, quanto da alheia, na procriação, aparece desde já como uma relação dupla – de um lado, como relação natural, de outro como relação social –, social no sentido de que por ela se entende a cooperação de vários indivíduos, sejam quais forem as condições, o modo e a finalidade. Segue-se daí que *um determinado modo de produção ou uma determinada fase industrial estão sempre ligados a um determinado modo de cooperação ou a uma determinada fase social* — modo de cooperação que é, ele próprio, uma “força produtiva” —, que a soma das forças produtivas acessíveis ao homem *condiciona o estado social* e que, portanto, a “história da humanidade” deve ser estudada e elaborada sempre em conexão com a história da indústria e das trocas¹²⁶.

2) Pode-se ainda concluir que Postone assume de modo contraditório, consciente ou inconscientemente, que a *dominação capitalista* é o que *estabelece a produção capitalista*, e não o seu oposto. Assim, se a *dominação* — e *dominação* é “poder”, “assenhramento” [*Herrschaft*], *seja este impessoal ou não* — é um elemento “com vistas ao pasto” (instância econômica) ou se é algo “em função de si mesmo” na estrutura interpretativa de Postone, para empregar aqui certa ironia engelsiana dirigida às concepções de Dühring acerca do capital e da dominação, é também digno de se questionar.

A expressão sobre o “meio visando ao pasto” está presente na “Teoria do poder” de Eugen Dühring. Engels, à época, critica a elaboração do socialista utópico, que afirmara que a “conformação das relações *políticas* é o elemento *historicamente fundamental*, e as dependências econômicas são apenas um *efeito* ou um caso específico e, por conseguinte, *sempre fatos de segunda ordem*”. A isto responde Engels: “A subjugação sempre foi, para usar o modo elegante de se expressar do sr. Dühring, o ‘meio visando ao pasto’ (esse ‘visar ao pasto’ deve ser tomado no sentido mais amplo possível), mas jamais e em lugar nenhum um agrupamento político introduzido ‘em virtude dele próprio’”¹²⁷.

Assim, observa-se a contradição de que, no entendimento de Postone, ainda que sua exposição busque apontar para a direção oposta, a relação entre “dominação” (instância do poder) e “modo de produção” (instância econômica) figura e pode ser disposta, em analogia com o que fez Dühring, do seguinte modo: no capitalismo, o

¹²⁶ ENGELS; MARX. *A ideologia alemã*. cit., p.34.

¹²⁷ Cf. ENGELS. *Anti-Dühring*. cit., p.187-89.

“sistema de dominação” (elemento, para ele, “primário”), que é de natureza temporal e erige-se em função de sua própria perpetuação, tem por “meio” o modo de produção (instância produtiva, *do trabalho*, “secundária”) — lembremo-nos: produção é “apropriação” — que, por sua vez, *não seria fundado na propriedade privada dos meios de produção e do trabalho proletário*. As “velhas” contradições, já presentes em Dühring, ficam evidentes e ecoam no pensamento de Postone.

Conforme já dito na introdução a esta pesquisa, Postone engendra os conceitos de “dominação abstrata” e “autônoma”, apontando para uma dimensão da instância do *poder* impessoal enquanto *fundante* da estrutura econômica: o “poder” (dimensão fundamentalmente *política*), seria assim uma instância *causa sui*, pondo a si mesma através da *mediação* das instâncias de base econômica. Repetindo uma já citada passagem do crítico Michael Sommer, “a noção de Postone de ‘domínio das abstrações’ [*rule of abstractions*] mostra-se, por sua vez, totalmente ideológica. [...] Para os postonianos, formas de organização social são formas de ‘poder abstrato’ — são formas puramente autônomas que não estão localizadas no interior das relações sociais”¹²⁸. Esta é a questão que justifica a escolha que Michael Sommer realiza para o título de sua crítica — *Anti-Postone* — em clara analogia com o título da polêmica empreendida por Engels na obra *Anti-Dühring*.

3) Como logra Postone afirmar que, em Marx, trata-se de “uma crítica da produção”, ao mesmo passo que concebe a propriedade privada dos meios enquanto externa “à produção” (parte da “distribuição”) — ou, mais propriamente, ao modo de produção capitalista? Marx parece dizer-nos algo muito diverso de tal leitura, e sem grandes margens interpretativas que permitam assumir a propriedade dos meios de produção como alheia ao *fundamento*, ou seja, à relação que *pressupõe* o modo de produção capitalista:

A relação capitalista pressupõe a separação entre os trabalhadores e a propriedade das condições da realização do trabalho. Tão logo a produção capitalista esteja de pé, ela não apenas conserva essa separação, mas a reproduz em escala cada vez maior. O processo que cria a relação capitalista não pode ser senão o processo de separação entre o trabalhador e a propriedade das condições de realização de seu trabalho, processo que, por um lado, transforma em capital os

¹²⁸ SOMMER. op. cit., p.38 e 53. Tradução minha.

meios sociais de subsistência e de produção e, por outro, converte os produtores diretos em trabalhadores assalariados¹²⁹.

4) É possível ainda notar o papel metodológico *invertido* que a *abstração* possui no edifício interpretativo de Postone. Para Postone, a abstração é *imediatamente* a relação social real que toma corpo na concretude e a *produz*. Ela própria seria a *mediação* e *essência* — justamente *enquanto abstração* — de uma categoria à outra na formação do capital, e não a face plasmada no pensamento que tal ou qual processo concreto do modo de produção exige para ser se manifestar e para ser conhecido. A este ponto, para notar a diferença que Marx realiza entre o concreto e o abstrato, faz-se necessário o recurso ao texto *O método da economia política* de Marx, presente nos *Grundrisse*. Nele, Marx fala de um “método de ascender do abstrato ao concreto”. Ele diz:

O concreto é concreto porque é síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida efetivo e, em consequência, também o ponto de partida da intuição e da representação. [...] Por isso, Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que sintetiza-se em si, aprofunda-se em si e movimenta-se a partir de si mesmo, enquanto *o método de ascender do abstrato ao concreto é somente o modo do pensamento de apropriar-se do concreto, de reproduzi-lo como um concreto mental. Mas de forma alguma é o processo de gênese do próprio concreto*¹³⁰.

Eis que, portanto, o percurso da abstração, que parte do concreto real e move-se para o concreto pensado, deve ser realizado *de volta*, “até que reencontrasse finalmente [...] uma rica totalidade de muitas determinações e relações”, as quais não são elas mesmas *idênticas às abstrações que a elas conduzem*. A *identidade* entre a síntese do pensamento (*Abstrakta*) e o objeto (a concretude) é um momento da filosofia de Hegel que Marx, como se verifica acima, julga superado. A abstração, portanto, é “*somente o modo do pensamento de apropriar-se do concreto, de reproduzi-lo como um concreto mental. Mas de forma alguma é o processo de gênese do próprio concreto*”. Se

¹²⁹ MARX. *O capital: livro I*. cit., p.786. Grifos meus.

¹³⁰ MARX. *Grundrisse*. cit., p.54-5.

tomamos o modo que a categoria de “abstração” se relaciona com a *concretude* a partir de Postone, assumindo — como já demonstrado — os “atos preliminares” como linha de chegada, temos uma categoria de abstração que ascende “do abstrato ao concreto” não como método científico, como *síntese mental da concretude*, mas que interrompe seu percurso e propõe-se como *dimensão metafísica do concreto*, como “*processo de gênese do próprio concreto*”, algo totalmente diverso da metodologia acima descrita por Marx¹³¹ e de seu materialismo como um todo.

Logo, antes de atribuir viabilidade a uma tal possibilidade de leitura da obra marxiana sob a ótica de Postone, que já se mostra altamente polêmica e conflituosa com o texto marxiano, apesar de sua relevância pelo alcance que vem atingindo nos debates atuais, verifica-se a importância de realizar esta exposição apresentando sua compreensão acerca das categorias envolvidas em tal entendimento do trabalho, indicando como elas conduzem a uma concepção bem distinta da que está presente no próprio *corpus* marxiano. Apenas concebendo como Postone apresenta seus argumentos *sem negligenciar o próprio texto de Marx* é que se pode pesar a validade de sua proposta de *interpretação* (o título de sua obra, como já dito, assim o sugere) e a contribuição que possivelmente lhe cabe. É também oportuno apresentar, logo de início e a cada passo, o *locus* de seus aspectos polêmicos e argumentos para problemáticas que serão aprofundadas nos tópicos seguintes.

2.2. Ecos de Proudhon: a interpretação postoniana dos *Grundrisse*, a centralidade do *valor* e a dominação impessoal

Postone toma as categorias de Marx, em particular na sua apresentação presente nos *Grundrisse* (1857-1858) — esboços e fragmentos de Marx para a redação ulterior d’*O capital* (1867), os quais foram publicados apenas em 1939 — e busca demonstrar que o movimento do tempo sob o capitalismo corresponde ao de uma *abstração* que se *autonomiza*, que comanda o modo produtivo, reprodutivo e temporal concreto na sociedade e nas coisas com as quais ela age, elencando tal processo como a

¹³¹ Mais sobre o binômio “concreto/abstrato”, tanto para o pensamento de Postone quanto para Marx, será desenvolvido no tópico 2.3.

determinação nuclear a gestar uma dinâmica histórica única, exclusiva à sociedade do capital. Devemos então compreender que se trataria de uma determinação axiomática, ou ao menos algo mais importante, em acordo com Postone, que a do próprio imperativo da produção de mais-valor — seja em sua dimensão impessoal, seja na personificação do capital na classe capitalista — presente ao longo d’*O capital*. Uma passagem particular dos *Grundrisse* é o que motiva sua identificação do que ele considera ser a contradição nuclear do capitalismo:

O próprio capital é a contradição em processo, [pelo fato] de que procura reduzir o tempo de trabalho a um mínimo, ao mesmo tempo que, por outro lado, põe o tempo de trabalho como única medida e fonte da riqueza. Por essa razão, ele diminui o tempo de trabalho na forma do trabalho necessário para aumentá-lo na forma do supérfluo; por isso, põe em medida crescente o trabalho supérfluo como condição — questão de vida ou morte — do necessário¹³².

A este ponto, é possível reconhecer as já mencionadas noções presentes na conhecida passagem de Marx que aparecerá na primeira Seção do Livro I d’*O capital*, na qual afirma-se que aquilo que surge no capitalismo não são apenas coisas enquanto mercadorias, mas já mencionada *forma-mercadoria* como uma coisa universal “sensível-suprassensível” [*sinnlich übersinnliche*]¹³³. Entretanto, assim como o é para o modo inicial no qual as categorias são apresentadas na Seção I d’*O capital*, tal constatação *da forma* (a contradição *expressa*) não configura ainda uma *crítica* do capital ou de sua contradição, mas é, como a própria passagem revela, o modo invertido que *o capital apresenta seu processo*.

As coisas se apresentam assim a nós, porque é deste modo que são *para o capital*. A constatação do “quê” e de “como” é unilateralmente *para o capital* — lembrando Jorge Grespan, “o capital afirma a força de trabalho como momento nele incluído e, por outro lado, a nega e exclui enquanto possível todo” —, portanto, não pode ainda constituir, em si mesma, uma *crítica*. Deve-se perguntar, portanto, *por que* ele tem de fazê-lo de tal modo. Interpretar tais constatações iniciais como momentos finais da crítica é equivalente a interromper a crítica no momento das adjetivações

¹³² MARX. *Grundrisse*. cit., p.588-9; POSTONE. op. cit., p.51.

¹³³ MARX. *O capital : livro I*. cit., p. 146.

gerais, o que seria análogo a afirmar que um determinado elemento detém o poder sobre determinados outros porque ele “é poderoso”. Do mesmo modo, Postone, ao citar momentos isolados da exposição de Marx, afirma que o capitalismo é

a formação social baseada na forma-mercadoria, que se caracteriza pela independência pessoal na estrutura de um sistema de dependência coisal¹³⁴ [*sachlicher*]. O que constitui aquela dependência “objetiva” é social; não é “nada mais é do que as relações sociais autônomas contrapostas a indivíduos aparentemente independentes, i.e., suas relações de produção recíprocas deles próprios autonomizadas”. [...] Uma característica do capitalismo é que suas relações sociais essenciais são sociais de uma maneira peculiar. Elas existem não como relações interpessoais abertas, mas como um conjunto quase independente de estruturas que se opõem aos indivíduos, uma esfera de necessidade impessoal “coisal” e “dependência coisal”. Consequentemente, a forma de dominação social característica do capitalismo não é abertamente social e pessoal: “Essas relações de dependência coisal [...] aparecem de maneira tal que os indivíduos são agora dominados por abstrações, ao passo que antes dependiam uns dos outros”. O capitalismo é um sistema de dominação abstrata e impessoal¹³⁵.

Ao isolar ora a leitura que realiza dos *Grundrisse*, ora da Seção I d’*O capital*, Postone põe a *forma-mercadoria* e a produção de mercadorias no centro da compreensão crítica do capitalismo e de suas determinações fundamentais e derivadas; a mercadoria como elemento que coordena a socialização dos agentes no tempo e que enseja todos os movimentos do capital — essa contradição cujo imperativo é o supérfluo a conduzir o necessário, dando à sociedade do capital sua “tessitura” temporal vinculada ao valor. Para Postone, trata-se *do fato* de que a forma-mercadoria, através do “caráter misterioso” anunciado por Marx no quarto subcapítulo do Capítulo I do Livro I d’*O Capital* (*O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo*), “assume, para eles [os homens — N.E.G.], a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas”¹³⁶. Este é o

¹³⁴ No original em inglês, o termo utilizado aqui é *objective*. Cf. POSTONE, Moishe. *Time, labor, and social domination: a reinterpretation of Marx's critical theory*. New York: Cambridge University Press, 2003, p.125.

¹³⁵ POSTONE. *Tempo, trabalho e dominação social*. cit., p.149. Grifos meus.

¹³⁶ MARX. *O capital: livro I*. cit., p.147. Na *Contribuição à crítica da economia política*, Marx também emprega um enunciado similar, no qual deixa claro que este é o modo que “as relações sociais das pessoas aparecem”, isto é, “invertidas, como a relação social das coisas”. MARX. *Contribuição à crítica da economia política*. cit., p.60.

modo no qual tais relações *aparecem*. Ainda que seu *ser* e *aparecer* devam coincidir e revelar, devem também ocultar o seu caráter *essencial*. Seriam, portanto, os traços mais abstratos da forma mais simples da mercadoria (produto mais imediato do processo)¹³⁷, os quais cristalizam o valor como relação social, que estariam no coração e motor do modo produtivo capitalista. É possível concluir que, para Postone, de alguma maneira é o modo que tal relação *aparece na consciência* (como “relação entre coisas”) que determina como essa relação funciona e cumpre seus propósitos.

Em outras palavras: aquilo que n’*O capital* é o *ponto de partida da exposição* (a mercadoria e suas relações mais abstratas) figura nas teses postonianas como *ponto de chegada* da crítica: forma-se assim uma crítica do *valor*¹³⁸. Portanto, Postone não distingue a forma mais simples e abstrata da mercadoria — sua figuração na Seção I do Livro I d’*O capital* — de seu caráter conceitual *secundário*, já sob a sua produção modificada de maneira capitalista. Para Postone, a forma apresentada na Seção I do Livro I é desde já sua forma definitiva e indica desde o início o papel que ela ocupa sob a produção capitalista desenvolvida. De grande utilidade e relevância a este respeito são as palavras de Engels no prefácio ao Livro III d’*O capital*, por ele editado: “Marx, no começo do Livro I — onde toma como ponto de partida a produção simples de mercadorias como seu pressuposto histórico para, então, avançar desde essa base até o capital —, parte precisamente da mercadoria simples, e não de uma forma conceitual e historicamente secundária, da mercadoria já modificada de maneira capitalista”¹³⁹.

¹³⁷ Vale destacar a seguinte afirmação de Marx, presente nos *Grundrisse*: “O produto aparece como resultado, não como pressuposto entre o conteúdo passivo do capital e o trabalho como atividade. Como pressuposto, o produto não é uma relação do objeto com o trabalho diferente da relação da matéria-prima e do instrumento de trabalho, porque matéria-prima e instrumento de trabalho, como a substância de valores, já são eles próprios *trabalho objetivado, produtos*. A substância do valor não é absolutamente a substância natural particular, mas o trabalho objetivado. O próprio trabalho objetivado aparece, por sua vez, em relação ao *trabalho vivo*, como *matéria-prima e instrumento de trabalho*”. MARX. *Grundrisse*. cit., p.232.

¹³⁸ Jacques Bidet sintetiza-o de modo claro: “A tese geral de Postone é que ‘o capital’ não é senão ‘o valor’, cuja essência mesma, imanente à mercadoria, é estar em processo de autoacumulação sob o regime de um trabalho abstrato que, governando o trabalho concreto, constitui a ‘mediação universal’, a ‘estrutura’ mesma do mundo capitalista e moderno em geral. São seus termos”. BIDEET. op. cit., p.10.

¹³⁹ MARX, Karl. *O capital: livro III : o processo global de produção capitalista*. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2017, p.42. Grifos meus. Também Marx diz fundamentalmente o mesmo: “Só quando a população trabalhadora cessou de fazer parte das condições de trabalho *objetivas*, ou de aparecer no mercado como produtores de mercadorias; só quando vende, em lugar do produto de seu trabalho, o próprio trabalho, ou, com maior exatidão, sua força de trabalho, só então a produção, em sua totalidade, em toda profundidade e amplitude, converte-se em *produção de mercadorias*; todo produto se transforma em mercadoria, e as condições objetivas de cada esfera da produção apresentam-se como mercadoria. Só à base da produção capitalista a mercadoria converte-se realmente em *forma elementar e geral da riqueza*”. MARX. *O capital: livro I: capítulo VI (inédito)*. cit., p.98.

Mas é também Marx quem nos dirá: “A produção capitalista não é apenas produção de mercadoria, *mas essencialmente produção de mais-valor*”¹⁴⁰. Segundo Zaira Viera,

Postone cai, portanto, na armadilha da redução da troca entre o capital e o trabalho a uma troca simples de mercadorias. Como Proudhon, ele emprega alternativamente os termos *mercadoria* e *valor*, e entende a mercadoria como sendo *o princípio estruturante fundamental do capitalismo* (POSTONE, 2014, 181). Em *Marx Reloaded*, ele diz, inclusive, que esta categoria ocupa *um lugar similar, na análise de Marx da sociedade moderna, ao do que poderia ocupar o parentesco nas análises antropológicas de outros tipos de sociedade* (POSTONE, 2005, 37). A forma-mercadoria de mediação social é uma forma totalizadora e estruturante. É ela que [para Postone — N.E.G.] constitui a totalidade social do modo de produção capitalista¹⁴¹.

Curiosamente, ao não apenas elencar a categoria do *valor* como categoria central da crítica ao capitalismo, mas também ao afirmar uma natureza nuclearmente “abstrata” de seu funcionamento e hegemonização, Postone acaba ecoando uma tendência de Proudhon, o socialista francês utópico (ou, nos termos irônicos do *Manifesto*, um “verdadeiro socialista”) que fora duramente criticado por Marx já em 1847 e, também segundo Marx, tinha o *valor* como “seu tema predileto”. Marx afirma que “em vez de considerar as categorias econômico-políticas como abstrações de relações sociais, transitórias, históricas, o Sr. Proudhon, por meio de uma inversão mística, *vê nas relações reais encarnações dessas abstrações*”; e ainda ironiza:

¹⁴⁰ MARX. *O capital: livro I*. cit., p.578. Grifos meus.

¹⁴¹ VIEIRA, Zaira. As novas leituras de Marx e a definição do valor a partir da circulação. *39º Encontro Anual da Anpocs. GT20 - Marxismo e Ciências Sociais*. Coordenação: Luiz Eduardo Pereira da Motta (UFRJ), Gonzalo Adrián Rojas (UFCG). ISSN 2176-8064. Caxambu-MG, 2015, p.11. Vieira também critica Postone por ler a figuração da mercadoria no início d’*O capital* enquanto sua representação definitiva e “essencial”, bem como o papel da categoria de “abstração” no modo que está ali expresso: “as formas simples ou os conceitos genéricos apresentados no início d’*O capital* não explicam por eles mesmos o segredo e as contradições compreendidas no valor. Mas, ao contrário, as escondem, as disfarçam. Nos termos de Marx: ‘é justamente essa forma acabada – a forma dinheiro – do mundo das mercadorias que vela materialmente, em vez de revelar, o caráter social dos trabalhos privados e, com isso, as relações sociais entre os trabalhadores privados’. E finalizo esta citação, que é d’*O capital*. As categorias que aparecem no início d’*O capital*, que são aquelas retomadas pela análise das formas, elas não exatamente revelam, mas elas velam o caráter social dos trabalhos privados”. Expresso verbalmente durante a fala intitulada “Novas leituras de Marx” no *IV Seminário Crítica do Direito e Subjetividade Jurídica*. (Coordenação: Prof. Dr. Alysson Leandro Barbate Mascaro. ISSN 2764-5045. São Paulo: Grupo de Pesquisa Crítica do Direito e Subjetividade Jurídica; Boitempo, 2022) ocorrido em 08/11/2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tKp_yt8PoLo&t=1875s; Último acesso em: 18/05/2024.

*como as categorias são, para ele, as forças motrizes, para modificá-las não é necessário modificar a vida prática. Muito ao contrário: é preciso mudar as categorias e, em consequência, a sociedade existente se modificará. Em seu desejo de conciliar as contradições, o Sr. Proudhon não se questiona se não deverá ser subvertida a própria base destas contradições*¹⁴².

É verdade que Marx também toma o *processo* do capital e do valor como movimento que autonomiza-se na sociedade e que não depende de e nem pode ser representado unilateralmente por nenhum *indivíduo* ou grupo de indivíduos particulares, ou seja, que não está expresso em formas de dominação *pessoal e direta*. Esta é a razão de tomá-lo enquanto sujeito, visto que o sujeito no capitalismo, como Marx afirma, é “a sociedade burguesa”¹⁴³:

O capital, como valor que valoriza a si mesmo, não encerra apenas relações de classes, um caráter social determinado e que repousa sobre a existência do trabalho como trabalho assalariado. Ele é um movimento, um processo cíclico que percorre diferentes estágios [...]. Por isso, ele só pode ser compreendido como movimento, e não como coisa imóvel. Aqueles que consideram a autonomização do valor uma mera abstração esquecem que o movimento do capital industrial é essa mesma abstração *in actu* [em ato]. O valor percorre aqui diferentes formas, diferentes movimentos, nos quais ele se conserva e, ao mesmo tempo, se valoriza, aumentando de tamanho¹⁴⁴.

Contudo, o fato de que há uma abstração particular ao capitalismo na mediação das relações sociais em sua totalidade — afinal, qual formação humana não é também mediada por certas abstrações historicamente necessárias? — ainda que seja uma abstração que nos permite acesso crítico a seus processos internos e razão de ser, não revela e, mais importante, não é idêntica *ao ponto material e concreto de emergência dessa própria forma abstrata dominante* (“ascender do abstrato ao concreto é somente o modo do pensamento de apropriar-se do concreto, de reproduzi-lo como um concreto mental. Mas de forma alguma é o processo de gênese do próprio concreto”), de sua contradição fundamental, que coloca como necessária a forma impessoal dos

¹⁴² Carta de Marx a P. V. Annenkov de 28 de dezembro de 1846, in: ENGELS; MARX. *Cartas sobre o capital*. cit., p.55, 58-9 e 62. Grifos meus.

¹⁴³ MARX. *Contribuição à crítica da economia política*. cit., p.265.

¹⁴⁴ MARX. *O capital : livro II*, cit., p.184.

imperativos sociais para a acumulação capitalista; ou seja, não revela *como e por qual razão* tal dinâmica impessoal é *produzida* e tem de ser *reproduzida materialmente* (“*sachlich*”) para que passe por tal *expressão abstrata*. Marx, ao criticar Proudhon na “Segunda observação” contida no capítulo “A metafísica da economia política” na *Miséria da filosofia*, diz: “*As categorias econômicas são apenas expressões teóricas, abstrações das relações sociais da produção*. O sr. Proudhon, qual um verdadeiro filósofo, tomando as coisas ao inverso, vê nas relações reais somente as encarnações desses princípios, dessas categorias que [...] estariam adormecidas no seio da ‘razão impessoal da humanidade’”¹⁴⁵.

Como sintetiza ironicamente Michael Sommer, leitor crítico da obra de Postone, este último “resume sumariamente a terminologia das primeiras páginas d’*O capital*: de acordo com ele, o capital aparece em sua ‘dimensão abstrata’ — aparece como um ‘processo abstrato’. Isso deve dizer-nos tudo o que precisamos saber”¹⁴⁶. Quanto à passagem de Marx mais acima evocada a partir dos *Grundrisse* por Postone¹⁴⁷, faz-se necessário tomar o parágrafo original em toda sua extensão para identificar o que significa “dominação impessoal” para Marx:

Entretanto, uma análise mais precisa dessas relações externas, dessas condições, mostra *a impossibilidade dos indivíduos de uma classe etc. de superá-las em massa sem as abolir*. O indivíduo singular pode casualmente ser capaz de fazê-lo; a massa de indivíduos dominados por tais relações não pode, uma vez que sua mera existência expressa a subordinação, a necessária subordinação dos indivíduos a elas [...]. *Essas relações externas tampouco são uma supressão das “relações de dependência”, dado que são apenas a sua resolução em uma forma universal; são, ao contrário, a elaboração do fundamento universal das relações pessoais de dependência*. Também aqui os indivíduos só entram em relação entre si como indivíduos determinados. Essas relações de dependência *coisal* [*sachlichen* — N.E.G.]¹⁴⁸, por oposição às relações de dependência *pessoal* (a relação de dependência *coisal* [*sachliche* — N.E.G.] nada mais é do que as

¹⁴⁵ MARX, Karl. *Miséria da filosofia*. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2017, p.101. Grifos meus.

¹⁴⁶ SOMMER. op. cit., p.29. Tradução minha.

¹⁴⁷ Cf. nota 135.

¹⁴⁸ O termo *sachlich*, presente no original nas notas indicadas, contém o radical *Sach-*, relativo a “coisa” [*Sache*], mas pode ser e é frequentemente traduzido por “material”, como o fez Rubens Enderle para a sua tradução no Livro I d’*O capital* na edição utilizada neste trabalho. Julgo que tal tradução é preferível a “coisal”, escolha de Mário Duayer e Nélio Schneider para a tradução dos *Grundrisse* aqui empregada, já que a noção de “dependência material” é muito mais adequada à compreensão do papel que as formas impessoais de dominação tomam na crítica marxiana. Cf. MEW 42, p.97.

relações sociais autônomas contrapostas a indivíduos *aparentemente* independentes, *i.e.*, suas relações de produção recíprocas deles próprios autonomizadas), aparecem de maneira tal que os indivíduos são agora dominados por *abstrações*, ao passo que antes dependiam uns dos outros. *A abstração ou ideia, no entanto, nada mais é do que a expressão teórica dessas relações materiais que os dominam.* As relações só podem naturalmente ser expressas em ideias, e é por isso que os filósofos conceberam como o peculiar da era moderna o fato de ser dominada pelas ideias e identificaram a criação da livre individualidade com a derrubada desse domínio das ideias. Do ponto de vista ideológico, o erro era tão mais fácil de cometer porquanto esse domínio das relações (essa dependência coisal [*sachliche* — N.E.G.] que, aliás, *se reverte em relações determinadas de dependência pessoal, mas despidas de toda ilusão*) aparece na consciência dos próprios indivíduos como domínio das ideias e a crença na eternidade de tais ideias, *i.e.*, dessas relações coisais [*sachlichen* — N.E.G.] de dependência, é consolidada, nutrida, inculcada por todos os meios, *é claro, pelas classes dominantes*¹⁴⁹.

É evidente que Postone, ao ser seletivo na exposição da “contradição básica” do capitalismo, não assume o movimento capital — o capital *in actu* (como relação social, não como *coisa*) — como o faz Marx, isto é, enquanto “dependência material que, aliás, se reverte em relações determinadas de dependência pessoal, mas despidas de toda ilusão”; ele o faz justamente do modo que o capital *parece e aparece* (“quase independente”). Diferentemente de Marx, ele não encara tais “relações externas” (de independência, “impessoais”) como “relações de dependência” (dominação pessoal) expressando “*apenas a sua resolução em uma forma universal*”, como “a elaboração do *fundamento* universal das relações pessoais de dependência”.

As relações pessoais de dependência atavam indivíduos a um senhor, cerceavam-lhe a liberdade de modo direto e total, produzindo com este processo a abstração religiosa que assim ordenava: sua aparência era a de que o divino assim exigia — em sua *expressão*, não se tratava *fundamentalmente* de uma relação entre senhor e servo/escravo no interior de um modo particular de produção, mas de uma relação entre o ser humano e Deus, o qual legitimava a liberdade pessoal e hereditária daqueles dentre seus escolhidos (uma classe) de serem possuidores diretos de outros (outra classe). Nas relações capitalistas, a liberdade existe de modo impessoal e universal, e trata-se de uma

¹⁴⁹ MARX. *Grundrisse*. cit., p.111-12. Grifos meus.

relação entre livres trocadores de mercadorias: em aparência, entre o ser humano e o “mercado”. A dita reificação [*Versachlichung*]¹⁵⁰ não é a das próprias *peças* enquanto *coisa* possuída pelo outro. A *força de trabalho* é reificada para tornar-se mercadoria e ser livremente (compulsoriamente) vendida. A abstração (impessoal) e sua univocidade, seu caráter de *equivalência* no valor, portanto, de igualdade e liberdade, impõe-se como a voz legitimante no processo que oculta sua origem: o desigual que é exigido em sua raiz na forma do mais-valor — o desigual expresso na gramática do igual.

As relações impessoais de dependência atam uma classe à outra através da igualdade entre as mercadorias, a liberdade dos portadores de mercadorias, ao passo que há uma desigualdade fundante, uma heteronomia para que a classe portadora da mercadoria força de trabalho esteja fundamentalmente vinculada à classe do capital. Para Postone, o *ser* e o *aparecer* de tais relações coincidem imediatamente, e é de tal modo que ele desloca a categoria de “contradição” empregada por Marx para uma instância de oposição entre “trabalho abstrato” (como âmbito da “objetivação” e da “impessoalidade”), e de “trabalho concreto” (como pertinente às relações de “dependência pessoal”). Segundo Postone

Essa simultaneidade das dimensões substanciais e abstratas na forma do trabalho e seu produto é a base das várias oposições antinômicas do capital e, como mostrarei, *a base do seu caráter dialético e basicamente contraditório. Na sua bilateralidade como concreto e abstrato, qualitativamente particular e quantitativamente geral-homogênea, a mercadoria é a expressão mais elementar do caráter fundamental do capitalismo*¹⁵¹.

Mas é justamente nos *Grundrisse* — manuscritos privilegiados por Postone em detrimento d’*O capital* — que, ao esclarecer o conceito de *crise* no subcapítulo *Reprodução e acumulação do capital* (“o fundamento da *superprodução*, a contradição fundamental do capital desenvolvido”, *i.e.*, “quanto mais elevado o desenvolvimento do capital, tanto mais ele aparece como obstáculo da produção”¹⁵²), Marx já pode expressar o ponto *material* da contradição fundamental, totalmente distinto de uma tal contradição entre “concreto” e “abstrato”:

¹⁵⁰ Cf. MEW 23, p.128.

¹⁵¹ POSTONE, op. cit., p.181. Grifos meus.

¹⁵² MARX. *Grundrisse*. cit., p.338 e 339.

Antes de tudo: o capital força os trabalhadores ao trabalho excedente para além do trabalho necessário. Só assim ele se valoriza e cria valor excedente. Por outro lado, entretanto, ele só põe o trabalho necessário *desde (e à medida) que seja trabalho excedente* e este último seja realizável como *valor excedente*. Por conseguinte, o capital põe o trabalho excedente como condição para o necessário e o valor excedente como limite para o trabalho objetivado, enfim para o valor. Tão logo ele não pode pôr o primeiro, não põe o último, e, de acordo com seu fundamento, só ele pode pô-los. Portanto, o capital limita — por meio de restrição artificial, como os ingleses o expressam — o trabalho e a criação de valor, e o faz, na verdade, pela mesma razão por que e à medida que põe trabalho excedente e valor excedente. Portanto, de acordo com sua natureza, o capital põe um *obstáculo* para o trabalho e a criação de valor que está em contradição com sua tendência de expandi-los contínua e ilimitadamente. E uma vez que tanto põe um obstáculo que lhe é *específico*, quanto, por outro lado, avança para além de *todo* obstáculo, o capital é a contradição viva¹⁵³.

Essa é a “contradição viva” que emana da *relação entre trabalho e capital* (o capital como *não trabalho*), e não, como afirma Postone reiteradamente, uma suposta contradição entre “concreto e abstrato”, ou entre “valor de uso” e “valor”. É essa “concretude” e um tal conceito de crise que Marx deseja expressar ao dizer que o capital “diminui o tempo de trabalho na forma do trabalho necessário para aumentá-lo na forma do supérfluo; por isso, põe em medida crescente o trabalho supérfluo como condição — questão de vida ou morte — do necessário”.

Postone toma a tônica inicial do “sensível-suprassensível” nos primeiros capítulos d’*O capital* para afirmar que são as propriedades abstratas do capital que

¹⁵³ Ibidem, p.345. Trata-se do fato de que o capital tem de reduzir o *valor* do trabalho *necessário* a um mínimo, seja para a expropriação do mais-valor absoluto, expandindo a jornada de trabalho, seja a do mais-valor relativo — expansão do trabalho excedente no interior da *relação com o necessário* através do *desenvolvimento das forças produtivas* —, o que resulta naturalmente na redução da demanda por *valores de uso* (baixa dos salários) e, portanto, um entrave à própria produção e, em última análise, à *realização* do valor e do mais-valor. Ao ter de superar um limite, o capital estabelece a si mesmo o outro, que, ao ser igualmente superado, leva-o novamente ao primeiro. O capital “esquece e abstrai: 1) do trabalho necessário como limite do valor de troca da capacidade de trabalho viva; 2) do valor excedente como limite do trabalho excedente e do desenvolvimento das forças produtivas; 3) do dinheiro como limite da produção; 4) da limitação da produção de valores de uso pelo valor de troca. *Hinc* a superprodução, *i.e.*, a súbita *recordação* de todos esses momentos necessários da produção fundada no capital; em consequência, desvalorização geral devido ao esquecimento de tais momentos”. Ibidem, p.340. É isso que Marx tem em mente ao afirmar que “o *processo de valorização do capital* é simultaneamente seu *processo de desvalorização*” (Ibidem, p.346), bem como a contradição nuclear do capital (capital X trabalho), o fundamento do conceito de crise e aquilo que explica por que “a tendência do capital é aumentar o máximo possível a população industrial”. Ibidem, p.343.

efetivamente comandam, “pelas costas”¹⁵⁴ dos atores sociais, a essência de seus processos concretos e contraditórios: o capitalismo (ou “modernidade”¹⁵⁵, termo que se alterna com “capitalismo” em sua obra e parece conter certa equivalência) seria uma forma de universalidade “baseada na abstração de toda especificidade concreta”¹⁵⁶ e gerada (ou, em seus termos, “autogerada”) pela alienação. A abstração do valor, portanto, justamente *enquanto* abstração, seria o fundamento sobre o qual repousa a dominação — e o próprio modo de produção. Mas assim torna-se incompreensível o fato de Marx nos ter dito que a “abstração ou ideia, no entanto, nada mais é do que a *expressão teórica* dessas *relações materiais* [*materiellen* — N.E.G.] que os dominam”¹⁵⁷. Diante de tamanho poder do “abstrato” e da “dominação abstrata” enquanto fundamentos evocados por Postone¹⁵⁸, poder-se-ia ainda recordar de Marx e Engels n’*A ideologia alemã*, de 1846 (texto publicado postumamente em 1921), empregando um conhecido adágio pela primeira vez ao afirmar que

não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. *Também as formulações nebulosas na cabeça dos homens são sublimações necessárias de seu processo de vida material. [...] Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência*¹⁵⁹.

Visto que Postone apropria-se de modo “nebuloso” de certas noções de Marx (absolutizando algumas e relativizando outras), seria possível, à primeira vista e de modo isolado, assumir tais proposições relativas à mercadoria e à autonomização do

¹⁵⁴ MARX. *O capital : livro I*. cit., p.122; POSTONE. op. cit., p.222.

¹⁵⁵ Cf. Ibidem, p.18 et seq.

¹⁵⁶ Ibidem, p.192.

¹⁵⁷ MARX. *Grundrisse*. cit., p.112. Cf. MEW 42. p.97. Grifos meus.

¹⁵⁸ Para Postone: “*Na análise de Marx, a dominação social no capitalismo, no seu nível mais fundamental, não consiste na dominação das pessoas por outras pessoas, mas na dominação das pessoas por estruturas sociais abstratas constituídas pelas próprias pessoas. Marx tentou apreender essa forma de dominação abstrata e estrutural — que abrange e se estende além da dominação de classe — com as suas categorias de mercadoria e capital. Essa dominação abstrata não apenas determina o objetivo da produção no capitalismo, de acordo com Marx, mas é também a sua forma material*”. POSTONE. op .cit., p.46. Grifos meus.

¹⁵⁹ ENGELS; MARX. *A ideologia alemã*. cit., p.94.

processo de produção do capital (com ênfase na referida “dominação abstrata”) como aparentemente coerentes com o que Marx expõe. Por isso, a mercadoria e o trabalho (ou melhor, “força de trabalho”) *enquanto* mercadoria necessitam ser tratados ainda mais aprofundadamente a este ponto, em particular a tese postoniana acerca do “trabalho abstrato” em relação ao “trans-histórico”, objetos deste tópico. É de grande relevância rememorar a mercadoria fundamental do capitalismo, isto é, aquela que, *ao ser consumida* por quem a compra, é a única capaz de produzir valor (e, por consequência, que pode ofertar mais-valor em seu consumo): a mercadoria *força de trabalho*, “substância criadora de valor”. Marx assim o sintetiza: “o que distingue o operário de outros vendedores de mercadorias é a *natureza específica*, o *valor de uso específico* da mercadoria vendida por ele”¹⁶⁰, a saber, *a possibilidade de produzir mais-valor para o capitalista* ao conservar o valor de troca dos valores de uso por ele transformados, inclusive o valor da própria força de trabalho.

A forma que o trabalho tem de assumir em tal relação é efetivamente e predominantemente a de uma abstração e generalização de suas propriedades mais simples e quantificáveis: invariavelmente, o *quantum* temporal, resultado da forma-mercadoria que o trabalho apartado de suas próprias condições de realização assume. Entretanto, se tal forma é *causa, meio* ou ainda *um fim em si mesmo* do processo, ao considerar o texto marxiano, já são questões que exigem investigação mais rigorosa, assim como as consequências de tal entendimento para o conjunto das categorias.

Conforme já mencionado, na concepção de Postone o trabalho no capitalismo figura, para Marx, como o *mediador universal das relações sociais no capitalismo*¹⁶¹ — e, para ele, este seria também o aspecto distintivo entre capitalismo e outras formações sociais. Esta é uma de suas interpretações de Marx que mais se distanciam de todo o restante da tradição marxista, com exceção, em partes, da “Crítica do Valor” [*Wertkritik*], e principalmente da ulterior e própria “Nova Crítica do Valor” [*Neue*

¹⁶⁰ MARX. *O capital: livro I: capítulo VI (inédito)*. cit., p.33. O emprego deste texto de Marx de 1865, que como os *Grundrisse*, não fora publicado em vida — mesmo que, diferentemente destes últimos manuscritos, tenha feito parte do plano inicial para a publicação d’*O capital* em 1867 — deve-se ao fato de que ele, como o descreveu Claudio Napoleoni em 1972, “em forma extraordinariamente lúcida, contém uma espécie de resumo de quase todo o conteúdo teórico essencial do Livro primeiro [d’*O capital* — N.E.G]. Seu exame, portanto, permite penetrar na essência da argumentação de Marx mais profundamente do que outros textos de iguais dimensões”. NAPOLEONI. op. cit. p.17. Tradução minha.

¹⁶¹ Cf. POSTONE. op. cit., p.97.

Wertkritik]¹⁶², da qual Postone é fundador e representante central; tal tese é também o núcleo de argumentação para sustentar a ordem de dominação temporal que Postone afirma existir no capitalismo, tese que será tratada no tópico 2.4.

De partida, ele recupera noções de Marx ao demonstrar que a força de trabalho, na sociedade da mercadoria, passa a ser também uma mercadoria que surge ao lado das demais, e cuja mensuração e valoração é sua *capacidade de produzir mercadorias* (ou seja, coisas determinadas por seus potenciais *valores de troca*, e não seus valores de uso) *em dado tempo médio*; em suma, para ele, sua capacidade de produzir *valor*: “o crescimento contínuo da magnitude do valor deve ter origem em uma mercadoria cujo valor de uso possua a propriedade peculiar de ser uma fonte de valor. Ele [Marx — N.E.G.] especifica essa mercadoria como força de trabalho, a capacidade de trabalho vendida como mercadoria”¹⁶³. Torna-se evidente que as tendências de uma leitura centrada nos *Grundrisse* — tomando a figuração das categorias de Marx nesta obra de esboço como mais importante do que o modo que elas assumem n’*O capital* — são elementos que conduzem a compreensão de Postone acerca das noções maduras de Marx como um todo.

É imprescindível lembrar, contudo, que os *Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857 e 1858*, independentemente de todo o seu valor teórico e da possibilidade de revelar o “laboratório” e o pensamento de Marx em movimento e em direção ao amadurecimento ulterior disposto n’*O capital*, contendo diversas elaborações de grande relevância, são manuscritos que compõem diversas reflexões preliminares que não foram assumidas n’*O capital* — obra cujo primeiro volume Marx de fato publicou (em 1867, dez anos mais tarde). Algumas dessas diferenças possuem radicais consequências. A título de esclarecer a fundamental diferença que nos é indispensável para o tópico em

¹⁶² Faço aqui referência primeiramente à escola que começa a se desenvolver a partir dos anos 1960 na Alemanha e cujo eixo principal de autores é composto por Alfred Schmidt, Hans-Georg Backhaus, Helmut Reichelt e Hans-Jürgen Krahl; e mais adiante, ao surgimento da Nova Crítica do Valor [*Neue Wertkritik*], fundada por Moishe Postone em 1986 e composta ainda por Ernst Lohoff, Norbert Trenkle e Robert Kurz a partir do grupo *Krisis*. Michael Heinrich a caracteriza, em realidade, mais como uma tendência do que como uma escola (caracterização fornecida verbalmente pelo autor em palestra no IFCH-Unicamp em 6 de maio de 2024). Anselm Jappe é também um de seus representantes mais tardios e divulgadores mais conhecidos. Segundo este último, estes autores, mesmo eventualmente sem contato entre si, “chegaram, por vezes literalmente, às mesmas conclusões”. JAPPE, Anselm. *As aventuras da mercadoria: para uma nova crítica do valor*. Lisboa: Antígona, 2013, p.18.

¹⁶³ POSTONE. op. cit. p.309.

questão, recorro às indicações de Zaira Vieira, estudiosa já anteriormente mencionada e que apresenta vasta pesquisa acerca tanto dos *Grundrisse* quanto de Postone:

Redigidos entre 1857 e 1858, os *Grundrisse* apresentam [...] análises que serão progressivamente aperfeiçoadas, à medida que Marx avança em sua pesquisa, realizando descobertas que serão fundamentais à elaboração definitiva de sua teoria do valor. Dentre tais descobertas fundamentais, estão a da categoria *força de trabalho*, realizada no segundo capítulo destes mesmos manuscritos, e a do par conceitual *trabalho concreto/trabalho abstrato*, que aparece de forma definitiva apenas na *Contribuição à crítica da economia política*. Até a descoberta da primeira categoria, Marx confunde, ainda, valor de troca e preço [...]. Nos *Grundrisse*, o valor de troca é explicado a partir das relações de troca entre as mercadorias. Ele aparece como derivando do fato de que é a troca que põe os produtos como coisas iguais. Marx reconhece, neste momento, que há por detrás dessas formas uma divisão do trabalho e, portanto, uma *produção* que é produção de valores de troca. Mas é, de todo modo, a troca que põe as mercadorias como mercadorias ou os *produtos* como coisas equivalentes. Por esta razão, as determinações do valor de troca são consideradas por ele [nos *Grundrisse* — N.E.G] como advindas da troca, e não exatamente da esfera da produção. As determinações que Marx apresentará n’*O capital* como sendo determinações do valor que decorrem das características da forma social do trabalho no modo de produção capitalista são entendidas, aqui, como derivando da troca¹⁶⁴.

Assim, é necessário constatar que, n’*O capital*, após dez anos de longas investigações, não se trata apenas da força de trabalho na sua forma-mercadoria enquanto meramente derivada de sua relação com o *valor de troca*, ou seja, encontrando seu fundamento pura e simplesmente no *mercado*. A passagem pelo valor de troca é obviamente necessária, isto é, este valor de uso que deve estar tanto na raiz da produção quanto na da circulação, mas Marx desenvolverá e enfatizará o principal n’*O capital*: o valor da força de trabalho é ele próprio “determinado pelo tempo de trabalho necessário para a produção — e conseqüentemente, também para a reprodução — desse artigo específico”¹⁶⁵ que é a força de trabalho; determinado, por conseguinte, pelo valor dos *meios de subsistência* de seus portadores, ou seja, aqueles que nada têm a oferecer à sociedade do capital, exceto sua força laboral a ser vendida em troca de um salário para

¹⁶⁴ VIEIRA. op. cit., p. 289-290.

¹⁶⁵ MARX. *O capital: livro I*. cit., p.245.

a obtenção desta mesma subsistência¹⁶⁶. Portanto, os meios de subsistência, bem como os meios de trabalho, têm de estar materialmente apartados já *na produção*, em relação de exterioridade com o momento da troca. Acerca do capital e da temática do fundamento do trabalho assalariado nos *Grundrisse*, o conhecido intérprete da gênese d’*O capital* Roman Rosdolsky também afirma que:

o que distingue o capital do mero valor ou do dinheiro é, em primeiríssimo lugar, o seguinte: ele é um valor que “gera mais-valia”, que se baseia em uma relação específica, historicamente determinada: a relação do trabalho assalariado. [...] falta nos *Grundrisse* não só a análise do salário e de suas formas, mas também todo o material relativo à duração da jornada de trabalho, às práticas de exploração do capital e à legislação fabril, [...] a maior parte desses temas encontrou abrigo no primeiro tomo de *O capital*¹⁶⁷.

Mas para Postone, esta *forma-valor* particular que o trabalho tem de assumir no mercado (no momento da troca, da circulação e da *equivalência*), cujo imperativo seria, para ele, o de produzir “valor de troca”, *surge como determinação e, justamente, causa da dinâmica capitalista* (e não seu *meio*) na produção e reprodução de suas formas *sociais*. Esta é a reflexão de Marx que, à altura da redação dos esboços nos *Grundrisse*, ainda não tinha sido levada a sua elaboração ulterior e a qual Postone traz ao centro de sua crítica e interpretação, mesmo diante de considerações aprofundadas e distintas que são repetidamente encontráveis n’*O capital*. Portanto, é necessário sublinhar novamente, em pleno acordo com Vieira, que

Para Postone, a ordem de importância das descobertas que constituem as principais contribuições da crítica da economia política, é aquela

¹⁶⁶ Algumas formulações presentes nos *Grundrisse*, entretanto, já deixam os fundamentos aqui em questão muito claros: “No conceito de *trabalhador livre* já está implícito que ele é *pobre*: virtualmente pobre. [...] Se o capitalista não pode utilizar seu trabalho excedente, o trabalhador não pode executar o seu trabalho necessário; não pode produzir seus meios de subsistência. Não pode obtê-los, então, pela troca; ao contrário, só os obtém, quando é o caso, pelas migalhas da renda que lhe caem como esmola. Como trabalhador, só pode viver à medida que troca sua capacidade de trabalho pela parte do capital que forma o fundo de trabalho. [...] Além disso, como a condição da produção fundada sobre o capital é de que o trabalhador produza sempre mais trabalho excedente, sempre é liberado mais *trabalho necessário*. Consequentemente, as chances de seu pauperismo aumentam. Ao desenvolvimento do trabalho excedente corresponde o desenvolvimento da população excedente. [...] É só no modo de produção fundado sobre o capital que o pauperismo aparece como resultado do próprio trabalho, do desenvolvimento da força produtiva do trabalho”. MARX. *Grundrisse*. cit., p.502-3.

¹⁶⁷ ROLSDOSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2001, p.51, 61 e 63.

em que o duplo caráter do trabalho — como *trabalho concreto* e *trabalho abstrato* — precederia e seria dominante em relação à análise do mais-valor proveniente da troca de *força de trabalho* com o capital. Ainda mais fundamentalmente, [...] a caracterização marxiana do trabalho seria independente até mesmo da definição de mais-valor¹⁶⁸.

Destarte, faz-se necessário retomar o rigor da definição de *mercadoria* oferecida anteriormente sem negligenciar que a mercadoria *força de trabalho* é, para o Marx d’*O capital*, a mercadoria capaz de produzir um *excedente* do valor adiantado em sua compra, mais do que apenas e unilateralmente sua capacidade de produzir mercadorias, de ser comprada no mercado como qualquer outra mercadoria, ou de poder produzir um *equivalente* de seu próprio valor. Certamente, o primeiro momento, isto é, a compra de seu *valor de uso* figurado em seu valor de troca, de sua capacidade de produzir mercadorias — de produzir um valor — e de ser empregada pelos meios produtivos que a confrontam como alheios na figura do capitalista, é *o meio* indispensável de possibilitar o segundo momento (que no emprego da força de trabalho ocorre simultaneamente), a saber, sua capacidade de fornecer excedente sobre seu próprio valor em seu dispêndio *no interior da produção, e não no ato de sua compra ou venda* — no movimento da equivalência. O segundo momento parece ser, como Marx sempre reitera n’*O capital*, o real e único objetivo do capital: aquilo que se torna *causa e finalidade de seu processo*¹⁶⁹. Para Marx, o capital “é o poder de se apropriar do trabalho alheio *sem*

¹⁶⁸ VIEIRA, Zaira. *Catégories et méthode dans la théorie de la valeur de Marx. Sur la dialectique*. Thèse (Doctorat en Philosophie) — Université Paris Ouest — Nanterre La Défense — École Doctorale Connaissance, Langage, Modélisation; Paris, 2012, p.105-6. Tradução minha. Assim como Vieira, desejo “mostrar que a historicização da noção de trabalho, à qual Marx efetivamente chegou, só foi possível, durante sua crítica da economia política, a partir da introdução da categoria de *força de trabalho* nos *Grundrisse*. Isto significa precisamente que, antes da descoberta desta categoria, e portanto da elaboração definitiva por Marx de sua teoria do mais-valor, o caráter social não era entendido pelo próprio Marx como algo completamente inerente ao trabalho no modo de produção capitalista”. Ibidem.

¹⁶⁹ Nas *Glosas marginais ao Tratado de economia política de Adolph Wagner*, Marx formula que “o ganho de capital não é ‘apenas uma *subtração* ou ‘roubo’ ao trabalhador’. Apresento, ao contrário, o capitalista como funcionário necessário da produção capitalista e demonstro, muito minuciosamente, que ele não apenas ‘subtrai’ ou ‘rouba’, mas compele a *produção de mais-valor*; portanto, o que subtrai ajuda primeiro a criar. Mostro detalhadamente, além disso, que, dentro da troca de mercadorias, mesmo se *apenas equivalentes* fossem trocados, o capitalista — assim que paga ao trabalhador o valor efetivo de sua força de trabalho —, com todo o direito, isto é, o direito correspondente a esse modo de produção, ganharia o *mais-valor*. Tudo isso não faz do ‘ganho de capital’ *elemento ‘constitutivo’* do valor, mas evidencia apenas que há, inserido no valor ‘*constituído*’ sem a mediação do trabalho do capitalista, um pedaço do qual ele pode se apropriar ‘juridicamente’, isto é, sem infringir o direito correspondente à troca de mercadorias”. Aqui evidencia-se mais uma vez a primazia do *mais-valor* em relação à categoria do *valor* para a crítica do capital e de sua lei, bem como a contradição presente na leitura postoniana. MARX, Karl. *Últimos escritos econômicos: anotações de 1879-1882*. São Paulo: Boitempo, 2020, p.44.

*troca, sem equivalente, mas com a aparência de troca*¹⁷⁰. Portanto, com a aparência do valor.

Nos *Grundrisse*, ao dizer que “o capital só é capital como não trabalho”, Marx já dispõe de uma formulação preliminar que aponta para essa direção que será consolidada n’*O capital* e indica que

o trabalhador encontra-se nessa troca como igual frente ao capitalista, como qualquer outro participante da troca; ao menos de acordo com a *aparência*. [...] Mas o que é essencial é que a finalidade da troca, para ele, é a satisfação de suas necessidades. O objeto de sua troca é objeto imediato da necessidade, não o valor de troca enquanto tal. [...] Sempre que o trabalhador enquanto tal tem *valor de troca*, o *capital industrial* enquanto tal não pode existir e, portanto, de forma alguma pode existir o capital desenvolvido. Diante do capital desenvolvido, o trabalho tem de estar como *puro valor de uso* que é oferecido por seu próprio dono como mercadoria pelo capital, por seu *valor de troca* [...]. *A separação da propriedade do trabalho* aparece como lei necessária dessa troca entre capital e trabalho¹⁷¹.

Todas as demais mercadorias envolvidas e adiantadas — matérias-primas, maquinário, combustíveis, prédios, etc; isto é, os elementos que Marx chama de capital constante e capital fixo — no processo de produção e reprodução do capital, são um conjunto de elementos incapaz de gerar um tal acréscimo de valor, de um excedente de si mesmo. Assim como *uma das faces* da mercadoria força de trabalho, estes apenas transferem ao produto suas parcelas de valor consumidas no processo. A relação de produção de *excedente* está sempre posta *com o capital variável* — o capital destinado à compra da força de trabalho — e esta última se enfrenta com o capital primariamente como *valor de uso*. Algum capitalista compraria uma força de trabalho que seria capaz de produzir mercadorias equivalentes a seu próprio valor de troca (em outros termos, ao capital variável), mas incapaz de garantir tal excedente (o mais-valor) no *consumo de*

¹⁷⁰ MARX. *Grundrisse*. cit., p.455.

¹⁷¹ Ibidem, p.222, 226, 227 e 229. Apenas após afirmar tal pressuposto do valor de uso do trabalho diante do capital e do pressuposto da separação da propriedade do trabalho, bem como afirmar que “o capital só é capital como não trabalho”, é que Marx apresentará o conceito de *trabalho abstrato*: “O último ponto para o qual é preciso chamar a atenção no trabalho, tal como ele se defronta com o capital, é que o trabalho, como o valor de uso que se defronta com o dinheiro posto como capital, não é esse ou aquele trabalho, mas é *trabalho por excelência*, trabalho abstrato: absolutamente indiferente diante de sua *determinabilidade* particular, mas suscetível de qualquer determinação”. Ibidem, p.230.

seu valor de uso? Seria possível, neste caso, a produção e acumulação de capital, assim como o trabalho universalizado na forma-mercadoria? Não estaria neste ponto, portanto, o núcleo da dinâmica acumulativa do capital?¹⁷²

2.3. A dominação abstrata, a propriedade privada dos meios de produção e Max Weber: Postone entre *classe*, o *valor* e o *mais-valor*

Diante dos argumentos até aqui expostos, faz-se progressivamente evidente a questão que busco aprofundar: qual o objetivo de Postone ao dispor tal interpretação, e o que lhe garante tamanha notoriedade ao fazer o que, na realidade, vai se revelando como impossível? Propor uma “reforma do marxismo” ao dizer que “Marx errou”, ou que não pôde desenvolver determinados aspectos críticos em suas instâncias mais avançadas (seja por razões históricas ou carências analíticas), ou indicando ainda que seu método e suas concepções precisam ser revistos, tudo isso teria significados e lugares teóricos específicos — independentemente se distantes ou próximos da tradição marxista. Mas ao propor uma interpretação de Marx que se sustenta na afirmação de que *ele diz aquilo que não diz*, deparamo-nos com a exigência de *uma caracterização distinta* de seu *modus operandi*. Em particular quando também sustenta que as demais correntes e representantes do marxismo histórico foram incapazes de assim interpretá-lo, porque foram simplesmente incapazes de “entender”, ou porque sequer merecem comentário¹⁷³. Como aponta Bidet, Postone assegura a satisfação daqueles que buscam “um marxismo em ruptura com o marxismo”, sempre a oferecer “pequenas inovações terminológicas sub-reptícias, atribuídas a Marx (‘segundo Marx’, como está dito em cada página)”¹⁷⁴.

¹⁷² Cf. nota anterior.

¹⁷³ Postone explicitamente reconheceu a existência da crítica a ele dirigida por Jacques Bidet, a qual foi aqui, junto a outras, empregada para avaliar sua interpretação, mas que jamais recebeu uma resposta do autor. A justificativa simplória de Postone para o silêncio foi a de que seu “francês é muito fraco”. Uma tal postura pode ser reveladora de sua indisposição em avaliar e oferecer respostas às contraposições existentes à sua leitura, o que certamente dificulta o debate e avanço teórico, deixando-o à “crítica crítica” de seus autorizados intérpretes. Cf. POSTONE, Moishe. Entrevista: conversa com Moishe Postone. *Verinotio* — Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas . ISSN 1981-061X . Ano XI. out./2016. n. 22, p.97; cf. também ARAÚJO, P. H. F. Notas críticas ao artigo Miséria na filosofia marxista: Postone leitor d’O capital, por Bidet. *Verinotio* — Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas. ISSN 1981-061X. Ano XI. out./2016. n. 22, p.120-151.

¹⁷⁴ BIDET. Miséria na filosofia marxista: Postone leitor d’O capital. cit., p.12.

O que torna-se evidente mediante a leitura crítica e comparada é que Postone necessita ora suprimir categorias, ora inverter suas relações primárias para cumprir com a sua exigência de *deslocar a relação fundamental de classes para o segundo plano na lógica do capital*. Sem dúvida, uma possibilidade teórica (de tendência evidentemente burguesa), mas absolutamente impossível enquanto chave interpretativa da obra marxiana. Entretanto, nada mais astuto para a filosofia burguesa do que imputar a Marx aquilo que ela própria deseja que seja dito em seu nome.

Dentre tais inúmeras exposições de Marx que conflitam abertamente com o entendimento de Postone, apresentou-se até aqui uma seleção destacada das dissonâncias mais fundamentais, seja para resolver as contradições em favor de algum proveito da abordagem postoniana, seja para encarar suas suas falhas e inviabilidades teóricas. Julgo entretanto necessário que tal apresentação comparativa acerca da categoria do “trabalho trans-histórico” esteja já presente à atenção desde este ponto expositivo. A próxima passagem a conflitar abertamente com tais compreensões de Postone encontra-se mais uma vez n’*O capital*, dando abertura ao capítulo 5.1. *O processo de trabalho*:

A produção de valores de uso ou de bens não sofre nenhuma alteração em sua natureza pelo fato de ocorrer para o capitalista e sob seu controle, razão pela qual devemos, de início, considerar o processo de trabalho independentemente de qualquer forma social determinada.

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [Naturmacht]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio¹⁷⁵.

Como é possível notar, há nesta passagem a evidência de certa noção da centralidade da *produção* (do “trabalho”) para qualquer sociedade imaginável; e não há

¹⁷⁵ MARX. *O capital: livro I*. cit., p.255. Grifos meus.

qualquer noção de “modo de produção” na qual a noção de trabalho (de *praxis* laborativa, transformadora, produtiva da própria sociedade), cuja relação não é apenas “homem X natureza”, mas também do homem consigo mesmo (“modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza”), não seja seu componente nuclear. Este é o significado que Marx sublinha ao dizer, na já mencionada famosa passagem da *Contribuição à crítica da economia política*, que o processo de produção de vida material condiciona o processo de vida social e suas representações, seu conjunto de abstrações¹⁷⁶. Mais uma vez, compreende-se o caráter polêmico — e como progressivamente se demonstra, inviável — da interpretação de Postone, visto que, para ele, o trabalho (“produção da vida material”) só é a “mediação” da estrutura da sociedade e de suas relações (“condiciona o processo de vida social”) *no capitalismo*: e justamente a partir dos resultados *mais abstratos e gerais de tal processo*, e não de seus ensejos propriamente materiais.

Levando tal reflexão às últimas consequências — de que não houve antes e nem haverá, depois do capitalismo, uma “mediação” das relações sociais pelo modo de produção, isto é, por como o *trabalho* é organizado e organiza as relações sociais —, poderíamos (e deveríamos) perguntar: como então e por qual motivo, partindo de sociedades nas quais a determinação do trabalho para as relações sociais teria sido, em tal concepção, ausente (ou, na melhor das hipóteses, contingente), *tais abstrações da atividade produtiva* poderiam resultar em *leis históricas* a se *objetivar* na materialidade sem assim recorrer a uma espécie de *metafísica* (em sentido hipostático entre abstração e materialidade), completamente avessa ao método materialista de Marx? Conforme aponta Bidet, “sobre uma ‘trajetória do capital’ assim entendida, ele reativa e concentra uma metafísica da história”¹⁷⁷. Curiosamente, o resultado da reflexão acima poderia ser uma inversão aberrante de uma conhecida ironia marxiana: desse modo, não houve uma

¹⁷⁶ O já mencionado e notório adágio de Marx, cuja primeira formulação surge n’*A ideologia alemã* (1846): “*O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência*”. MARX. *Contribuição à crítica da economia política*. cit., p.47. Grifos meus.

¹⁷⁷ BIDEET. op. cit., p.21

história, mas agora há¹⁷⁸. Podemos ainda acrescentar à reflexão o que diz Marx ao início do livro II d’*O capital*:

*Quaisquer que sejam as formas sociais da produção, os trabalhadores e os meios de produção permanecem sempre como seus fatores constitutivos. Mas, enquanto se encontram separados uns dos outros, são fatores de produção apenas em potencial. Para que se produza efetivamente, precisam ser combinados. O modo particular dessa combinação distingue as diferentes épocas econômicas da estrutura social.*¹⁷⁹

Deve-se, portanto, lidar com as afirmações contundentes e explícitas de um Marx maduro de que o modo particular pelo qual se combinam trabalhadores e meios de produção (a maneira que *o trabalho está organizado e organiza a sociedade*) é o elemento que *distingue* as diferentes épocas econômicas em termos da estrutura propriamente *social*. Para falar em linguagem postoniana, *a produção é o elemento mediador da sociabilidade*, e não o contrário. Eliminar, assim, a categoria do trabalho enquanto uma determinação central da estrutura (econômica) socializante nas demais sociedades *que não a do capitalismo*, lançando-a como a distinção própria do capitalismo, emergente em si e para si, evidencia-se como um desafio compreensivelmente grande, ao menos no que tange afirmar tal pressuposição enquanto presente no texto de Marx. Tal problema é também observado por Karen Miller. Segundo ela,

Postone não reconhece estas formas abstratas do pensamento que apontam para evidentes continuidades entre sociedades pré-capitalistas

¹⁷⁸ Na obra *Miséria da filosofia* (1847), Marx apresenta uma crítica aos economistas e à teologia, que separam as instituições humanas entre “instituições artificiais” e “instituições naturais”. N’*O capital*, sua obra mais tardia, Marx retoma a mesma reflexão: “Os economistas procedem de um modo curioso. Para eles, há apenas dois tipos de instituições, as artificiais e as naturais. As instituições do feudalismo seriam artificiais, ao passo que as da burguesia seriam naturais. Nisso, eles são iguais aos teólogos, que também distinguem entre dois tipos de religiões. Toda religião que não é a deles é uma invenção dos homens, ao passo que sua própria religião é uma revelação de Deus. — *Desse modo, houve uma história, mas agora não há mais*”. MARX. *Miséria da filosofia*. cit., p.110; *O capital: livro I*. cit., p.156, nota 33. Grifos meus. Esta última crítica irônica será, entretanto, retomada por Postone e empunhada justamente contra a noção da “naturalização” da categoria do trabalho enquanto elemento de “mediação” entre materialidade (modo produtivo) e socialidade (estrutura social) das sociedades humanas em geral, na busca de reforçar sua tese de que *apenas no capitalismo* o trabalho tem tal papel central para as relações sociais (e para a dominação) e de que é isso que precisamente faz o capitalismo ser capitalismo. Cf. POSTONE. *Tempo, trabalho e dominação social*. cit., p.89.

¹⁷⁹ MARX. *O capital: livro II*, cit., p.119. Grifos meus.

e capitalistas, tratando-as como inválidas por não serem dominantes e, portanto, determinantes. Assim, porque ele enfatiza apenas a descontinuidade aparente no surgimento do tempo abstrato, e relacionalmente também do trabalho assalariado, ele fracassa em dar conta de ou explicar como o tempo abstrato, o trabalho abstrato e valor enquanto formas historicamente específicas vieram à existência. A aparente falta de preocupação de Postone com a questão da explicação histórica, ao lado de sua rejeição da transhistoricidade e a noção associada de “uma lógica imanente da história humana”, acaba por aliá-lo, em certos aspectos, à posição pós-moderna¹⁸⁰.

Para além de tal ahistoricidade e da tônica pós-moderna presente em Postone e verificada por seus críticos, pensemos ainda com mais uma notável passagem de Marx, consideravelmente constrangedora para o edifício teórico e interpretativo de Postone e para sua tese da rejeição do que este último nomeia *trabalho trans-histórico*:

O capital não inventou o mais-trabalho. Onde quer que uma parte da sociedade detenha o monopólio dos meios de produção, o trabalhador, livre ou não, tem de adicionar ao tempo de trabalho necessário à sua autoconservação um tempo de trabalho excedente, a fim de produzir os meios de subsistência para o possuidor dos meios de produção, seja esse proprietário o *kaloskagathos* [belo e bom] ateniense, o teocrata etrusco, o *civis romanus*, o barão normando, o escravocrata americano, o boiardo valáquio, o *landlord* moderno ou o capitalista. No entanto, é evidente que em toda formação econômica da sociedade onde predomina não o valor de troca, mas o valor de uso do produto, o mais-trabalho é limitado por um círculo mais amplo ou mais estreito de necessidades, mas nenhum carecimento descomedido de mais-trabalho surge do próprio caráter da produção¹⁸¹.

Portanto, afirmar que predomina o valor de troca e o capital *porque* predomina o trabalho como forma de socialização hegemônica mostra-se evidentemente problemático em relação ao texto marxiano, e é legítimo sublinhar que a possibilidade de uma tal interpretação da obra marxiana — a saber, de que o trabalho (portanto, a produção; a base econômica) não é a base das relações sociais de outros modos de produção, mas *apenas do capitalismo* — verifica-se como inviável. Não é de se espantar que só é possível aceitar tal interpretação que Postone nos oferece se

¹⁸⁰ MILLER, Karen. The Question of Time in Postone's *Time, Labor and Social Domination*. *Historical Materialism*, vol. 12, n. 3, p. 223, 2004. Tradução minha.

¹⁸¹ MARX. *O capital* : livro I. cit., p.309.

ignoramos o texto marxiano propriamente dito e levamos a sério apenas as curiosas chaves e métodos hermenêuticos de um *uir obscurus*. O “trabalho trans-histórico” de Postone (ou qualquer utilidade crítica que tal noção possa vir a ter) não é categoria que encontra qualquer expressão no texto de Marx. Observemos ainda uma nota relevante, presente n’*O capital*, na qual Marx refuta uma acusação dirigida por um jornal teuto-americano à sua *Contribuição à crítica da economia política*:

Segundo esse jornal, minha afirmação de que os modos determinados de produção e as relações de produção que lhes correspondem, em suma, de que ‘a estrutura econômica da sociedade é a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas sociais de consciência’, de que ‘o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral’ — tudo isso seria correto para o mundo atual, onde dominam os interesses materiais, mas não seria válido nem para a Idade Média, onde dominava o catolicismo, nem para Atenas ou Roma, onde dominava a política. [...] É claro que a Idade Média não podia viver do catolicismo, assim como o mundo antigo não podia viver da política. Ao contrário, *é o modo como eles produziam sua vida que explica por que lá era a política, aqui o catolicismo que desempenhava o papel principal*¹⁸².

Acrescentaria-se: “e explica por que no capitalismo *é o valor*”. Constata-se aqui, mais uma vez, a preocupação de Marx com o “modo de produção da vida material” a ensejar a compreensão das correspondentes *abstrações* (por exemplo, o valor) dominantes em cada modo de produção, o qual é obviamente sempre também mediado por representações e abstrações históricas e particulares, como se lê bem na passagem. Entretanto, note-se que não se trata de que cada uma das “abstrações” dominantes sejam propriamente a determinação e o ponto central da crítica de cada um dos tais modos produtivos, mas o fato de que elas estão de algum modo particular, mas obrigatório, *vinculadas* ao trabalho, *produzidas* no seu processo, ou seja, *vinculadas à produção e reprodução material da vida*. Este é o traço central do materialismo histórico de Marx¹⁸³.

¹⁸² Ibidem, p.156-7, nota 33. Grifos meus.

¹⁸³ Cf. nota 159.

Seria necessário acrescentar, portanto, que é de cada modo de produção e especificamente das respectivas *relações de produção* que as *relações sociais* (e portanto, as relações de dominação), como já indicado, emanam, não sendo esta estrutura algo exclusivo ao capital. Postone é, contudo, tido por correntes expressivas como o intelectual que finalmente superou tal desafio¹⁸⁴ de sublinhar tais recusas ao “trabalho trans-histórico” como algo criticamente fundamental e determinante das *relações sociais* sob o capitalismo, provando que não são tendências meramente particulares de leitura, mas que estão no próprio Marx — ainda que, para isso, não tenha apresentado nenhuma passagem, das dezenas de tomos da obra completa de Marx e Engels (publicadas ou não em seus períodos de vida), na qual um ou outro afirme tais pressupostos de modo minimamente claro, menos ainda enquanto um elemento determinante para seu edifício crítico. Postone e seus companheiros teriam sido, dessa maneira, após o marco de um século da morte de Marx, pioneiros em uma leitura apropriada: não se tratando de detalhes, mas do que haveria de *central* na compreensão de Marx acerca do capitalismo, algo que fora aparentemente criptografado em seus escritos e revelado com um século de atraso.

O problema central no capitalismo, para ele, não estaria em *como* a múltipla atividade produtiva do homem configura *as relações sociais e suas representações* (suas *abstrações*) no capitalismo, mas *no próprio fato de que ela o faz* — em oposição ao fato de que não seria assim para outros modos de produção¹⁸⁵. Portanto, as conclusões de Postone acerca do trabalho até aqui apresentadas, mesmo que venham a ser possivelmente pertinentes para a crítica do capitalismo na atualidade em alguma de suas perspectivas fenomênicas, estão em contradição direta com diversas claras expressões de Marx em sua obra madura.

Diante da interpretação de Postone de que o capitalismo seria a única “formação social” na qual o “contexto social” seria “mediado pelo trabalho”, poderia-se replicar

¹⁸⁴ Cf. TRENKLE, Norbert. Moishe Postone (1942-2018): um ataque frontal à crítica social tradicional. Tradução de Marcos Barreira. *Blog da Boitempo*. São Paulo, 20/03/2018. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2018/03/20/moishe-postone-1942-2018-um-ataque-frontal-a-critica-social-tradicional/>>. Acesso em: 18/05/2024.; JAPPE. op. cit.

¹⁸⁵ Norbert Trenkle, ao comentar e elogiar os empreendimentos teóricos de Postone, assume a posição do último e argumenta: “Embora o trabalho, no sentido de um processo metabólico com a natureza, desempenhe evidentemente um papel em toda sociedade, o capitalismo é a única de todas as formações sociais até essa altura que é constituída pelo trabalho ou, em outras palavras: a única em que o contexto social é mediado pelo trabalho. Essa é uma característica historicamente muito específica que distingue o capitalismo de todas as sociedades anteriores”. TRENKLE. op. cit.

com duas breves, mas sonoras sínteses de Marx: 1) “O que diferencia as várias formações econômicas da sociedade, por exemplo, a sociedade da escravatura daquela do trabalho assalariado, é apenas a forma pela qual esse mais-trabalho é extraído do produtor imediato, do trabalhador”¹⁸⁶; e 2) “o processo de trabalho não é mais do que o meio e a figura real do *processo de valorização*”¹⁸⁷; portanto, de criação e acumulação de mais-valor, e não apenas do *valor* (forma equivalente). Conforme apontam os críticos da obra de Postone, tais conclusões são impossíveis de se extrair como elementos efetivamente presentes no *corpus* marxiano, inviabilizando, pois, sua proposta de *interpretação*.

As duas teses de Postone apresentadas na introdução deste trabalho se explicam agora em seu caráter real. Uma delas, a qual envolve uma concatenação interpretativa das categorias analisadas neste tópico, é, na verdade, uma premissa: provar tal compreensão do trabalho, seja o histórico ou o trans-histórico, como presente na obra de Marx; enquanto a outra é propriamente a “tese” que de uma primeira premissa parte: a dita dominação de ordem temporal, totalmente ausente na obra deste último; a própria presença dos dois elementos assim dispostos, os quais na obra de Postone apresentam-se enquanto “teses”, revela a deformação crítica de seu compromisso teórico.

Outra passagem por ora selecionada que pode ainda iluminar e localizar os desafios da tese de Postone acerca da categoria do trabalho em Marx, encontra-se novamente no livro I d’*O capital*, onde Marx é muito explícito quanto ao que ele julga ser aquilo que caracteriza o capitalismo, assim como seu trato do surgimento histórico e da *causalidade* em relação ao trabalho e à mercadoria:

O que caracteriza a época capitalista é, portanto, que a força de trabalho assume para o próprio trabalhador a forma de uma mercadoria que lhe pertence, razão pela qual seu trabalho assume a forma do trabalho assalariado. Por outro lado, *apenas a partir desse momento universaliza-se a forma-mercadoria dos produtos do trabalho*¹⁸⁸.

¹⁸⁶ MARX. op. cit., p.293.

¹⁸⁷ MARX. *O capital: livro I: capítulo VI (inédito)*. cit., p.39.

¹⁸⁸ MARX. *O capital: livro I*. cit., p.245, nota 41. Grifos meus. Este aspecto está claro e explícito em diversos pontos d’*O capital*. Por exemplo, quando Marx diz: “É apenas quando o trabalho assalariado constitui sua base que a produção de mercadorias se impõe a toda a sociedade; [...] as leis de

E para que o trabalho produtivo seja aquele que produz o *mais-valor*, o produto do trabalho tem sempre de ser *valor*. Retornando da confrontação acima acerca da especificidade do trabalho no capitalismo, percebe-se alguma confluência — que podemos identificar como o mero emprego de categorias sob o mesmo nome — e, entretanto, claras dissonâncias entre o texto marxiano e a leitura postoniana. É necessário ainda destacar outro aspecto da categoria do trabalho que, neste caso, tanto para Postone quanto para Marx surgem de maneira expressa diversas vezes, mesmo que, mais uma vez, apenas de modo parcialmente confluyente: o caráter duplo do trabalho sob o capitalismo¹⁸⁹. Esse estado de coisas na qual a atividade produtiva só tem valor *a posteriori* [*Nachträglich*]¹⁹⁰, ou seja, que o valor da atividade dos produtores é dado a quem deles próprios e antes mesmo que seja realizada, gera uma categoria de trabalho “duplo” e cindido em duas faces, isto é, um trabalho concreto, produtor de valores de uso (dentre eles, a própria força de trabalho como mercadoria), e um trabalho abstrato, produtor de valores de troca, socializado através de unidades de um tempo de trabalho universal (o “tempo de trabalho socialmente necessário”) e equiparáveis na forma genérica da troca pela via do dinheiro.

Logo no capítulo I d’*O capital*, Marx expõe a derivação do caráter duplo no trabalho produtor de mercadorias (antes de apresentar este trabalho no interior da produção propriamente capitalista) a partir da própria dupla natureza da mercadoria: ela deve ser, ao mesmo tempo, valor de uso (em suas qualidades próprias, qualitativamente incomparáveis com outras mercadorias, como o vinho, o trigo, um livro, etc) e valor de troca; ou seja, esta segunda face da mercadoria diz respeito ao fato de que uma

propriedade que regulam a produção de mercadorias se convertem em *leis da apropriação capitalista*”. Ibidem, p.662. Grifos meus.

¹⁸⁹ Cf. POSTONE. op. cit., pp.66, 75-6, 103 et seq.

¹⁹⁰ Sobre a socialização *a posteriori* do trabalho, diz Marx: “Da natureza peculiar dessa mercadoria específica, a força de trabalho, resulta que, com a conclusão do contrato entre comprador e vendedor, seu valor de uso ainda não tenha passado efetivamente às mãos do comprador. Seu valor, como o de qualquer outra mercadoria, estava fixado antes de ela entrar em circulação, pois uma determinada quantidade de trabalho social foi gasta na produção da força de trabalho, porém seu valor de uso consiste apenas na exteriorização posterior [*nachträglich* — N.E.G] dessa força. Por essa razão, a alienação da força e sua exteriorização efetiva, isto é, sua existência como valor de uso, são separadas por um intervalo de tempo. [...] Em todos os países em que reina o modo de produção capitalista, a força de trabalho só é paga depois de já ter funcionado pelo período fixado no contrato de compra, por exemplo, ao final de uma semana. Desse modo, o trabalhador adianta ao capitalista o valor de uso da força de trabalho; ele a entrega ao consumo do comprador antes de receber o pagamento de seu preço e, com isso, dá um crédito ao capitalista”. MARX. op. cit., p.248-9./ cf. MEW 23, p.188.

mercadoria só é valorativamente comparável à outra no que ambas comportam em termos de um *quantum* de trabalho representado. Uma mercadoria é sempre e já uma *relação* do produto médio comparativo entre massas de mercadorias produzidas com relação ao trabalho total e proporcional nelas despendido. Dois ou três casacos valem X ou Y quantidade de linho, porque este está contido nestes casacos em termos de um *quantum* de trabalho representado. Trata-se da mesma quantidade homogênea de trabalho que se equipara *na troca*, cuja medida é o tempo médio (dispêndio de nervos, músculos e energia) necessário para se produzir a quantidade X de linho, ou ainda uma quantidade Y de ferro, ou Z de trigo, etc. Nos termos de Marx, isto seria o que ele chama de redução ao “trabalho simples”:

Abstraindo da determinidade da atividade produtiva e, portanto, do caráter útil do trabalho, resta o fato de que ela é um dispêndio de força humana de trabalho. Alfaiataria e tecelagem, embora atividades produtivas qualitativamente distintas, são ambas dispêndio produtivo de cérebro, músculos, nervos, mãos etc. humanos e, nesse sentido, ambas são trabalho humano. Elas não são mais do que duas formas diferentes de se despender força humana de trabalho. É verdade que a própria força humana de trabalho tem de estar mais ou menos desenvolvida para poder ser despendida desse ou daquele modo. Mas o valor da mercadoria representa unicamente trabalho humano, dispêndio de trabalho humano¹⁹¹.

Tal figuração “dupla” do trabalho é certamente, segundo Marx, um aspecto que se torna dominante, distintivo e *necessário* no capitalismo. Mas o caráter duplo do trabalho não ocorre *apenas* porque o trabalho é um trabalho predominantemente abstrato. Ocorre porque, para que também a *atividade produtora* seja uma *mercadoria comprável* (encontrável no corpo de seus portadores, livres vendedores de tal mercadoria), o que está fundamentalmente e materialmente pressuposto é que *estes produtores não podem ser eles mesmos proprietários dos meios necessários para a produção e para a subsistência*. O trabalho só se torna universalmente uma generalização abstrata na forma-mercadoria, ou seja, só predomina o valor de troca sobre o valor de uso, sob uma tal premissa. Assim, é a forma-mercadoria *da força de trabalho* (tendo pressuposta a propriedade privada dos meios por uma classe específica)

¹⁹¹ MARX. op. cit., p.121-2.

que hegemoniza a produção material da vida (o modo de produção) como produção de mercadorias, *e não o oposto*. Este é seu fundamento *concreto*. Sobre tal incompreensão de Postone, diz Zaira Vieira: “Ao desconsiderar que tais aspectos concretos sejam tão importantes quanto os abstratos, ele acaba confundindo, porém, essas dimensões e tomando uma pela outra; razão pela qual *capital* é definido como *valor*”¹⁹².

Marx chega a admitir que não há nada de novo na compreensão da categoria de mercadoria *em si*, visto que mesmo Aristóteles a compreende em sua dualidade: “O gênio de Aristóteles brilha precisamente em sua descoberta de uma relação de igualdade na expressão de valor das mercadorias”. A Antiguidade esteve longe de ver qualquer coisa próxima ao modo de produção capitalista, à igualdade formal dos indivíduos (o trabalho livre) e à hegemonização da forma-mercadoria *do trabalho*. Tal compreensão só seria possível “numa sociedade em que a forma-mercadoria [*Warenform*] é a forma universal do produto do trabalho e, portanto, também a relação entre os homens como possuidores de mercadorias é a relação social dominante”¹⁹³. E tal relação só se torna dominante, conforme já demonstrado, quando o “trabalho assume a forma do trabalho assalariado. [...] *apenas a partir desse momento universaliza-se a forma-mercadoria dos produtos do trabalho*”.

Em uma sociedade na qual os produtores não são obrigados nem a trocar mercadorias e nem a vender a sua força de trabalho para produzir e consumir (diferentemente do que ocorre no capitalismo), seja produtivamente, seja improdutivamente, essa redução ao trabalho simples *voltada para o momento da troca* acontece apenas de modo marginal — troca-se, em geral, apenas o excedente dos valores de uso, e não se produz com vistas a este excedente: predomina o valor de uso, não o de troca. Tal troca é, aliás, o privilégio e a atividade de apenas certas classes em tais sociedades, como a classe comerciante. A *forma* do trabalho simples não domina a dinâmica do trabalho como um todo (e nem a totalidade dos produtores) nas sociedades cujo imperativo não é a produção de capital. O que não significa, como constatamos em passagens acima, que o trabalho não seja a base do modo que estas sociedades anteriores e suas relações se organizam, bem como seus reflexos e representações espirituais.

¹⁹² VIEIRA. *As novas leituras de Marx e um velho problema da economia política*. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 20, No 47, jan/abr 2018, p.301

¹⁹³ MARX. *op. cit.*, p.136. Cf. também nota 188.

Entretanto, é justamente tal aspecto do trabalho duplo no capitalismo que, no entendimento postoniano, eleva *o trabalho* como categoria exclusivamente determinante *do* capitalismo¹⁹⁴, sendo ainda a causa da hegemonia da categoria do *valor* (para Postone, a *finalidade* do capital¹⁹⁵ e seu núcleo de dominação) na figura do trabalho abstrato; “saltos” conclusivos que Marx, entretanto, nunca realizou. Marx afirma justamente o contrário:

O produto do processo de produção capitalista não é simplesmente *produto* (valor de uso), nem simplesmente *mercadoria*, isto é, produto que tem um valor de troca; seu *produto específico* é a *mais-valia*. Seu produto são *mercadorias* que possuem mais valor de troca, isto é, que representam mais trabalho do que o adiantado para sua produção sob a forma de dinheiro ou mercadorias. No processo capitalista de produção o *processo de trabalho* só se manifesta como *meio*; o *processo de valorização* ou a *produção de mais-valia*, como fim¹⁹⁶.

Ao assumir o valor indiscriminadamente como o mesmo que o mais-valor (ao afirmar que o capital é composto de “[...] relações sociais que são objetivadas na forma de valor da riqueza e, *portanto*, na forma de valor do excedente”¹⁹⁷), Postone coloca o valor (forma equivalente) e o que ele representa (o *quantum* de trabalho) como o próprio *fim* do processo capitalista de produção. Aí está um detalhe que pode passar despercebido ao leitor desatento quando Postone afirma que, para Marx, a força de trabalho seria “uma mercadoria cujo valor de uso possua a propriedade peculiar de ser uma *fonte de valor*”¹⁹⁸. Naturalmente, isso é *parcialmente* verdadeiro, mas não é o elemento crucial da produção capitalista. *É o meio pelo qual a força de trabalho pode ser generalizada como mercadoria e produzir mais-valor*. Valor é uma relação de *equivalência* para a mediação e realização da *troca*. Marx, ao criticar a estreiteza de David Ricardo, afirma: “entre capital e trabalho tem lugar uma relação *completamente*

¹⁹⁴ Repetindo e ampliando a ironia anedótica de Marx, pode-se comparar tal entendimento à compreensão invertida de que é o “catolicismo” que é a determinante no feudalismo, a “política” na Grécia e, no capitalismo... o trabalho. Marx, caso assim fosse, deveria ter repensado o título de sua obra e tê-la chamado de “O trabalho”, e não *O capital*.

¹⁹⁵ “Esse processo de produção é, ao mesmo tempo, um processo de produção de riqueza material, cada vez mais baseado nos conhecimentos sociais gerais, e um processo de produção de valor, baseado no dispêndio de tempo de trabalho imediato”. POSTONE. op. cit., p.403.

¹⁹⁶ MARX. *O capital: livro I: capítulo VI (inédito)*. cit., p.32

¹⁹⁷ POSTONE. op. cit., 307. Grifos meus.

¹⁹⁸ *Ibidem*, p.309.

*diferente da relação de troca; e ele não pôde compreender que o sistema burguês dos equivalentes se converte em apropriação sem equivalente e nela se baseia*¹⁹⁹.

É deste modo que Postone inverte e unilateraliza as relações entre as categorias marxianas, elevando a categoria do trabalho em sua figuração mais abstrata enquanto *causa e finalidade*, “sistema de dominação”, de “mediação” totalizante e em vistas de si mesmo, e não como *meio* através do qual a acumulação de capital ocorre para a classe dos capitalistas, para *o capitalista, ponto de retorno e, ao mesmo tempo, ponto de partida do capital*²⁰⁰. É de grande valia a seguinte observação de Zaira Vieira acerca da grave contradição na leitura de Postone:

O autor relega a descoberta principal da crítica da economia política, sem a qual esta última não teria sido possível: a explicação da mais-valia. E ao separar a problemática do trabalho e do valor, em Marx, da questão da propriedade, ele se afasta precisamente da essência do trabalho abstrato e do valor. Como mostramos em outra oportunidade, a descoberta da mercadoria força de trabalho – em torno da qual gira a definição de mais-valia – é precisamente o que torna possível e concreto, na crítica da economia política, o aparecimento da categoria trabalho abstrato²⁰¹.

Em sua leitura de Marx, haveria uma forma de dominação universal e de ordem abstrata, enraizada na categoria do trabalho e por sobre todos os indivíduos (para Postone, como já citado, a “forma de dominação é expressa como oposição entre indivíduos e sociedade, constituída como uma estrutura abstrata”), aquém e mais fundamental que a *dominação de classes* enraizada na *produção do mais-valor*, base da *produção capitalista*. Anselm Jappe, intérprete de Postone já anteriormente mencionado, fala dos “grupos sociais que administram esse processo e dele extraem

¹⁹⁹ MARX. *Grundrisse*. cit., p.495. Grifos meus.

²⁰⁰ MARX. *Grundrisse*. cit., p.443.

²⁰¹ VIEIRA. op. cit., p.288. Também Claudio Napoleoni, economista marxista já anteriormente mencionado, vê a separação entre trabalhadores e condições de produção como pressuposto do trabalho abstrato: “para que a sociedade tome por base a troca dos produtos do trabalho como tal, para que o trabalho coletivo seja trabalho abstrato, é necessário que o trabalho seja separado das condições objetivas da produção, ou seja, é necessário que o trabalho já não seja mais, como o fora originalmente, ‘concretizado’ com essas condições; que o trabalho, em resumo, posicione-se *em oposição* ao capital. Dito de outra forma: é necessário que tenha sucedido aquele ‘processo histórico’ onde ‘tenha lugar a preexistência das condições objetivas do trabalho como algo separado do trabalhador, como capital, e a preexistência para o capitalista do *trabalhador como desprovido de propriedade*, como trabalhador abstrato”. NAPOLEONI, Claudio. *Smith, Ricardo, Marx: considerações sobre a história do pensamento econômico*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, p.136-7. Grifos meus.

benefícios – porém, chamá-los ‘classes dominantes’ significaria tomar as aparências por ‘dinheiro vivo’²⁰². É Marx, entretanto, que as denomina literalmente “classes dominantes”, como já demonstrado²⁰³. Uma formulação sobre a “dominação impessoal” que pode se apresentar interessante se relacionada ao conceito de “poder impessoal” é a de Michael Heinrich, outro conhecido intérprete de Marx que se aproxima das *Novas Leituras*, mas que difere de Postone em alguns aspectos:

Entre a posição do capitalista e a do trabalhador há, contudo, uma diferença completamente decisiva: o capitalista *executa* a lógica do capital; os trabalhadores e trabalhadoras *sofrem* essa lógica. Os possuidores de força de trabalho desfrutam da liberdade e da igualdade dos possuidores de mercadoria apenas na esfera da circulação. Por conta da peculiaridade da mercadoria que possuem, que não se separa da pessoa viva, o consumo de sua mercadoria pelo seu comprador é simultaneamente um consumo da pessoa em si, que é sua portadora. O possuidor da força de trabalho é alguém que “trouxe sua própria pele ao mercado e, agora, não tem mais nada a esperar além da... esfolação”. Sobre o processo de produção capitalista, Marx afirma que “o trabalhador [*Arbeiter*], em sua condição de vítima do processo, coloca-se numa situação de rebeldia, e sente-o como processo de servidão”²⁰⁴.

Para Marx, o valor só se torna hegemônico porque ele, em sua passagem pela forma-mercadoria *força de trabalho*, é o meio para a *produção do mais-valor*, para que o excedente cristalize-se como produto de valor. O valor, para Marx, é uma categoria, portanto, que ao mesmo tempo *pressupõe* e que está *subordinada* a tal modo de produção, e não é a sua *finalidade*²⁰⁵ ou o *fundamento* (de um “sistema de dominação”),

²⁰² JAPPE. *Alienação, reificação e fetichismo da mercadoria*. cit., p.11.

²⁰³ Como já mencionado, o termo “classes dominantes” [*herrscheidende Klassen*] é empregado por Marx, para além d’*A Ideologia Alemã* e dos *Grundrisse*, também n’*O capital*. Cf. MARX. *O capital: livro I*. cit., p.748; MEW 23, p.704.

²⁰⁴ HEINRICH, Heinrich. Indivíduo, personificação e dominação impessoal na crítica da economia política de Marx. *Zero à Esquerda*. Tradução de Éric G. Gaúna. 02/12/2021. Disponível em: <<https://zeroaesquerda.com.br/index.php/2021/12/02/michael-heinrich-individuo-personificacao-e-dominacao-impessoal-na-critica-da-economia-politica-de-marx/>>. Acesso em: 18/05/2024.

²⁰⁵ Marx diz com clareza que se trata de “obter da produção um valor maior do que a soma de valores adiantada pelo capitalista para aquele (processo de produção) em seu transcorrer. A própria produção de mercadorias aparece simplesmente como meio para alcançar essa finalidade, assim como, em geral, o processo de trabalho apresenta-se tão-somente como meio do processo de valorização. Este último não deve entender-se aqui no sentido anterior de processo *para a formação de valor*, mas como processo *para a formação de mais-valia*. [...] Sem intercâmbio do capital variável pela força de trabalho não se faria nenhuma autovalorização do capital total, e, portanto, nenhuma formação do capital ou transformação de

e só assim e por tal razão ela é hegemônica: é, assim como a própria categoria de força de trabalho em sua forma-mercadoria, *um meio para a geração de mais-valor e sua apropriação*; e este, por sua vez, a forma particular do capitalismo de acumulação e de apropriação concreta de mais-trabalho por parte da “classe dominante”. Nos termos de Marx, “o seu próprio pressuposto — o valor — é posto *como produto, e não como pressuposto superior, pairando sobre a produção*”²⁰⁶. Vejamos, ainda nos termos de Marx, esta relação de trabalho e valor, assim como seus devidos papéis para a compreensão da dinâmica capitalista:

A separação entre o produto do trabalho e o próprio trabalho, entre as condições objetivas e a força subjetiva de trabalho, era, portanto, a base efetivamente dada, o ponto de partida do processo capitalista de produção.

Mas o que inicialmente era apenas ponto de partida é produzido sempre de novo por meio da mera continuidade do processo, da reprodução simples, perpetuando-se como resultado próprio da produção capitalista. [...] Por conseguinte, o próprio trabalhador produz constantemente a riqueza objetiva como capital, como poder que lhe é estranho, que o domina e explora, *e o capitalista produz de forma igualmente contínua a força de trabalho como fonte subjetiva de riqueza, separada de seus próprios meios de objetivação e efetivação*, abstrata, existente na mera corporeidade do trabalhador; numa palavra, produz o trabalhador como assalariado. Essa constante reprodução ou perpetuação do trabalhador é a *sine qua non* da produção capitalista²⁰⁷.

“Por conseguinte” é uma conjunção fundamental para o entendimento aqui em questão. A alienação que deste modo resulta (produzir “constantemente a riqueza objetiva como capital, *como poder que lhe é estranho*”) é *consequência*, portanto, de que o “capitalista produz de forma igualmente contínua a força de trabalho como força subjetiva de riqueza, separada de seus próprios meios de objetivação e efetivação”; a

meios de produção e de subsistência em capital”. MARX. *O capital: livro I: capítulo VI (inédito)*.cit., p.48. Grifos meus.

²⁰⁶ MARX. *Grundrisse*. cit., p.447.

²⁰⁷ Marx, a este ponto, segue: “O consumo produtivo e o consumo individual do trabalhador diferem, portanto, inteiramente. No primeiro, o trabalhador atua como força motriz do capital e pertence ao capitalista; no segundo, ele pertence a si mesmo e executa funções vitais à margem do processo de produção. O resultado de um é a vida do capitalista, o do outro é a vida do próprio trabalhador” É assim que Marx pode sublinhar qual é o “meio de produção mais indispensável ao capitalista: o próprio trabalhador”, e não o valor ou o “trabalho” como categorias absolutamente e meramente abstratas. MARX. *O capital: livro I*. cit., p.645-7. Grifos meus.

alienação, portanto, é o produto de uma *relação burguesa de produção* e de uma dominação de classe – e não o fundamento de um modo de produção, ainda que seja pressuposta ao momento da *reprodução* deste modo. A dominação no núcleo da relação de classe (a relação de produção) o é. Eis a dominação posta em termos claros. Em um dos parágrafos mais fundamentais e claros d’*O capital* sobre a dominação capitalista, Marx afirma:

Como forma especificamente capitalista do processo de produção social — e, sobre as bases preexistentes, ela não podia se desenvolver de outra forma que não a capitalista —, tal divisão é apenas um método particular de produzir mais-valor relativo ou aumentar a autovalorização do capital — que também pode ser chamada de riqueza social, *Wealth of Nations* etc. — a expensas dos trabalhadores. *Ela não só desenvolve a força produtiva social do trabalho exclusivamente para o capitalista, em vez de para o trabalhador, como o faz por meio da mutilação do trabalhador individual. Ela produz novas condições de dominação [Herrschaft — N.E.G.] do capital sobre o trabalho.* E assim ela aparece, por um lado, como progresso histórico e momento necessário de desenvolvimento do processo de formação econômica da sociedade e, por outro, como *meio para uma exploração civilizada e refinada*²⁰⁸.

Postone, contudo, não o concebe de tal modo, e para ele figuram tanto uma noção de “dominação” quanto uma noção de “riqueza objetiva” bem distinta desta presente em Marx. Postone, como dirá Jaques Bidet, “faz do valor uma forma de riqueza: a forma valor da riqueza”. Mas para Marx, “sob o capitalismo, ‘a forma elementar da riqueza’ é ‘a mercadoria’. Não o ‘valor’”²⁰⁹. O *valor* como forma e fonte de riqueza, como já anteriormente discutido, é *uma noção da economia política clássica*, não de Marx. Marx insiste que “a produção capitalista só desenvolve a técnica e a combinação do processo de produção social na medida em que solapa os mananciais de toda a riqueza: *a terra e o trabalhador*”²¹⁰.

²⁰⁸ Ibidem, p.438. Grifos meus. Sobre este emprego de Marx do termo *Herrschaft*, literalmente “dominação”, ou ainda “assenhramento” (dado o radical *Herr-*, para “senhor”), cf. MEW 23, p.386.

²⁰⁹ BIDEET. op. cit. p.24. Marx deixa bem claro que o valor não é a forma elementar da riqueza no capitalismo, mas a mercadoria “como forma elementar da riqueza burguesa”, e acrescenta: “a troca desenvolvida de mercadorias e a *forma da mercadoria* como forma social, necessária e geral do próprio produto, são apenas *resultado* [Grifo E.G.] do *modo capitalista de produção*”. MARX. *O capital: livro I: capítulo VI (inédito)*. cit., p.97.

²¹⁰ MARX. *O capital: livro I*. cit., p.574. Grifos meus.

Para Postone, o “duplo caráter do trabalho” (sua cisão em duas faces) ocorreria no sentido de se tornar a “mediação social” por excelência, enquanto antes ele seria apenas “mediação” entre homem e natureza, e não em termos de classes na produção e reprodução *das condições de trabalho*. Para isso, ele insiste em retomar que, para se tornar mercadoria (para que essa força de trabalho seja *vendida*, trocada, *tenha valor*), apenas a face abstrata da atividade conta: sua equiparação como tempo de atividade *alheio*, *médio*, trabalho homogêneo, dispêndio de atividade em tempo médio socialmente necessário para a produção de tais ou quais mercadorias. Portanto, seu argumento localiza-se unilateralmente no fato de que a mercadoria força de trabalho está disposta ainda no *mercado*, e não empregada na *produção*. Além disso, o argumento faz crer que o trabalhador vende não a sua força de trabalho — um valor de uso produtivo, que pode e deve ser empregado na produção com vistas ao mais-valor —, mas *imediatamente* o seu tempo de trabalho (forma que esse valor de uso assume na troca).

Nessa dinâmica, apenas a face abstrata seria a face positivadora, efetiva da atividade produtiva e do modo de produção. Se vê, entretanto, que Postone não trata acerca das possíveis condições objetivas para que essa seja a expressão e exigência abstrata do processo concreto de trabalho: tal exigência só se impõe porque a massa mais significativa dos seres humanos passa a ser progressivamente despossuída de qualquer meio e objeto produtivo voltado para si — tornam-se obrigados a vender a sua força de trabalho para obter sua subsistência²¹¹. Este é o cerne material, o coração do *modo de produção capitalista* — naturalmente eivado de todas as mediações abstratas que permitem conceber um tal processo em seu funcionamento *autônomo*. Mais uma vez, Postone demonstra que toma o resultado do processo, inclusive em suas dimensões mais abstratas e autonomizadas no interior da lei do valor, enquanto *fundamento* deste mesmo processo. Segundo ele:

²¹¹ A título de uma útil comparação histórica, deve-se dizer que, na servidão feudal, o modo pelo qual se produz é aquele no qual os servos são proprietários ou coproprietários comunais de seus meios de produção (ou mesmo de certas parcelas de terra), sendo produtores frequentemente independentes, mas são obrigados de modo vitalício e *direto* a um tributo (Marx diria “mais-trabalho”) ao proprietário hereditário de “suas almas” na forma, por exemplo, da corveia e da talha. Em troca, a nobreza feudal oferecia-lhes a proteção contra invasores e ladrões, além da benção divina. Cf. SWEEZY, Paul Marlor et al. *A transição do feudalismo para o capitalismo*. — 5.ed. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. Também Marx nos alerta: “Não se deve esquecer jamais que o próprio servo era não apenas proprietário, ainda que sujeito a tributos, da parcela de terra pertencente a sua casa, como também coproprietário das terras comunais” MARX. op. cit., p.789, nota 191 .

O fato de o capitalismo se caracterizar por uma dinâmica histórica imanente se deve, na análise marxiana, à forma de dominação abstrata intrínseca à forma de valor da riqueza e da mediação social. Como já observado, uma característica essencial dessa dinâmica é um processo de produção pela produção sempre em aceleração. O que caracteriza o capitalismo é que, em nível sistêmico profundo, a produção não se faz em nome do consumo. Pelo contrário, ela é dirigida basicamente por um sistema de *compulsões abstratas* constituídas pelo duplo caráter do trabalho no capitalismo, que postula a produção como seu próprio objetivo. Em outras palavras, *a “cultura” que medeia a produção no capitalismo é radicalmente diferente da de outras sociedades na medida em que é ela mesma constituída pelo trabalho*²¹².

É assim que, de modo contraditório, este modo de produção seria dirigido por “compulsões abstratas”, tornando-se uma “cultura” a mediar a produção. Devemos assim concluir que deve ocultar-se uma obscura “cultura do trabalho” (e do tempo) sob os imperativos fundamentais do capitalismo enquanto modo de produção — mais um argumento não encontrável na obra marxiana, mas que Postone parece julgar ser indispensável para sua interpretação de Marx. Torna-se aqui mais evidente a radical diferença entre ambos no entendimento de “modo de produção”.

Claros ecos de Max Weber, já constatados em notas anteriores, surgem em tais concepções. Desvencilhando-se da estranha linguagem weberiana que Postone força Marx a falar, este último diz claramente:

O operário se vê obrigado a vender, em lugar de uma mercadoria, sua própria capacidade de trabalho como mercadoria. Isso se deve a que, por outro lado, vê como propriedade alheia todos os meios de produção, todas as condições objetivas do trabalho, assim como todos os meios de subsistência, o dinheiro, os meios de produção e os meios de subsistência; e isto porque toda *riqueza objetiva surge* aos olhos do operário como propriedade dos *possuidores de mercadorias*. A premissa é que o operário trabalha como *não proprietário*, e as *condições de seu trabalho* se lhe antepõem como *propriedade alheia*²¹³.

²¹² POSTONE. op. cit., p.213. Grifos meus.

²¹³ MARX. *O capital: livro I: capítulo VI (inédito)*. cit., p.33-4.

Postone insiste, entretanto, que “a teoria de Marx permite uma análise que poderia *fundamentar socialmente e compreender* como intrinsecamente contraditório aquilo que Weber analisou como a racionalização de todas as esferas da vida social no mundo moderno”²¹⁴. Max Weber, que ao lado de Hegel (e depois de Habermas, Lukács e Horkheimer) é o quarto nome mais citado na obra de Postone, parece ser um autor o qual oferece constantemente a este último as chaves interpretativas para a obra de Marx e para o capitalismo — quando não parece também ser Marx a oferecer as chaves interpretativas para uma teoria weberiana. Mas Weber, a quem interessava fundamentalmente “a constatação dos *impulsos psicológicos criados pela fé religiosa e pela prática da vida religiosa*, as quais determinam a direção da *conduta prática* e fixam o indivíduo dentro dele”²¹⁵, apresenta fundamentos para o capitalismo absolutamente contrários aos de Marx em todos os sentidos essenciais, em particular quando afirma, por exemplo, que

*o capitalismo e os empreendimentos capitalistas, mesmo com uma considerável racionalização do cálculo capitalista, existiram em todos os países civilizados da Terra, até onde a documentação econômica nos permite julgar. Na China, Índia, Babilônia, Egito, Antiguidade mediterrânea e na Idade Média, assim como nos tempos modernos. Não se trata de aventuras isoladas, mas de empreendimentos econômicos que foram inteiramente dependentes da renovação contínua de investidas capitalistas, e mesmo de operações contínuas*²¹⁶.

É certamente curiosa e desconcertante a necessidade que Postone apresenta de reconstruir Marx *através* da interpretação weberiana, a qual é considerada por um número notável de estudiosos *justamente* enquanto uma “rejeição do materialismo de Marx como chave para a explicação da mudança histórica”²¹⁷. Esta é uma constatação não apenas de seus intérpretes, mas do próprio Weber²¹⁸. É fundamental constatar que

²¹⁴ POSTONE. op. cit., p.454. Grifos meus.

²¹⁵ WEBER, Max. *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*. London: Routledge, 2001, p.55. Grifos meus. Tradução minha.

²¹⁶ Ibidem, p.XXXIII. Grifos meus. Tradução minha. Diante de algo tão absurdamente distante da compreensão marxiana e que dispensa extensos comentários comparativos, é necessário, portanto, desconfiar profundamente das aproximações que Postone realiza entre Weber e Marx para explicar este último.

²¹⁷ GIDDENS, Anthony. *Marx, Weber e o desenvolvimento do capitalismo*. in: GERTZ, René (Org.). *Max Weber e Karl Marx*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994, p.129.

²¹⁸ Cf. Ibidem, p.128.

Weber, tal como o aponta Anthony Giddens, “reconhecia a importância de conflitos de classe na História, negando naturalmente que sua prevalência e importância fossem tão grandes quanto postulava Marx”²¹⁹. Mais do que isso, como o diz ainda Wolfgang Mommsen, Weber era

um apaixonado propugnador de um capitalismo dinâmico, evidentemente de cunho liberal. No nível teórico, Weber talvez tenha sido o maior rival de Karl Marx: se se observar a amplitude de sua obra sociológica, talvez se possa dizer que ele foi adequadamente denominado “Marx burguês”. Certa vez Max Weber chamou a si mesmo de “membro das classes burguesas, [...] educado dentro de suas concepções e de seus ideais”. Em 1907, por ocasião de uma discussão sobre a social-democracia alemã, conclamou Robert Michels de forma explícita a encará-lo simplesmente como um “*burguês* com consciência de classe”, chamando ainda a atenção para o fato de que entretimentos sua mulher se tornara co-proprietária de uma fábrica²²⁰.

Daí também a necessidade de Weber “defender o sistema capitalista contra seus críticos de esquerda”²²¹. É importante constatar que, ao oferecer a interpretação weberiana como uma *chave* para a obra de Marx — justamente para apresentar ao público uma reconstrução de “sua natureza sistemática” e para “recuperar sua lógica interna” —, Postone acaba produzindo uma *rejeição* de Marx sob a máscara de uma falsa *interpretação*.

É necessário também afirmar, portanto, que Postone, com sua carga interpretativa weberiana, não chega a elaborar com clareza o já mencionado caráter duplo do trabalho, visto que para ele, como se lê, trata-se de uma “cultura” do trabalho, do valor e do tempo. Muito para além de uma distinção simples entre “concreto” e “abstrato” (derivação do momento mais simples da forma-mercadoria), repetida ao longo de toda a sua obra, trata-se aqui do fato de que, no capitalismo, o trabalhador (a classe dos produtores), ao vender a disposição sobre sua força de trabalho, torna-se responsável por, ao mesmo tempo, *conservar/transferir* o valor de troca daqueles valores de uso em transformação na sua atividade laboral — que foram adiantados pelo

²¹⁹ Ibidem, p.131.

²²⁰ MOMMSEN, Wolfgang. *Capitalismo e socialismo: o confronto com Karl Marx*. in: GERTZ. op. cit., p.147.

²²¹ Ibidem.

capitalista e contam como capital constante (e fixo) a ser transformado: maquinário, matéria-prima, toda a série de meios de trabalho; trabalho morto a sugar o trabalho vivo — e por *produzir um acréscimo de valor*, ou seja, produz *mais-valor*, extraído do tempo extra (o mais-trabalho) de jornada que o trabalhador é empregado para além do tempo necessário (o trabalho necessário), no qual ele *repõe* e equivale o *valor* da sua força de trabalho a ser paga na forma do salário. O *tempo de trabalho* (e sua respectiva expressão abstrata) só integra o processo neste sentido: “Todo mais-valor, qualquer que seja a sua forma particular em que mais tarde se cristalice, como o lucro, a renda, etc., é, com relação à sua substância, a materialização [*Materiatur*] de tempo de trabalho *não pago*”²²².

(Re)produzindo seu equivalente e produzindo seu excedente, o capital variável é pago apenas *após* o consumo de seu valor de uso, enquanto a *mercadoria* “força de trabalho”, ao ser consumida, produz ambas as partes simultaneamente: o valor equivalente e o mais-valor (o excedente de valor que será distribuído na massa de mercadorias). *Apenas o mais-trabalho sob a forma assalariada enseja tal processo duplo como processo dominante*. Eis a distinção entre o modo de produção capitalista e os demais, assim como sua forma particular de dominação. Mesmo pagando-se o *valor preciso* da força de trabalho (que é muitas vezes paga também abaixo de seu valor, independentemente de sua relação de preço), *o mais-valor é sempre um produto deste processo*, assim como *uma classe de produtores que a ele serve*. Trabalha-se, digamos, 8 horas diárias, e em 3 ou 4 horas de trabalho, já se (re)produziu *o equivalente ao valor de sua força* na forma de seu salário diário (mensal, quinzenal, sendo este um elemento secundário) na massa de mercadorias produzidas. As demais horas pertencem ao capitalista e cristalizam-se como excedente na venda de seu produto total, alheio, alienado dos produtores.

O processo então assume a forma da mercadoria excedente (M’), que por fim, ao ser vendida, retorna à forma do capital monetário, do dinheiro (D’). O processo é representado na fórmula D-M...P...M’-D’, “sendo que os pontos significam que o processo de circulação foi interrompido, e M’ e D’ indicam M e D aumentados pelo mais-valor”²²³ (P refere-se ao processo de produção: meios de trabalho + força de

²²² MARX. *O capital: livro I*. cit., p.602. Grifos meus.

²²³ MARX. *O capital: livro II*. cit., p.107

trabalho). Sobre tal questão da conservação e acréscimo de valor, ausente no debate de Postone sobre a relação entre valor e mais-valor e o caráter duplo do trabalho, diz Marx:

O trabalhador não trabalha duas vezes ao mesmo tempo, uma vez para acrescentar valor ao algodão, outra para conservar seu valor anterior ou, o que é o mesmo, para transferir ao produto — o fio — o valor do algodão que ele trabalha e o valor dos fusos com os quais ele trabalha. Pelo contrário, *é por mero acréscimo de novo valor que ele conserva o valor anterior*. Mas como a adição de novo valor ao objeto de trabalho e a conservação dos valores anteriores incorporados no produto são dois *resultados* completamente distintos que o trabalhador atinge ao mesmo tempo, durante o qual ele trabalha, no entanto, uma única vez, conclui-se que *essa duplicidade do resultado só pode ser explicada pela duplicidade de seu próprio trabalho*. Um lado do trabalho tem de criar valor ao mesmo tempo que seu outro lado tem de conservar ou transferir valor²²⁴.

Postone afirmará explicitamente que a dita “mediação” universal do trabalho (duplo) viria a operar por si mesma e justamente porque as mercadorias seriam produzidas e trocadas com o propósito de produção de *valor*: uma tautologia. Em última análise, é válido assumir que, para ele, o trabalho é universalmente posto pelo *valor*, enquanto o *valor* é universalmente posto... pelo trabalho (abstrato) — o que nos remete, estranhamente, a um trabalho a mediar a si mesmo abstratamente através de uma de suas expressões (o valor) e a pôr a si mesmo como finalidade (tornando o mais-valor um mero detalhe, um “meio” para esse “Espírito”²²⁵). São os próprios termos de Postone: “a da dominação do trabalho *pelo* trabalho”²²⁶. Sobre essa dominação e capital de natureza hegeliana²²⁷, como afirmará Jacques Bidet ao comentar *Tempo, Trabalho e Dominação Social* de Postone, “não é de espantar que esse livro passe por difícil. [...] Resta a dificuldade da leitura, que se deve ao fato de Postone apelar constantemente para seu mestre mesmo quando o contradiz diametralmente”²²⁸.

²²⁴ MARX. *O capital: livro I*. cit., p.277. Grifos meus.

²²⁵ Postone nos dirá que “O sujeito de Marx, tal como o de Hegel, então, é abstrato”. POSTONE. op. cit., p.97.

²²⁶ Ibidem, p.188.

²²⁷ Segundo Duayer e Araujo, “Postone (2004, p. 60-61; 2014, p. 92s.) vincula diretamente a descrição de Marx dessa dinâmica do capital e a correlata dominação abstrata ao movimento do *Geist* (Espírito), tal como exposto por Hegel na *Fenomenologia*. Em sua opinião, em *O capital*, Marx tenta explicar social e historicamente o que Hegel apreende com o conceito de *Geist* (POSTONE, 2014)” DUAYER, M; ARAÚJO, P. H. F. Para a crítica da centralidade do trabalho: contribuições de Lukács e Postone. cit., p.25.

²²⁸ BIDET. op. cit., p.11-12.

Portanto, aquilo que Postone, em geral, não distingue, é a dualidade e a diferença fundante — manifesta na força de trabalho — entre *conservação* de valor e *produção* de *mais-valor*; como demonstrado, ele também nega que o mais-valor seja precisamente o elemento para o qual a produção e a classe capitalista estejam primariamente voltadas. O que exigiria a universalização do trabalho enquanto “mediador social absoluto”, para ele, é a categoria do *valor*. Esta posição é reveladora do *formalismo* subjacente à sua leitura: a *forma* que o trabalho assume (a abstrata, sua representação no valor) seria *a raiz* do modo de produção desta sociedade, e não o *meio* para a produção de mais-valor e para a acumulação (concreta) por parte de uma classe *na raiz desta sociedade*. Para ele, “a dominação abstrata e a exploração da característica do trabalho no capitalismo são fundamentadas basicamente *não na apropriação do mais-valor pelas classes não trabalhadoras*, mas na *forma* do trabalho no capitalismo”²²⁹.

Em tal chave de leitura, a categoria do valor não é uma indicação, como no “marxismo tradicional” (e, como demonstrado, no próprio Marx), do *modo* pelo qual se produz no capitalismo, ou seja, o modo pelo qual o mais-trabalho é passível de ser expropriado pela classe dominante. Por conseguinte, a *produção de valor*, e não a apropriação de mais-trabalho na forma do mais-valor, seria, para Postone, aquilo para o qual a sociedade está inteiramente voltada e que erige (é necessário repetir) o “sistema” de dominação social. *Todos os indivíduos* seriam *igualmente dominados* pelo imperativo impessoal do capital (de ordem temporal, conforme Postone desenvolve) e a dominação de classe seria mero resultado *secundário*²³⁰.

O fato central para apreender a dominação particular ao capitalismo, portanto, não seria “como” se produz, mas “o que” se produz (e este último elemento seria o valor em si)²³¹; além disso, é a partir de uma tal noção que Postone afirma uma dominação

²²⁹ POSTONE. op. cit., p.188. Grifos meus. Marx, por sua vez, dirá: “A contínua compra e venda de força de trabalho é a *forma*. O *conteúdo* está no fato de que o capitalista troca continuamente uma parte do trabalho alheio já objetivado, do qual ele não cessa de se apropriar *sem equivalente*, por uma quantidade maior de trabalho vivo alheio”. MARX. *O capital: livro I*. cit., p.659. Grifos meus.

²³⁰ Segundo Bidet, “a relação de classe figura no seu catálogo, mas nunca é mencionada a não ser como aquilo que não explica tudo, ela intervém em termos de ‘não somente’, ‘mas também’. Postone passa ao lado dessa abstração da mais-valia, que define propriamente o capitalismo”. BIDET. op. cit., p.25-26.

²³¹ Ao contemplar a passagem de Marx que segue, é legítimo apontar mais um descompasso entre tal concepção e o que está expresso n’*O capital*: “A mesma importância que as relíquias de ossos têm para o conhecimento da organização das espécies de animais extintas têm também as relíquias de meios de trabalho para a compreensão de formações socioeconômicas extintas. *O que diferencia as épocas econômicas não é ‘o que’ é produzido, mas ‘como’, ‘com que meios de trabalho’*. Estes não apenas

universal e uma dinâmica histórica que não deve ser compreendida através do fator de classe, mas primariamente pela onipresença e onipotência do valor. Este seria o imperativo capitalista que ensejaria a mediação total pelo trabalho e sua forma de dominação particular e “abstrata”. Entretanto, uma contradição flagrante se encontra no fato de que é o próprio Marx que nos indica a necessidade de compreender tanto a forma-dinheiro (derivada da forma-mercadoria) do valor quanto o próprio processo de produção capitalista através *da relação entre as classes*:

A ilusão gerada pela forma-dinheiro desaparece de imediato assim que consideramos *não o capitalista e o trabalhador individuais, mas a classe capitalista e a classe trabalhadora*. A classe capitalista entrega constantemente à classe trabalhadora, sob a forma-dinheiro [o salário - N.E.G.], títulos sobre parte do produto produzido por esta última e apropriado pela primeira²³².

É neste sentido que Marx pode falar de uma transformação histórica, da passagem do feudalismo ao capitalismo, nos termos de um “senhor feudal” que é “agora convertido em senhor salarial”²³³. Para Postone, entretanto, o “trabalho duplo” produz um “tempo duplo”, núcleo de sua segunda tese: de um lado, a relação concreta dos agentes com o tempo enquanto sequência de eventos, de tempo vivido; de outro, a dominação da vida concreta, dada em sua temporalidade, a partir de sua face abstrata e socializante, que deve ser subordinada à produção de valor por meio da produção de mercadorias e da própria mercadoria que é a força de trabalho. Conforme já indicado, Postone sustenta que a existência de uma forma “obrigatória” de tempo²³⁴ passaria assim a dominar os processos da sociedade — tese infelizmente ausente na obra de Marx. Os agentes só se tornariam *sociais*, adquirindo lugar, identidade e possibilidades, a partir da face abstrata e valorativa de suas atividades²³⁵ (sejam eles portadores de força

forneem uma medida do grau de desenvolvimento da força de trabalho, mas também indicam as condições sociais nas quais se trabalha”. MARX. op. cit., p.257. Grifos meus.

²³² Ibidem, p.643.

²³³ Ibidem.

²³⁴ Cf. POSTONE. op. cit., pp. 245, 341, 406.

²³⁵ Sobre tal forma de dominação social que abstrai os agentes da concretude, retomo pontualmente a já mencionada passagem de Marx em seus textos de juventude, na qual se falava de uma “[...] existência *abstrata* do homem como um puro *homem que trabalha*”. MARX. *Manuscritos econômico-filosóficos*. cit., p.93. Postone pouco emprega os textos do jovem Marx para sua tese, mas fica evidente que uma passagem como esta está em total acordo com sua compreensão da relação entre dominação, trabalho e abstração no capitalismo, ou mesmo sobre o papel do trabalho como mediação social “total” no capitalismo. Ainda que Postone venha a rejeitar certa dimensão antropologizante do trabalho, a qual ele

de trabalho ou de capital)²³⁶. Postone expressa tal dinâmica dizendo que, “de acordo com Marx [...], apesar das aparências, as matérias-primas reais do processo de produção não são os materiais físicos que são transformados em produtos materiais, mas os *trabalhadores* cujo tempo de trabalho objetivado constitui o sangue vital da totalidade”²³⁷.

Efetivamente, conforme aponta Marx na *Contribuição à crítica da economia política* (1859), “as mercadorias não são mais que medidas determinadas de tempos de trabalho cristalizado”²³⁸. E é por meio de tal relação que os produtores (portanto, a *classe trabalhadora*) são, de fato, “o sangue vital” do processo. Esse trabalho cristalizado em mercadorias é o *meio* que permite que o trabalho morto (trabalho objetivado) progressivamente “sugue” o trabalho vivo “como um vampiro”. Mas é a classe do “trabalho vivo” que sofre a dominação e é sobre ela que se assenta o fundamento do modo de produção. Ao abrir a Seção VII d’*O capital* e tratar sobre “O processo de acumulação do capital”, Marx fala em

[...] considerar não o capitalista individual e o trabalhador individual, mas a classe capitalista e a classe trabalhadora, *não o processo isolado de produção da mercadoria, mas o processo de produção capitalista em seu fluxo e em sua escala social*. Quando o capitalista converte parte de seu capital em força de trabalho, ele valoriza, com isso, seu capital total e mata dois coelhos de uma cajadada. *Ele lucra não apenas com o que recebe do trabalhador, mas também com o que lhe dá*. O capital que foi alienado em troca da força de trabalho é convertido em meios de subsistência, cujo consumo serve para reproduzir os músculos, os nervos, os ossos, o cérebro dos trabalhadores existentes e para produzir novos trabalhadores. Dentro dos limites do absolutamente necessário, portanto, *o consumo individual da classe trabalhadora é a reconversão dos meios de subsistência, alienados pelo capital em troca de força de trabalho, em nova força de trabalho a ser explorada pelo capital*. Tal consumo é produção e reprodução do meio de produção mais indispensável ao capitalista: *o próprio trabalhador*²³⁹.

indica estar presente no Marx dos *Manuscritos de 1844*, o que ele afirma, conforme demonstrado no Capítulo I, não parece distante de uma tal noção. Cf. POSTONE. op. cit., p.189,

²³⁶ Esta é a chamada “dominação impessoal” e “universal” de que fala Postone. Tal noção de Postone receberá ainda um último tratamento no tópico 2.4 deste trabalho ao lado da noção de “capital como sujeito histórico”.

²³⁷ Ibidem, p.211.

²³⁸ MARX. *Contribuição à crítica da economia política*. cit., p.55.

²³⁹ MARX. *O capital: livro I*. cit., p.646-7.

É necessário conceber, mediante as passagens, interpretações e argumentos até aqui expostos, duas coisas: 1) que a dominação do capitalismo é “produção e reprodução do meio de produção mais indispensável ao capitalista: o próprio trabalhador”; e 2) que “mercadoria”, “trabalho”, “valor”, “mais-valor” e “capital” são categorias naturalmente conjugadas no capitalismo, passam de uma forma à outra, condicionam-se e sobrepõem-se umas às outras — mas *não são idênticas e não se estendem uma à outra*. Diferentemente de como Postone estende uma categoria à outra — por exemplo, da *dominação impessoal* à *dominação abstrata* e da *dominação abstrata* à *dominação temporal* —, o fundamento da relação capitalista não se pode encontrar na mera extensão “abstrata” de uma categoria à outra²⁴⁰. Todas as categorias marxianas são necessárias e tem um *papel*, e tal fundamento deve ser observado e considerado, como dito acima por Marx, partindo do que separa pragmaticamente (*in actu*) a classe trabalhadora e a classe capitalista para a compreensão crítica do “processo de produção capitalista em seu fluxo e em sua escala social”; daquilo que condiciona o “modo de produção”.

Marx é claro: “o processo capitalista de produção, considerado em seu conjunto ou como processo de reprodução, produz não apenas mercadorias, não apenas mais-valor, mas produz e reproduz a própria relação capitalista: de um lado, o capitalista, do outro, o trabalhador assalariado”²⁴¹. Também Jacques Bidet o dirá: “Em relação à análise marxiana do processo de produção como um processo de exploração, a interpretação é bastante unânime. Quem a recusa se distancia fundamentalmente do

²⁴⁰ Postone insistirá, conforme já mencionado, que, no capitalismo, toda relação social tem uma “dupla face” que opera na já mencionada dinâmica de base fundamentalmente temporal da mercadoria. Cf. POSTONE. op. cit., p.330. Certamente, algo de tal constatação fenomênica pode iluminar alguma questão, mas alguns de seus críticos, principalmente Jacques Bidet, sempre reiteram que ele também insistirá no capital enquanto categoria basicamente equivalente — ou extensiva — à de “valor de troca” (em última análise, também à de “mercadoria”), pouco tratando, como já exaustivamente exposto, do processo efetivo de *produção* de mais-valor presente n’*O capital*, com suas devidas *distinções* entre valor de uso, valor de troca, força de trabalho e mais-valor — assim como salientam que ele dedica pouca atenção ao papel central de análise da única mercadoria cujo *valor de uso* é capaz de *conservar valor* e *produzir mais-valor* ao mesmo tempo: a força de trabalho; sendo essa propriamente a mencionada duplicidade do trabalho, e não apenas uma contraposição pouco clara entre “concretude” e “abstração”. Jacques Bidet aponta que “criação de valor” e “criação de mais-valia [...] Para Postone, é a mesma coisa”. BIDET. op. cit., p.25. Tal negligência, já mencionada anteriormente, causa, dentre outras coisas, o abandono de noções fundamentais n’*O capital*, como aquela sob a rubrica de “grau de exploração da força de trabalho”, presente muito para além do capítulo 22 ou da integridade da Seção VII da obra.

²⁴¹ MARX. op. cit., p.653.

‘marxismo’. Com efeito, este é o núcleo da teorização de Marx”²⁴². Portanto, é aí que encontramos o pressuposto e o encadeamento concreto de todas as demais categorias vinculadas ao trabalho no capitalismo: produção e reprodução da própria divisão entre as classes dos produtores e dos capitalistas fundamentada na propriedade privada de uma classe por sobre os meios e condições de produção das mercadorias — particularmente, da mercadoria *força de trabalho*. É através dessa relação que o capital acumula-se e autonomiza-se.

O fato de que o capital se torna uma força autônoma em tal processo não torna a classe dominante menos dominante; também não torna a propriedade dos meios produtivos “menos” propriedade ou “menos” primária na crítica ao modo de produção capitalista. Se considerarmos a relação entre autonomização do processo de produção do capital e a forma de “dominação” sob o capitalismo, é válido lembrar, mesmo que no exemplo em questão estejam implicadas outras relações, que Luís Bonaparte já ensinara ao mundo uma lição valiosa: a classe capitalista não precisa ter o poder (a “dominação”) *às mãos* para ter o poder *a seu serviço*²⁴³. A “impessoalidade” serve-lhe muito bem. A dominação exercida pela classe do capital pode dispensar o caráter “nominal”.

Postone, por sua vez, recupera constantemente a noção de dominação impessoal e temporal, reiterando que o tempo é justamente a “mediação” e a unidade do trabalho geral e homogêneo; do trabalho idêntico, universal e alienado de produzir valores de troca (eis a impessoalidade). O tempo seria, para ele, o “tecido”²⁴⁴ do qual é feito o trabalho orientado para a produção capitalista de riquezas e, portanto, o “tecido” das relações capitalistas. É fato já sublinhado que Marx diz: “da mesma maneira que o tempo é a expressão quantitativa do movimento, *o tempo de trabalho é a expressão quantitativa do trabalho*. Conhecida sua qualidade, a única diferença de que o trabalho se torna suscetível é a diferença de sua própria *duração*”²⁴⁵. Mas uma *mediação* social não é necessariamente um *fundamento de um modo de produção*, e partindo de uma tal compreensão como esta expressa por Marx, não se pode saltar à conclusão de que o princípio subjacente às relações sociais (relações de produção) do capitalismo seja

²⁴² BIDEI, Jacques. *Explicação e reconstrução do Capital*. — Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010, p.126.

²⁴³ Cf. MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* — São Paulo: Boitempo, 2011.

²⁴⁴ POSTONE. op. cit., p.303.

²⁴⁵ MARX. *Contribuição à crítica da economia política*. cit., p.55, p.55. Grifo meu.

primariamente de *natureza temporal*, e que os indivíduos sejam dominados pelo... “tempo abstrato”. Menos ainda se poderá afirmar tal compreensão como presente na obra madura de Marx.

Para Postone, não obstante, é por essa abstração que a temporalidade concreta universal, que ele julga ser função de eventos e da historicidade humana, é constrangida a produzir e ser reproduzida como uma espécie de “tempo do capital”, em seu ritmo particular e andamento de “*valor que se autovaloriza*”²⁴⁶. Esta determinação geraria uma dinâmica histórica direcional na sociedade como um todo, imanente ao capital. Como citado no capítulo anterior, Postone afirma que “essa forma de alienação temporal envolve uma transformação da natureza do tempo em si. [...] O próprio tempo foi constituído como absoluto e abstrato. *O tempo em si [...] tornou-se independente da atividade — seja ela individual, social ou natural*”²⁴⁷.

Postone afirma que as modificações históricas do capitalismo têm raiz abstrata e são voltadas sempre para sua perpetuação, para progressivamente evitar que o modo essencial (e abstrato) pelo qual ele próprio já conduz a sociabilidade dissolva-se a partir de suas contradições intrínsecas²⁴⁸. Por conseguinte, pensa que a distinção entre as fases do capitalismo é mais um elemento totalmente secundário para sua crítica²⁴⁹. O elemento primário seria um tal axioma “abstrato”. Michael Sommer contrapõe a noção de “abstração” de Postone à de Marx:

²⁴⁶ POSTONE. op. cit., pp.96, 308-11. Postone não oferece resposta ao mistério de como o valor é capaz de se autovalorizar sem que se distinga valor de mais-valor.

²⁴⁷ Ibidem, p.249. Grifos meus.

²⁴⁸ Cito novamente a seguinte passagem de Postone: “*É a dominação das pessoas pelo tempo*. Essa dominação temporal é real, não espectral. [...] A dinâmica gerada pela dialética entre o valor e o valor de uso é caracterizada, de um lado, pelas transformações em curso na produção e, mais generalizadamente, na vida social. Por outro lado, essa dinâmica histórica implica a reconstituição em curso das suas próprias constituições fundamentais como um atributo imutável da vida social. [...] A dinâmica histórica do capitalismo gera incessantemente o que é ‘novo’, enquanto regenera o que é ‘o mesmo’”. Na leitura de Postone da obra madura de Marx, trata-se, portanto, da “dominação das pessoas pelo tempo”, e não da dominação de classes pelo capital. POSTONE, Moishe. O sujeito e a teoria social: Marx e Lukács. *Margem Esquerda* — ensaios marxistas. n°23, pp.53-72, outubro de 2014, p.68-9. Grifos meus.

²⁴⁹ As “fases” do capitalismo, consideradas por Postone como dispensáveis para o entendimento de sua “essência” ou para seu debate frente ao “marxismo tradicional”, bem como as consequências e percursos teóricos do entendimento postoniano a tal respeito, não podem figurar como objeto deste trabalho. Entretanto, vale sublinhar novamente a absoluta ausência de debate acerca do imperialismo em sua análise, um dos temas caros ao “marxismo tradicional”, que ele rejeita e repreende com esta expressão relativamente amorfa e mais de uma centena de vezes repetida em *Tempo, trabalho e dominação social*. É ilustrativo que ele dedique a Lênin, por exemplo, um representante certamente incontornável do “marxismo tradicional”, apenas duas brevíssimas notas de rodapé.

Por *abstrato* [...], Marx quer dizer os elementos individuais e áreas parciais do concreto que são expostas no processo do pensamento. Ele utiliza o termo no sentido da palavra latina *abs-trahere*, que se traduz por algo como “extrair/remover de”. O próprio Marx enfatiza isso quando escreve, por exemplo: “se consideramos isto em abstrato, i. e. desconsiderando as circunstâncias...”. Enquanto nas ciências da natureza podemos fazer uso do microscópio e reagentes químicos para expor os menores elementos, nas ciências sociais “a força da abstração deve substituir ambos”. Ao elevar-se do abstrato ao concreto, as “determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento”. [...] Postone sequer nota esta ambiguidade, este núcleo de toda concepção ideológica — i. e. falsa — de nossa sociedade, quando ele proclama unilateralmente que “o abstrato” parece ser “*quasi-natural*”, e que “ambos” o abstrato e o concreto parecem ser “naturais”²⁵⁰.

Postone afirmará, através de tal inversão e “abstração” alheias ao entendimento e método marxiano, que apenas em tal dinâmica “abstrata” as “pessoas” (ou os “humanos”) se tornariam “sociais” no capitalismo: como já dito, *trocando* ou estando aptas a *trocar* livremente seus (e alheios) “tempos”, vivos e mortos, assim como torná-los incessantemente *trocáveis* e passíveis de serem traduzidos na já mencionada “presentificação social”.

Destarte, trata-se da noção de que o tempo dá a medida das “tarefas” (e da história) sem que as “tarefas” (e a história) dêem a medida do tempo. Tal seria a natureza da *alienação* e da *dominação* no capitalismo para Postone. O “tempo concreto”, exemplificando-o com “o tempo necessário para cozinhar arroz ou rezar um pai-nosso”²⁵¹, torna-se totalmente sujeito ao “tempo abstrato” do capital, mais particularmente do trabalho. Alguns de seus comentadores tratam deste aspecto e daquilo que nomeiam como a ideia de “tempo à venda”²⁵², contrariando explicitamente o fato de que, para se *produzir e acumular capital*, uma *classe compra força de trabalho* de uma outra classe que a vende: a classe do trabalho.

O modo de produção capitalista não é fundado no “tempo” das “pessoas” que o vendem, mas na parcela de classe da força de trabalho vendida livremente e

²⁵⁰ SOMMER. op. cit., p.17 e 27. Tradução minha.

²⁵¹ POSTONE. *Tempo, trabalho e dominação social*. cit., p.233.

²⁵² Cf. CAPENER, Sean. *The Time That Belongs to God: The Christian Prohibition on Usury in the 12th-13th Centuries and the Making of the Subject of Debt*. Thesis (Doctor of Philosophy) — Department for the Study of Religion University of Toronto, Toronto, 2021, p.19

compulsoriamente — cuja natureza, apartada de suas próprias condições de execução da produção, é unicamente temporal e tem de ser cifrada no valor — pela classe trabalhadora à classe capitalista. Hoje, também o aspecto monopolista, desde a fusão do capital financeiro com o capital industrial e a subsequente subordinação deste último ao primeiro, faz com que a “venda de tempo”, isto é, o mercado financeiro e toda sorte de “usura”, pareça ser a fonte da acumulação capitalista, ainda que seja apenas o momento de sua “partilha de espólios”²⁵³. O berçário e o fundamento da produção e acumulação do capital segue sendo o campo da *produção*: *locus* central da relação entre *classe trabalhadora* e *capital*, ou seja, *produção* de mais-valor — capital como *não-trabalho*.

É também de modo invertido que Postone entende a “subsunção real do trabalho” sob o capitalismo: diferentemente de Marx, a classe trabalhadora não vende primariamente sua força de trabalho (que naturalmente tem de assumir forma temporal), mas seu próprio *tempo*. A temporalidade particular deste processo torna-se também a temporalidade do todo. Segundo ele,

o primeiro estágio dessa transformação [dos humanos em meios — N.E.G.] é a mercantilização do trabalho em si como força de trabalho (o que Marx chama de “subsunção formal do trabalho sob o capital”), que não transforma necessariamente a forma material da produção. O segundo estágio é quando o processo de produção de mais-valor molda o processo de trabalho à sua imagem (a “subsunção real do trabalho sob o capital”). Com a subsunção real, *o objetivo da produção capitalista — que é na verdade um meio —* molda o meio material de sua realização²⁵⁴.

. Isto é, para ele, molda-se *o tempo* e o tempo do capital passa *a molde*. Como se vê, ele assume que o “objetivo da produção capitalista” (a produção de mais-valor) torna-se, na verdade, “um meio” para este processo, e não um fim. Se assim o é, devemos compreender, conseqüentemente, que sua mais essencial determinação reside no momento “homogêneo” da *troca*, do valor, *da identidade*, e não do mais-valor, momento da heterogenia, da *não-identidade* — o momento do valor é aquele em que os valores são constantemente igualados e “presentificados”, quando passam a uma nova

²⁵³ Cf. LÊNIN, Vladimir Ilitch. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2021, p.27 e 114.

²⁵⁴ POSTONE. op. cit., p.211.

forma, cristalizada em mercadoria e, por fim, na forma-dinheiro. Portanto, a troca (o valor) seria o fim, enquanto o mais-valor (a própria acumulação capitalista, a *não-troca*) seria o *meio* para tal finalidade. Mas o primado da luta de classes em relação ao valor (um equivalente, momento da “igualdade”) se explica também no fato de que “entre direitos iguais, quem decide é a força”²⁵⁵.

Ao concentrar-se no aspecto formal do valor como a determinação central e a produção de mais-valor como “meio” que a esta serve, Postone demonstra fazer o contrário do que declara com constância: ele concentra-se não em uma crítica da *produção*, mas da *distribuição* (da circulação). Também demonstra opor-se diametralmente a Marx, que já nos disse, mas sempre reitera que “produção de mais-valor, ou criação de excedente, é a lei absoluta desse modo de produção”²⁵⁶. Tal compreensão de Postone faz mais do que parece: permite lançar ao segundo plano, junto do mais-valor, *as relações de classe*. A este ponto vale a seguinte pergunta, *Leitmotiv* da abordagem crítica e metodológica aqui presente: no pensamento de Marx, *as formas sociais condicionam o modo de produção, ou o modo de produção condiciona as formas sociais?*

É por meio de tal inversão categorial e metodológica que a “dominação de classe” torna-se, para Postone, uma “dominação do tempo” das “pessoas”. Aqui, contudo, não nos aprofundaremos para além desta apresentação preliminar daquilo que identificamos como a segunda tese de Postone: a dominação de ordem temporal. Esta tese será tratada adiante, no tópico 2.4 deste capítulo. Deve-se, a este ponto, sublinhar três perguntas que surgem a partir da exposição até aqui realizada:

1) Deve-se compreender a primeira “tese” de Postone como uma tentativa de afirmar a premissa de que são a *troca* e a *geração de valor*, portanto, que surgem como elementos *determinantes* em primeira instância do capitalismo e de seu “sistema de dominação” (se preferimos um termo de Marx, de seu “modo de produção”)?

2) Mediante a leitura atenta e a comparação entre *O capital* de Marx e *Tempo, trabalho e dominação social* de Postone, é efetivamente possível atribuir tais compreensões enquanto centrais — ou, no caso de algumas delas, sequer expressas — *na obra de Marx?*

²⁵⁵ MARX. *O capital: livro I*. cit., p.309.

²⁵⁶ *Ibidem*, p.695.

3) Não seria uma tal dinâmica de abstração, a qual comandaria processos concretos (a “dominação impessoal” e “universal”) e eliminaria o papel das classes em sua compreensão primária — portanto, abstração não como acesso científico e crítico ao núcleo da dinâmica material, mas enquanto *a própria natureza* de sua determinação — equivalente a uma forma de “metafísica”²⁵⁷ do capital, na qual uma “substância” abstrata objetiva-se, “corporifica-se” na concretude?

Não há, em tal proposta, uma contradição flagrante em relação ao “método materialista e, portanto, científico”²⁵⁸ de Marx, reclamado também, ainda que discretamente, por Postone²⁵⁹? Tais serão as questões aprofundadas no próximo tópico sob a luz da segunda tese de Postone aqui elencada: a dominação temporal.

2.4. A dominação temporal e o capital como sujeito.

Conforme já exposto neste capítulo e no anterior, o caráter temporal da dominação sob o capitalismo é a pedra de toque da leitura que Moishe Postone realiza da obra de Marx. O fato de que o trabalho abstrato tem uma única qualidade universal, unívoca na produção e no intercâmbio de mercadorias, a saber, de consistir apenas de *quanta* de tempo de trabalho (forma-valor), é o elemento central de sua análise do capitalismo e o “mediador” de todas as relações entre as categorias do capital. É o que configura, para ele, o capitalismo como “sistema de dominação”. De acordo com Karen Miller,

Postone fez do tempo o elemento central de sua “reinterpretação” da teoria crítica “madura” de Marx. Ao colocar considerações de temporalidade no centro da análise de Marx, ele dispõe o fundamento para uma análise da sociedade capitalista moderna como uma “sociedade direcionalmente dinâmica estruturada por uma forma

²⁵⁷ Também Jacques Bidet, como já apontado, trata de uma tal “metafísica” em Postone. Cf. BIDET. op. cit., p.21.

²⁵⁸ MARX. op. cit., p.446.

²⁵⁹ Cf. POSTONE. op. cit., p.163. Esta é, entretanto, a única página de sua obra na qual, por meio de uma breve citação de Marx, Postone faz referência e reclama para si o método e o nome que seus autores pioneiros claramente lhe concederam. Além de uma tal passagem, ele menciona o materialismo apenas para afirmar que “a *Materie*, na crítica materialista de Marx, é social”. POSTONE. op. cit., p.199.

historicamente única de mediação social que, ainda que socialmente constituída, tem um caráter abstrato, impessoal, *quasi-objetivo*²⁶⁰.

Portanto, o *tempo abstrato*, isto é, o caráter normativo, homogêneo e *formal* que a atividade produtiva assume para o intercâmbio e produção capitalistas é, para Postone, “a mediação social” que engendra a dominação própria ao capital. Mais que isso, tal fundamento *é a própria dominação*. Ainda que Marx afirme que “o *capital* não é uma coisa, mas *uma relação social* entre pessoas, intermediada por coisas”²⁶¹, devemos assumir que, para Postone, não seria o *capital* a *relação social* (“mediação” social) central a ser analisada — esta deveria ser a *forma temporal* que o trabalho tem de assumir para *produzir* o capital. Mais ainda: esta forma seria, estranhamente, *idêntica* ao capital. Essa prevalência *formal* (poderia-se dizer “fenomênica”) na análise de Postone, tanto da categoria do tempo quanto da dominação, entretanto, demonstra uma contradição com relação ao entendimento de Marx daquilo que deve *preceder* as considerações tanto sobre a forma que o trabalho assume quanto sobre a natureza da dominação a ele vinculada para que haja *produção capitalista*. Segundo Marx:

Sabemos que os meios de subsistência, como propriedade do produtor direto, não são capital. *Eles só se tornam capital em condições sob as quais servem simultaneamente como meios de exploração e de dominação do trabalhador*. Na cabeça do economista político, porém, essa alma capitalista dos meios de produção e subsistência está tão intimamente unida à sua substância material que ele os batiza, em todas as circunstâncias, como capital, mesmo quando eles são exatamente o contrário. [...]

Portanto, enquanto o trabalhador pode acumular para si mesmo — o que ele pode fazer na medida em que permanece como proprietário de seus meios de produção —, *a acumulação capitalista e o modo capitalista de produção são impossíveis. Falta a classe dos trabalhadores assalariados, imprescindíveis para esse fim*²⁶².

Observando a passagem acima, nota-se: ainda que *a forma* que o trabalho assume no capitalismo seja naturalmente *correspondente* ao seu modo de produção (o trabalho assalariado, que para sê-lo, deve ser mensurado por *quanta* temporais), o

²⁶⁰ MILLER. op. cit., p. 209-210, 2004. Tradução minha.

²⁶¹ MARX. op. cit., p.836. Grifos meus.

²⁶² Ibidem, p.836-7. Grifos meus.

momento propriamente *positivo* da dialética trabalho-capital não é o da *forma* temporal exigida para que o trabalho seja trabalho assalariado, ou seja, não é o trabalho abstrato (cuja forma se dá no tempo) que determina o seu conteúdo como *produção de capital*, mas o conteúdo (o capital, *uma relação social de classe*) é que *determina a sua forma correspondente*, isto é, *ter de ser produzido pelo trabalho assalariado* mensurado em *quanta* temporais. E para sê-lo, o imprescindível é que a classe a qual fornece o “trabalho social médio” (o trabalho que exige uma *medida*) *esteja apartada dos meios e condições de produção*. Este é o pressuposto que conduz à necessidade de uma mensuração particular de toda atividade produtiva em termos de *quanta* temporais. A *medida*, entretanto, não é o coração e a lei *daquilo que é mensurado*, bem como na física não é possível afirmar que o universo é composto unicamente de relações numéricas, de puros *quanta*. A própria medida é, por sua vez, mediada por uma relação e saltos qualitativos mais fundamentais e que a pressupõem.

Assim como é impossível determinar *o valor do trabalho* ou o valor do tempo — determina-se apenas o valor da *força de trabalho* enquanto mercadoria — é igualmente impossível haver o capital e toda sua dinâmica sem uma classe específica, única: a classe dos produtores livres e assalariados, portadores de força de trabalho livremente trocável por seu valor correspondente (seus meios de subsistência). Essa relação se dá *através* da abstração da única qualidade que tal atividade permite universalizar: o *quantum* temporal. É por isso que se trata de uma *abstração*: abstrai-se de todo o restante envolvido no processo produtivo. O capital é dependente da face abstrata (valor) que as mercadorias cristalizam, inclusive e principalmente a mercadoria *força de trabalho*, para existir — e no caso do capital, existir é *acumular*, ser *excedente de valor* —, mas no capitalismo, não é *o valor* que determina o capital, *é o capital que determina o valor* (através de seu excedente).

Produzir capital não é *imane*nte à produção de valor (que pode ser produção de valor sem ser produção de capital), enquanto a produção de valor é, por sua vez, também condição da produção e reprodução do capital, ainda que não seja *idêntico* a este último. Não é possível haver produção de capital sem a produção de valor, mas é possível haver produção de valor sem a produção de capital. Segundo Engels:

O próprio valor nada mais é que a expressão do trabalho humano socialmente necessário, objetivado numa coisa. Portanto, o trabalho *não pode* possuir valor. Falar de valor do trabalho e querer determiná-lo é o mesmo que querer falar do valor do valor ou querer definir o peso não de um corpo pesado, mas do próprio peso²⁶³.

Por conseguinte, é necessário questionar se *a forma* (abstráida, temporal) que o trabalho assume, apesar de *formalmente* determinante para o modo que se dá o processo de acumulação do capital e suas correspondentes representações, é *o pressuposto* deste último e *seu próprio conteúdo*. Como poderia, nos termos de Marx, uma tal forma ser *o pressuposto de si mesma* — e como repete Postone e muitos de seus leitores, “abstratamente”? Contrariando a interpretação do *fetichismo* por parte de Postone apresentada no capítulo anterior, não estaria aí o próprio fetiche da economia política?

Ao avaliar as exposições de Marx e de Postone, fica evidente que estes autores assumem *pressupostos* diametralmente opostos: o pressuposto de Marx para a totalização da *forma* valor-trabalho é a separação *de classe* entre a força de trabalho e as condições de produção; o pressuposto de Postone para a separação *de classe* entre força de trabalho e as condições de produção é a totalização da forma valor-trabalho²⁶⁴. Eis a diferença fundamental. Em ambos há a presença das mesmas categorias, mas suas relações de determinação e pressuposição estão *invertidas* entre um e outro. É a construção de tal inversão que autorizaria Postone a 1) assumir o caráter temporal do trabalho sob o capitalismo como *fundamento* da lei *do capital* e sua dinâmica, tomando a relação de classe como *secundária* neste processo; e 2) assumir que o modo que ele *relaciona* as categorias de Marx é o mesmo modo *expresso* por Marx.

Para além de como tais categorias são relacionadas em sua leitura, Postone inclui mais um conceito ausente na obra marxiana: o “efeito *treadmill*”²⁶⁵, já abordado anteriormente. Na exposição que Karen Miller realiza do conceito,

Postone descreve o movimento do tempo histórico que esta dinâmica gera como o “efeito *treadmill*”, consistindo no movimento dialético de “transformação e reconstituição” que intensifica a contradição

²⁶³ ENGELS. *Anti-Dühring*. cit., p.226-7.

²⁶⁴ Segundo Karen Miller, “ele sugere que a mediação das relações sociais pelo trabalho abstrato cria ‘um tipo determinado de todo social — uma totalidade’ pela qual as relações sociais são estabelecidas através do intercâmbio de mercadorias, o qual, por sua vez, cria uma forma de dominação capitalista abstrata, ou *quasi-objetiva*”. MILLER. op. cit., p.211. Tradução minha.

²⁶⁵ Cf. nota 93.

fundamental do capital, tornando-o por fim obsoleto. Ele argumenta que, *através do desenvolvimento da capacidade tecnológica*, o valor torna-se cada vez mais inadequado como medida da riqueza material produzida, dando lugar, portanto, ao surgimento da *possibilidade imanente de uma nova forma social* na qual as relações humanas não são mediadas pelo trabalho abstrato²⁶⁶.

Naturalmente, por serem forças produtivas, a capacidade técnica e a ciência incorporam-se ao processo produtivo de maneira sempre maior. No capitalismo, elas o fazem, entretanto, no sentido de potencializar a extração de mais-valor relativo. O desenvolvimento técnico e científico é uma resposta contraditória do capital ao seu próprio impulso de reduzir o trabalho necessário, o valor equivalente à força de trabalho que é comprado para produzir um excedente na forma temporal do mais-trabalho. Este momento de desenvolvimento das forças produtivas é o momento da “desvalorização do valor”, já anteriormente mencionado²⁶⁷. É em função do mais-valor relativo que a classe capitalista empenha-se em desenvolver a técnica — da qual ela é *proprietária* na figura dos meios produtivos — para acelerar e superar o estágio produtivo na qual se encontra. Ao elevar a produtividade da força de trabalho, rebaixa-se, conseqüentemente, seu valor relativo. Aquilo que levaria tal ou qual *quantum* de tempo para ser produzido por um contingente determinado de trabalhadores assalariados, passa a ser produzido por um contingente menor e/ou mais aceleradamente. A força produtiva, ao crescer, diminui a proporção do trabalho necessário, no qual a força de trabalho repõe seu valor (que deve ser pago pelo capitalista), aumentando a parcela de *trabalho excedente* no interior de uma mesma jornada.

Mesmo quando os desenvolvimentos técnicos não alteram (diminuindo ou aumentando) o valor da força de trabalho, ou seja, quando não afetam diretamente as mercadorias que compõem os meios de subsistência — caso este no qual também se altera a proporção de trabalho excedente com relação ao trabalho necessário — a relação entre trabalho necessário (valor) e trabalho excedente (mais-valor) ocorre sempre no sentido de aumentar o último em relação ao primeiro. Conforme expõe Marx, “o aumento ou a diminuição do mais-valor é sempre *efeito*, e jamais *causa* do aumento ou diminuição correspondente do *valor da força de trabalho*”²⁶⁸.

²⁶⁶ MILLER. op. cit., p.212. Tradução minha. Grifos meus.

²⁶⁷ Cf. nota 153.

²⁶⁸ MARX. op. cit., p.589.

Este processo contraditório, tratado com profundidade nos *Grundrisse* — o fato de que o progresso técnico visa reduzir o tempo de trabalho necessário a um mínimo, aumentando o mais-valor relativo, ao passo que sempre depende deste mesmo tempo de trabalho necessário para a produção de capital — implica, segundo o sociólogo Henrique José Amorim, em uma luta no contexto do progresso técnico que abriria caminho, como também afirmaria Postone, para a transição do modo de produção capitalista ao socialista²⁶⁹. Entretanto, para Postone, trata-se de um desenvolvimento *imane*nte dessa contradição e é justamente de tal processo que virá o fim da lei do valor (e da extração de mais-valor), *sem a primazia da luta de classes*, ou sem sua determinação. Este é o ponto principal.

Ao ser o sujeito desta contradição, Postone assume que apenas o próprio capital em processo pode ser o sujeito de sua própria *transição* a outro modo produtivo, como fica evidente ao afirmar que, “para algum entendimento da possível superação do capitalismo”, seria fundamental o “argumento de que (de acordo com a lógica da análise de Marx) o proletariado não é o Sujeito revolucionário”²⁷⁰. Em uma concepção desse tipo, como aponta o sociólogo Sávio Cavalcante, “o determinado torna-se determinante, a ponto de o desenvolvimento das forças produtivas no capitalismo ser considerado algo neutro, independente das lutas de classes e promotor de uma nova sociedade”²⁷¹. As diversas passagens de Marx analisadas anteriormente, outrossim, deixam explícito justamente o contrário de tal argumento. Ainda segundo Amorim,

Nos *Grundrisse*, Marx qualificou a constituição de algumas relações sociais como necessárias à criação de um tempo liberado que revolucionasse a lei do valor. São elas: 1) um alto nível de produtividade e de relativa abundância, pensada como relação direta entre capital circulante e capital fixo; e 2) a necessidade de uma população excedente, como também de uma produção excedente. Para Marx, a criação de *tempo disponível*, ao longo do tempo necessário à produção, tem assim, relação direta com a criação de tempo de não-trabalho. Do ponto de vista do capital, esse não-trabalho, esse tempo disponível, provém exatamente da redução de tempo de trabalho necessário. [...] Contudo, quando o capital realiza tal

²⁶⁹ AMORIM, Henrique. Trabalho imaterial, forças produtivas e transição nos *Grundrisse* de Karl Marx. *Crítica Marxista*. ISSN 01044-9321, No 25, Campinas-SP, 2007, p.18.

²⁷⁰ POSTONE. op. cit., p.460.

²⁷¹ CAVALCANTE, Sávio. Notas sobre uma polêmica na definição marxista do proletariado. *Crítica Marxista*. ISSN 0104-9321, No 28, Campinas-SP, 2009, p.144.

tendência, cria mais tempo de mais-trabalho. Assim, a produção de valores de troca apresenta-se tendencialmente cada vez menos dependente do tempo de trabalho, entretanto, só se fundamenta como valor de troca, com base em quantidades dele mesmo (tempo de trabalho). “*Quanto mais se desenvolve esta contradição, mais se faz evidente que o crescimento das forças produtivas já não pode estar ligado à apropriação de surplus labour [mais-trabalho — N.E.G] alheio, mas sim que a massa operária mesma deve se apropriar de seu mais-trabalho*”²⁷².

Este último seria, para Marx, o momento *subjetivo* da transição para o socialismo: *a apropriação do mais-trabalho pela própria classe dos produtores*. Postone, entretanto, repete constantemente que “o poder do capital encarna o poder alienado da sociedade em um sentido mais geral. Então, a emancipação, a reapropriação daquilo que tinha sido alienado, já não pode ser adequadamente compreendida unicamente em termos da abolição da propriedade privada”²⁷³, o que rende as diversas passagens de Marx acima como incompreensíveis diante de tal idiossincrática interpretação.

A cada novo passo da técnica na produção capitalista, a contradição entre o valor da força de trabalho e o excedente de valor determina as relações de *quanta* temporais. O mesmo *quantum* de trabalho torna-se mais ou menos saturado de valor e mais ou menos produtivo de valor excedente. A natureza temporal do valor e da produção de mercadorias é, certamente, aquilo que *permite* essa dinâmica entre tempo de trabalho necessário e tempo excedente. Esta é sua *forma*. Mas não é o fato de que se trata de *tempo* aquilo que está fundamentalmente pressuposto na relação principal: a produção de *capital*. Ela só pode se dar através da abstração temporal, mas *a abstração temporal em si não é aquilo para o qual a produção capitalista está voltada*.

Uma prova disso está no fato de que, caso uma atividade venha a ser valorada em termos de um *quantum* de trabalho abstrato, mesmo que apenas representativamente, ela só entra *de fato* na produção de capital, só se *efetiva*, se ela puder produzir um excedente sobre seu próprio valor (na forma naturalmente temporal). Uma força de trabalho que só ingressa na produção à medida que reproduz exatamente seu próprio equivalente de valor, conforme Marx expõe diversas vezes, *não produz capital*: é

²⁷² AMORIM. op. cit., p.18.

²⁷³ POSTONE. op. cit., p. 382.

*trabalho improdutivo*²⁷⁴. Na produção *do capital*, esta força de trabalho sequer será comprada pelo capitalista. Para Postone, entretanto, a crítica da dominação capitalista e de seu fundamento temporal deve se dar nos seguintes termos:

Analisar a sociedade capitalista moderna em termos de *dominação de valor* (e, portanto, da *dominação do capital*) é analisá-la em termos de duas formas aparentemente opostas de dominação social abstrata: a dominação do tempo abstrato como presente e um processo necessário de transformação constante. Ambas as formas de dominação abstrata, bem como sua inter-relação intrínseca são apreendidas pela “lei do valor” marxiana. Salientei que essa lei é dinâmica e não pode ser adequadamente compreendida como uma lei de mercado; *posso acrescentar que ela apreende categorialmente a busca de níveis cada vez maiores de produtividade*, a transformação constante da vida social na sociedade capitalista, bem como a contínua reconstituição de suas formas sociais básicas. Também revela o capitalismo como uma sociedade marcada por uma dualidade temporal — um fluxo contínuo e acelerado da história, por um lado, e uma constante conversão deste movimento do tempo em um presente constante, por outro²⁷⁵.

De fato, a dominação capitalista *de classe* se dá através de uma forma temporalizada de atividade produtiva, mas ela é, como se lê com clareza em uma das últimas passagens de Marx citadas²⁷⁶, primariamente uma *dominação de classe*, não *do tempo*. Ao tratar da alienação e da dominação, uma pergunta fundamental a se fazer é: para o capital, isto é, para o processo que tem por finalidade a acumulação da própria “massa sempre crescente de capital nas mãos das classes possuidoras”²⁷⁷, trata-se *fundamentalmente* da “dominação das pessoas” pelas “coisas” (o fetichismo), ou da dominação da classe portadora do capital sobre a classe portadora da força de trabalho, circunstância na qual os meios de subsistência “só se tornam capital em condições sob as quais servem simultaneamente como meios de exploração e de dominação do trabalhador”?

Mediante a primeira opção de resposta, seria necessário assumir que não há diferença entre a dominação “temporal” sofrida por acionistas integrantes de algum grande *board of directors*, ou ainda por grandes proprietários rurais, daquela dominação

²⁷⁴ Cf. MARX. *O capital: livro I: capítulo VI (inédito)*. cit., p.70-80.

²⁷⁵ POSTONE. op. cit., p.346. Grifos meus.

²⁷⁶ Cf. nota 262.

²⁷⁷ Cf. nota 104.

“temporal” sofrida pelos mais de 14 milhões de trabalhadores assalariados em estabelecimentos agropecuários no Brasil²⁷⁸, por exemplo, ou que tal diferença seria de algum *grau* de dominação, e não da distinta *natureza* entre classe exploradora e classe explorada — ou mais: que tal relação de exploração não tem papel central para a lei do capital. Postone insiste justamente que “a categoria marxiana do capital não pode ser completamente entendida em termos de propriedade privada, da exploração e dominação do proletariado pela burguesia”²⁷⁹.

É indubitável que a natureza da experiência do tempo e o modo que certas acelerações temporais afetam a vida universal (de modo empiricamente verificável ou não) modificam-se pelo fato de ocorrerem sob o capitalismo. Mesmo a transformação do meio ambiente em contato com a dinâmica capitalista é acelerada e pode ser direcionada a resultados particularmente devastadores, caráter imanente do capital. Entretanto, tenho por intenção tornar reconhecível a hipótese crítica de que localizar a categoria do próprio *tempo* em uma posição axiomática com relação à lógica do capital pode (e deve) justamente não apenas deslocar seus elementos mais fundamentalmente presentes n’*O capital* a outro plano, mas também ofuscar o caminho de uma *práxis correspondente*. O sociólogo Sávio Cavalcante, criticando tal deslocamento do fundamento de classe para um segundo plano por parte do filósofo André Gorz, compara-o a Postone e declara que

está nessa mesma argumentação o limite de sua abordagem, pois, ainda que levante um “programa” – trocar a racionalidade econômica por outra forma de racionalidade –, permanece sem resposta efetiva saber *qual será o sujeito dessa transformação* [...]. Se existe uma plataforma a ser seguida para que se rompa a razão econômica, a instauração dessa nova sociedade carece de base de sustentação

²⁷⁸ Este número fornecido em 2014 pelo DIEESE (14 milhões) é, a título de curiosidade, igual ao número de pessoas que passaram a sofrer de insegurança alimentar na Europa e Ásia Central por conta da pandemia de COVID-19 em 2021, segundo dados da ONU. O total de pessoas em insegurança alimentar na região foi de 111 milhões, quase 12% da população regional. No Brasil, segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, a insegurança alimentar moderada ou severa atinge atualmente mais de 60 milhões de pessoas. Cf. DIEESE. O mercado de trabalho assalariado rural brasileiro. *Estudos e pesquisas*. No 74, outubro de 2014. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2014/estpesq74trabalhoRural/index.html?page=1>. Último acesso em: 18/05/2024; NAÇÕES UNIDAS. FAO: mais 14 milhões sem acesso a alimentos diários na Europa e na Ásia Central. *ONU News: Perspectiva Global Reportagens Humanas: Saúde*. 14 dez. 2021. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/12/1773582>. Último acesso em: 18/05/2024.

²⁷⁹ POSTONE. op. cit., p.97.

efetiva, o que concede a seu projeto político um caráter bastante inócuo²⁸⁰.

A inocuidade do que pode afirmar Postone a partir de sua leitura é de que se trata simplesmente “da dominação do trabalho *pelo* trabalho” (e esta é uma dominação “abstrata” e “do tempo”), autorreferencialidade esta que obscurece a própria forma específica do trabalho sob o capitalismo ao invés de esclarecê-la, obscurecendo também o fundamento de classe dessas formas necessárias à produção do capital. Não nos é fornecido grande esclarecimento a respeito da dominação capitalista quando Postone nos diz que “o trabalho no capitalismo dá origem a uma estrutura que o domina. Essa forma de *dominação reflexiva autogerada* é alienação”²⁸¹, que a natureza de tal dominação é “temporal” e que temos aí a instância fundamental da dominação capitalista e da lei do capital.

Ao ler os *Grundrisse* de tal maneira e assumir que as relações e a luta de classes não estão no centro dessa tendência contraditória do capital entre o tempo de trabalho necessário e o tempo excedente, Postone deposita *uma qualidade emancipatória imanente* no aumento da proporção de capital fixo — o qual conta fundamentalmente com o desenvolvimento técnico e científico — com relação ao capital variável, desqualificando a luta de classes enquanto elemento impulsionador desta mesma tendência contraditória, reconhecida não apenas nos *Grundrisse*, mas para além da análise isolada de tal tendência. Conforme sublinha Amorim,

A tese segundo a qual as forças produtivas teriam um movimento independente que implodiria as relações de produção capitalistas desconsidera a luta de classes como formulação central da problemática de Marx, isolando uma lógica tendencial exposta por Marx nos *Grundrisse* de todo o conjunto da obra. A luta de classes, como formulação central de Marx, está presente nos *Grundrisse* como momento de fundamentação da política. Marx analisa a “lei do valor”, sua tendência autodestrutiva, explicitando suas dimensões. No entanto, não se trata de uma perspectiva sistêmica. Os interesses de classes estão presentes e a redução do tempo de trabalho depende,

²⁸⁰ CAVALCANTE, Sávio. *Classes médias e modo de produção capitalista: um estudo a partir do debate marxista*. Tese (Doutorado em Sociologia) — Universidade Estadual de Campinas — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2012, p.76-7.

²⁸¹ POSTONE. op. cit., p.187. Grifos meus.

entre outros fatores, da ativa participação do mando capitalista dentro da produção, isto é, da luta de classes na produção estrito senso²⁸².

Tal tese de Postone, além disso, é também análoga à interpretação dominante da Segunda Internacional no início do século XX. Esta tinha por signatários principais os reformistas Eduard Bernstein e Karl Kautsky e fora fortemente criticada à época, principalmente por Lênin e Rosa Luxemburgo²⁸³, por ter negado a teoria da luta de classes e chegado à seguinte conclusão, a qual Lênin chama de “ecclética”: o desenvolvimento das forças produtivas, por serem elas as condições materiais que ensejam a passagem a um novo modo de produção, conduziria *espontaneamente* ao “definhamento” do Estado burguês e *das relações produtivas de exploração* sem que a classe produtora precisasse (ou pudesse) empenhar-se na *revolução* dessas relações através da tomada do poder, isto é, relegando um papel secundário e praticamente passivo à classe do trabalho neste processo²⁸⁴. Os resultados históricos de tal posição reformista no quadro político e econômico da Europa de então são bem conhecidos e dispensam longa recapitulação. Segundo o sociólogo Marcello Musto,

no âmbito da Segunda Internacional, também entre as fileiras do movimento operário veio a tomar corpo a crença ingênua no avanço espontâneo da história. A única diferença com relação à versão burguesa foi a previsão de uma última etapa, que se seguiria ao ‘colapso’ do sistema capitalista, automaticamente destinado a ser superado: o advento do socialismo (em seguida definido como ‘marxista’!). Essa análise, além de epistemologicamente equivocada, produziu um surto de passividade fatalista, que acabou por conferir estabilidade à ordem existente e enfraquecer a ação social e política do proletariado²⁸⁵.

Postone não apenas se encontra relativamente próximo de uma tal posição, apesar de chegar a ela por outros meios (imputando-os também a Marx), como esta mesma posição possui uma genealogia histórica que remete claramente ao reformismo

²⁸² AMORIM. op. cit., p.19.

²⁸³ Cf. LÊNIN, Vladimir Ilitch. *O Estado e a revolução*. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2017; LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma ou revolução?*. Tradução Lívio Xavier. São Paulo: Expressão Popular, 1999.

²⁸⁴ Cf. LÊNIN, Vladimir Ilitch. *O Estado e a revolução*. cit., p.43.

²⁸⁵ MUSTO, Marcello. *O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos (1881-1883)*. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2018, p.40.

clássico, aspecto este da teoria que não é devidamente reconhecido, comentado ou contestado por Postone. Este apenas nos diz que “o problema teórico diante de nós é, portanto, reconsiderar a categoria do trabalho abstrato a fim de fornecer a base de uma crítica do modo de produção — em outras palavras, uma crítica que difira fundamentalmente do marxismo da Segunda Internacional, seja em forma historicamente específica ou trans-histórica”²⁸⁶. Quanto esta crítica *de fato* difere do determinismo economicista da Segunda Internacional?

Se o determinismo da Segunda Internacional pode ser compreendido como um unilateralismo que aponta para a dissolução imanente das relações capitalistas de produção a partir do desenvolvimento das forças produtivas sob o próprio capital, quão eficaz ou realmente distinta é a crítica que Postone alega dirigir contra esta concepção? Se concordarmos com Karen Miller ao dizer que, para ele, “o desenvolvimento da capacidade tecnológica” provoca uma inadequação do valor “como medida da riqueza material produzida” até que tal processo venha a dar lugar “*ao surgimento da possibilidade imanente de uma nova forma social*”²⁸⁷ sem a interferência da luta entre as classes, estaríamos de fato diante de uma posição fundamentalmente distinta? Para ele:

Esse processo de alienação de forças produtivas do trabalho social tem um significado histórico que vai muito além da questão da apropriação privada do produto excedente social pela classe capitalista: ele implica, como veremos, um processo de constituição histórica sob forma alienada de modos sociais gerais de conhecimento e experiência que não se limitam à habilidade e aos conhecimentos dos produtores imediatos. Esse desenvolvimento tem efeitos negativos sobre o caráter do trabalho imediato e, apesar disso, *acaba possibilitando a emancipação pessoal do domínio do próprio trabalho e a reapropriação da sua força e do conhecimento socialmente generalizado, constituídos historicamente sob forma alienada*²⁸⁸.

A noção de tal *possibilidade* como intrínseca ao capital está evidentemente verificada tanto nos *Grundrisse* quanto n’*O Capital*, mas Postone contorna uma pergunta fundamental: qual é o *sujeito* desse processo emancipatório? Em sua leitura, só é possível chegar a uma curiosa conclusão, a mesma presente na mencionada leitura

²⁸⁶ POSTONE. op. cit., p.173.

²⁸⁷ Cf. nota 266.

²⁸⁸ POSTONE. op. cit., p.381. Grifos meus.

economicista da Segunda Internacional: ou se trata das “pessoas”, ou do próprio capital. Para Postone, o capital é sujeito das relações sociais, sujeito da dominação, sujeito da dinâmica histórica, sujeito de seu próprio fim e, mais ainda, sujeito de sua própria transição a outro modo produtivo. Um sujeito “total”. Segundo Postone:

Marx caracteriza explicitamente o capital como a substância em processo que é o sujeito. Ao fazê-lo, Marx sugere que *um sujeito histórico no sentido hegeliano existe realmente no capitalismo*, mas ainda assim ele não o identifica com nenhum grupamento social, como o proletariado ou a humanidade. Pelo contrário, Marx o analisa em termos da estrutura de relações sociais constituídas pelas formas de prática objetivante e apreendidas pela *categoria do capital (e, portanto, valor)*. Sua análise sugere que as relações sociais que caracterizam o capitalismo são de um tipo muito peculiar — elas possuem os atributos que Hegel atribuiu ao *Geist*. *Então, é nesse sentido que existe no capitalismo um sujeito histórico tal como concebido por Hegel*²⁸⁹.

Assim, o capital é o *Geist* (de Hegel), e eis tudo o que devemos (ou podemos) saber. Dado que a classe do trabalho é um produto (contraditório) do próprio “sujeito capital”, ela nada mais poderia fazer, como também pensaram os representantes da Segunda Internacional, a não ser cumprir passivamente com o desígnio de “materializar” o sujeito capital no sentido de sua emancipação (negação). Eis aí a distorção que Postone realiza da noção acerca desta tendência e possibilidade sublinhada por Marx. Este é o resultado teórico de relegar as relações e a luta de classes a um plano secundário, elevando este “Espírito” automovente ao estatuto de *sujeito absoluto*. Se Postone se apoia em elementos verdadeiramente presentes nos *Grundrisse* e n’*O capital*, ele o faz apenas para unilateralizar e isolar alguns de seus aspectos no sentido *da eliminação da luta de classes* do núcleo fundamental das categorias do capital. Este é o objetivo teórico que subsume toda sua interpretação das categorias de Marx. Segundo ele,

a natureza do desenvolvimento capitalista, [...] pode gerar e gera seu oposto imediato — a não necessidade histórica — que, por sua vez, permite a negação histórica determinada do capitalismo. Esta

²⁸⁹ Ibidem, p.96.

possibilidade só pode ser realizada, segundo Marx, se *as pessoas* se apropriarem do que foi constituído historicamente como capital²⁹⁰.

Quais *pessoas*? Resta uma tal pergunta aparentemente ingênua, mas fundamental, a qual surge do contraste entre a afirmação postoniana acima e a já citada passagem de Marx, na qual consta “que *a massa operária mesma* deve se apropriar de seu mais-trabalho”. Quais conclusões devemos extrair, a partir de Postone, do fato de que essas *pessoas* incógnitas devem se apropriar “do que foi constituído historicamente como capital” (de que modo?), ao mesmo tempo que “o proletariado não é o Sujeito revolucionário”? Não se encontra resposta a esta indispensável pergunta em seu longo livro.

²⁹⁰ Ibidem, 436.

Considerações Finais

O percurso realizado nos traz agora a um conjunto de conclusões e a uma pergunta remanescente. O objetivo do edifício teórico de Moishe Postone, o qual só se apresenta como tal ao mesmo passo que se propõe como recuperação da “lógica interna” da obra marxiana, não trata de simplesmente afirmar que o elemento fundamental da natureza da dominação seja o caráter temporal da produção de mercadorias, constatação esta cuja inocuidade busquei demonstrar. Como ficou patente, para Postone, mais fundamental que isso é provar que Marx compreende o papel da relação entre as classes sociais como elemento secundário de sua teoria. O objetivo de Postone, tal qual o dos “verdadeiros socialistas” criticados por Marx, é o de *negar por qualquer meio possível o papel revolucionário da classe trabalhadora*.

Após rigorosa leitura comparada, é possível reconstruir a ordem lógica comparativa percorrida no Capítulo II e concluir resumidamente que:

- 1) Marx compreende a determinação das relações sociais a partir do “modo de produção” correspondente a cada sociedade, isto é, que “o modo particular dessa combinação [trabalhadores e meios de produção — N.E.G.] distingue as diferentes épocas econômicas da *estrutura social*”; Postone compreende que o trabalho (portanto, esta “combinação”) só “distingue” e determina a “estrutura social” *no capitalismo*. Para ele, mais que um “modo de produção”, o capitalismo é *um sistema abstrato de dominação das pessoas*.
- 2) Marx compreende metodologicamente que a “abstração” jamais é “*de forma alguma é o processo de gênese do próprio concreto*”; Postone eleva a “abstração” à categoria *fundante* da crítica e, tal qual o “verdadeiro socialista” Proudhon, “*vê nas relações reais encarnações dessas abstrações*”.
- 3) Marx elenca a produção de *mais-valor* como “lei absoluta desse modo de produção”, uma relação que “*pressupõe a separação entre os trabalhadores e a propriedade das condições da realização do trabalho*” — a propriedade privada dos meios de produção; Postone não distingue

valor de mais-valor e elenca a produção de *valor* como primado de um “sistema de dominação”, relegando a propriedade privada dos meios de produção, tal como o faz Weber, a um momento *secundário* tanto da dinâmica do capital quanto da dominação.

- 4) Marx privilegia a contradição entre *capital* e *trabalho* — o “capital como não trabalho”; Postone privilegia uma contradição entre *trabalho abstrato* e *trabalho concreto*, isto é, entre *valor* e *valor de uso*.
- 5) Para Marx, o “trabalho duplo” é a exigência que a força de trabalho assume de, por um lado, *conservar/reproduzir o valor* de sua própria força, e por outro, de *produzir um excedente*, um mais-trabalho na *forma* do valor (o mais-valor); para Postone, o “trabalho duplo” é *o fato* de se tratar, de um lado, de *trabalho concreto* (produção de valor de uso), e de outro, de *trabalho abstrato* (produção de valor de troca).
- 6) Marx localiza a categoria de *dominação* como resultado de relações classistas de produção do capital e condição de sua *reprodução*, isto é, que se trata de uma dominação *de classes* cuja finalidade é uma “massa sempre crescente de capital nas mãos das classes possuidoras”; Postone a compreende como uma dominação *total*, uma dominação *das pessoas* pelo *tempo*, cuja finalidade é a produção de *valor*, ou seja: assume que *o ponto de partida e ponto de retorno do capital* são o próprio *valor* e uma forma de *dominação abstrata* que lhe é particular.
- 7) Para Marx, o *tempo* não é uma categoria “autônoma”, mas conjugada, a qual configura o valor da força de trabalho, o “tempo de trabalho necessário” e é a base *formal* da produção e apropriação do mais-trabalho capitalista: mais-valor como “materialização” de “tempo de trabalho não pago” de uma classe nas mãos de outra; para Postone, o *tempo* é uma categoria “autônoma” (do capital) que domina “as pessoas” e *o próprio processo histórico*. Para ele, não é a história (material) que determina as condições *subjetivas*, é a lógica subjetiva (do “sujeito capital”) em seu caráter *abstrato* que determina a história — segundo ele, tal qual o *Geist* de Hegel.

- 8) Para Marx, a “*a massa operária mesma* deve se apropriar de seu *mais-trabalho*”, ou seja, a classe produtora é o elemento *subjetivo* da ruptura e transição a um novo modo de produção — ela é o “sujeito revolucionário”. Na compreensão de Postone, tal transição emerge *unilateralmente* do desenvolvimento das próprias forças produtivas na figura da técnica e da ciência, o qual leva à “possibilidade imanente” de sua ultrapassagem. Mas, para ele, “o proletariado não é o Sujeito revolucionário” neste processo. Postone assume que tal transição deveria ocorrer, “segundo Marx, se *as pessoas* se apropriarem do que foi constituído historicamente como capital”.

Esta sequência comparativa exhibe tanto o procedimento lógico sequencial das inversões categoriais que Postone realiza, apresentado no Capítulo II, quanto a necessidade de tais inversões para cada procedimento lógico seguinte, bem como o grau de distanciamento entre o Marx historicamente real e o Marx que Postone busca provar ter existido. Também desvela a inocuidade de qualquer práxis relativa a estas “pessoas”. Tal como os “verdadeiros socialistas”, Postone pensa “ter representado, em vez de necessidades verdadeiras, a necessidade da verdade, e, em vez dos interesses do proletário, os interesses da essência humana, do homem de uma maneira geral, do homem que não pertence a nenhuma classe, que de modo algum pertence à realidade, que pertence apenas ao céu nebuloso da fantasia filosófica”. Se tomamos as assertivas acima enquanto verdadeiras, restaria ainda a pergunta: existe algo relevante que Postone efetivamente *conserva* da “lógica interna” do pensamento marxiano?

Não me parece possível encontrar outra resposta que não a seguinte: há o mero emprego *nominal* de suas categorias em *relações* totalmente ausentes no interior da obra do próprio Marx, fazendo destas subrepticamente *outras categorias*, visto que compõem outras relações de determinação, as quais foram verificadas como diametralmente opostas com relação ao texto marxiano. Como já apontado por Bidet, para compor sua compreensão das leis do capitalismo, resta o “fato de Postone apelar constantemente para seu mestre mesmo quando o contradiz diametralmente”. Em sua interpretação, encontramos ecos voluntários e involuntários de Hegel, Proudhon,

Dühring, Weber e até mesmo da economia política clássica (Smith e Ricardo), mas nenhum eco *real* de Marx.

É perfeitamente possível associar Postone aos “novos revisionistas” dos quais fala Ellen Meiksins Wood, “os quais sustentam suas visões políticas com formações *teóricas* elaboradas que, ao passo que pretendem ser parte da tradição marxista, representam afastamentos fundamentais desta e de fato uma rejeição de suas premissas essenciais”²⁹¹, em uma perspectiva na qual “a classe trabalhadora foi agora completamente substituída pelas ‘pessoas’ [*the ‘people’*]”²⁹². É necessário afirmar, tal como o faz Wood, que “independentemente das complexidades de classe no capitalismo contemporâneo — e elas são muitas, já que novas formações surgem e as antigas se modificam — é difícil ver por que relações sociais de produção exploradoras deveriam ser agora tidas como secundárias na determinação de classe”²⁹³.

Se a questão fosse haver apenas poucas e crípticas passagens de Marx a sustentar a contraposição interpretativa aqui proposta, o eventual argumento da mudança conceitual que ocorre nas distintas edições da obra de Marx seria válido. Notas faltantes ou posteriormente incluídas, por Marx, por Engels, ou coisa do gênero, bem como modificações na cronologia dos estudos do próprio Marx em distintos manuscritos — as quais podem e devem ser levadas muito a sério —, poderiam até mesmo convidar ao posicionamento crítico mediante as passagens empregadas, mas dado seu número e diversidade de fontes e pontos da obra marxiana em convergência (em suas edições definitivas ou não), creio ter exibido número suficiente de provas daquilo que compõe a unidade mais fundamental das categorias de Marx em contraposição a seus empregos por Postone.

Alguns aspectos e desenvolvimentos da teoria postoniana não puderam ter espaço nesta pesquisa, visto que se afastam demais da proposta mais nuclearmente interpretativa de Marx e da obra central de Moishe Postone, *Tempo, trabalho e dominação social*. Um aspecto digno de menção é a teoria de Postone acerca do antissemitismo, a qual se encontra disposta particularmente no texto *Antissemitismo e nacional-socialismo*, publicado originalmente em 1982. De modo resumido, pode-se dizer que, nesta leitura de Postone, o judeu (tradicionalmente interpretado como figura

²⁹¹ WOOD, Ellen Meiksins. *The Retreat from Class: A New ‘True’ Socialism*. cit., p.3. Tradução minha.

²⁹² *Ibidem*, p.53. Tradução minha.

²⁹³ *Ibidem*, p.38. Tradução minha.

das “finanças”) torna-se a encarnação do “abstrato” (do valor) em face da classe trabalhadora. Certo “ódio ao abstrato” por parte da classe do trabalho recairia de modo “personificado” sobre o judeu. O holocausto é lido como tentativa “anticapitalista” de “destruir o abstrato”²⁹⁴. A crítica mais completa e interessante a respeito de tal interpretação de Postone acerca do holocausto e do antissemitismo, a qual vem sendo também empunhada no interior dos partidos trabalhistas da Europa para acusar alguns de seus setores de antissemitismo e sustentar uma defesa do Estado de Israel — ainda que não seja conveniente reproduzi aqui tal temática e crítica — encontra-se no texto de Michael Sommer, o qual fora empregado como referência crítica nesta pesquisa, intitulado *Anti-Postone or Why Moishe Postone’s Antisemitism Theory is Wrong, but Effective*.

Naturalmente, diversos pontos expostos ao longo desta pesquisa são também passíveis de crítica e investigação mais aprofundada, visto que, ao avaliar a proposta de interpretação de Postone, apresento-me igualmente como *intérprete* de Marx — o que suscita a necessidade de distanciamento e posicionamento crítico. Entretanto, para o objetivo mais simples aqui presente, dificilmente poderia-se dizer que o Marx de Postone guarda qualquer relação evidente e indispensável com o Marx histórico.

A partir de sua base na Universidade de Chicago e quase imediatamente após o fim da URSS, Postone — sem ter sido o único — enuncia aquilo que o mundo do capital desejava ouvir, fazendo-o em termos que poderiam ser elaborados da seguinte maneira: “Chegou ao fim o primado das relações de classes. Em verdade, provarei que este primado nunca de fato existiu na obra madura de Marx”.

As propostas teóricas postonianas podem certamente assegurar a satisfação daqueles que buscam “um marxismo em ruptura com o marxismo”, algo de imenso interesse para as legitimações de toda ordem em um contexto atual de crise teórica e cinismo da burguesia, à qual apraz coquetear com as ideias de Marx quando já não é mais totalmente capaz de se legitimar a partir de sua própria tradição de pensamento

²⁹⁴ Segundo Postone, “Uma fábrica capitalista é o local onde é produzido o valor, algo que ‘infelizmente’ tem de assumir a forma de uma produção de bens, de valores de uso. O concreto é produzido como suporte necessário do abstrato. Os campos de extermínio não eram uma versão terrível dessa fábrica, mas, pelo contrário, devem ser vistos como a sua negação grotesca, ariana, ‘anticapitalista’. Auschwitz era uma fábrica para ‘destruir o valor’, isto é, para destruir as personificações do abstrato”. POSTONE, Moishe. *Antissemitismo e nacional-socialismo: escritos sobre a questão judaica*. — Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2021, p.49.

conservador, mas Postone não é capaz de assentar suas compreensões no *corpus* marxiano efetivo, o qual as repele a cada contato.

É necessário voltar a dizer com Marx: “Não digam que o movimento social exclui o movimento político. Não há jamais um movimento político que não seja ao mesmo tempo social. Somente numa ordem de coisas em que não houver mais classes e antagonismo de classes as *evoluções sociais* deixarão de ser *revoluções políticas*”²⁹⁵. Diante da obra de Marx, o “tempo abstrato” de Postone desmancha-se no ar antes de formar qualquer solidez. É hora de deixarmos que o tempo concreto o conduza ao seu devido lugar: ao museu teratológico do flerte burguês com o pensamento de Marx.

²⁹⁵ MARX. *Miséria da filosofia*. cit., p.147.

Bibliografia

AMORIM, Henrique. Trabalho imaterial, forças produtivas e transição nos *Grundrisse* de Karl Marx. *Crítica Marxista*. ISSN 01044-9321, No 25, Campinas-SP, 2007, p.9-30.

ARANTES, Paulo. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo 2014.

ARAÚJO, P. H. F. Notas críticas ao artigo Miséria na filosofia marxista: Postone leitor d'O capital, por Bidet. *Verinotio — Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*. ISSN 1981-061X. Ano XI. out./2016. n. 22, p.120-151.

BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*; organização e tradução de João Barrento. — 2.ed. — Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BIDET, Jacques. *Capital* read by Moishe Postone: Alchemy or astrology?, *Revue de philosophie économique / Review of Economic Philosophy*, 2016/2 (Vol. 17), p. 39-58.

_____. *Explicação e reconstrução de O capital*. Tradução: Lara Christina de Malimpensa. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

_____. Miséria na filosofia marxista: Postone leitor d'O capital. Tradução de Maria Leonor Loureiro. *Crítica Marxista*. v.41, ISSN 0104-9321-41, Campinas-SP, 2015, p.9-49.

BONEFELD, Werner. On Postone's Courageous but Unsuccessful Attempt to Banish the Class Antagonism from the Critique of Political Economy. *Historical Materialism*, vol. 12, n. 3, p.103-124, 2004.

CAPENER, Sean. *The Time That Belongs to God: The Christian Prohibition on Usury in the 12th-13th Centuries and the Making of the Subject of Debt*. Thesis (Doctor of

Philosophy) — Department for the Study of Religion University of Toronto, Toronto, 2021.

CAVALCANTE, Sávio. Notas sobre uma polêmica na definição marxista do proletariado. *Crítica Marxista*. ISSN 0104-9321, No 28, Campinas-SP, 2009, p.143-151.

_____. *Classes médias e modo de produção capitalista: um estudo a partir do debate marxista*. Tese (Doutorado em Sociologia) — Universidade Estadual de Campinas — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2012.

DUAYER, M; ARAÚJO, P. H. F. Para a crítica da centralidade do trabalho: contribuições de Lukács e Postone. *Revista Em Pauta*, n.35, 1o Semestre de 2015, v. 13, p.15-36.

_____. Valor como Forma de Mediação Social: Interpretação de Marx a partir de Postone. In: *Anais XXIV Encontro Nacional de Economia Política*. Vitória, 2019.

ENGELS, Friedrich. *Anti-Dühring: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring*. Tradução Nélcio Schneider. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2015.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. Tradução Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano — São Paulo: Boitempo, 2007.

GERTZ, René (Org). Tradução René E. Gertz. *Max Weber e Karl Marx*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

GRESPLAN, Jorge. *Marx e a crítica do modo de representação capitalista*. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2019.

_____. *O Negativo do Capital: o conceito de crise na crítica de Marx à economia política*. — 1.ed. — São Paulo: Expressão Popular, 2012.

HEINRICH, Heinrich. Indivíduo, personificação e dominação impessoal na crítica da economia política de Marx. *Zero à Esquerda*. Tradução de Éric G. Gaúna. Revisão de Tales Lopes. 02/12/2021. Disponível em: <<https://zeroaesquerda.com.br/index.php/2021/12/02/michael-heinrich-individuo-personificacao-e-dominacao-impessoal-na-critica-da-economia-politica-de-marx/>>. Acesso em: 18/05/2024.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios 1875-1914*. Tradução Sieni Maria Campos, Yolanda Steidel de Toledo; revisão técnica Maria Célia Paoli — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

JAPPE, Anselm. Alienação, reificação e fetichismo da mercadoria. Tradução: Sílvio Rosa Filho; Revisão: Jacira Freitas. *Revista Limiar*. nº2, vol. 2, 1º semestre de 2014, p.4-29.

_____. *As aventuras da mercadoria: para uma nova crítica do valor*. Tradução José Miranda Justo; revisão Carla da Silva Pereira. — 2.ed. — Lisboa: Antígona, 2013.

KURZ, Robert. A ditadura do tempo abstrato: o trabalho como desajustamento da era moderna; tradução de Marcos Barreira. *Margem Esquerda — ensaios marxistas*. nº35, pp.55-78, outubro de 2020.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo: ensaio de divulgação ao público*. [tradução Edições Avante!]; revisão da tradução Paula Vaz de Almeida.. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2021.

_____. *O Estado e a revolução: a doutrina do marxismo sobre o Estado e as tarefas do proletariado na revolução*. [tradução Edições Avante!]; revisão Silvia Almeida — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2017.

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*; tradução Rodnei Nascimento; revisão da tradução Karina Jannini. – 3ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma ou revolução?* Tradução Lívio Xavier. São Paulo: Expressão Popular, 1999.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. — 2.ed. — São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. *Crítica do programa de Gotha*. Seleção, tradução e notas Rubens Enderle. — São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. *Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie: Erster Band: Buch I: Der Produktionsprozeß des Kapitals*. Marx-Engels Werke (MEW), Band 23. — Berlin: Dietz Verlag. 25. Auflage, 2018. Unveränderter Nachdruck der 1. Auflage 1962.

_____. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. Supervisão editorial Mario Duayer; tradução Mario Duayer, Nélio Schneider (colaboração de Alice Helga Werner e Rudiger Hoffmann). — São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri. — [4.reimpr.]. — São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. *Miséria da filosofia*. Tradução José Paulo Netto. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. *O capital : crítica da economia política : livro I : o processo de produção do capital*. Tradução Rubens Enderle. — 2.ed. — São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. *O capital: crítica da economia política : livro II : o processo de circulação do capital*. Edição Friedrich Engels; tradução e seleção de textos extras Rubens Enderle. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2014.

_____. *O capital: crítica da economia política : livro III : o processo global de produção capitalista*. Tradução Rubens Enderle; edição de Friedrich Engels. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. *O capital: livro I: capítulo VI (inédito)*. Traduzido da edição castelhana da Siglo XXI Editores S/A. por Eduardo Sucupira Filho; corrigido e cotejado com a edição alemã por Célia Regina de Andrade Bruni. — 1.ed. — São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

_____. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. [Tradução e notas Nélcio Schneider; prólogo Herbert Marcuse] — São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. *Ökonomische Manuskripte 1857/1858*. Marx-Engels Werke (MEW), Band 42. — Berlin: Dietz Verlag, 1983.

_____. *Últimos escritos econômicos: anotações de 1879-1882*. apresentação e organização Sávio Cavalcante; tradução Hyury Pinheiro; revisão técnica Olavo Antunes de Aguiar Ximenes, Luis Felipe Osório. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2020.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Cartas sobre o capital*. Tradução de Leila Escorsim; revisão técnica e apresentação de José Paulo Netto. — 1.ed. — São Paulo: Expressão Popular, 2020.

_____. *1845-1846*. Marx-Engels Werke (MEW), Band 3. — Berlin: Dietz Verlag, 1978.

MILLER, Karen. The Question of Time in Postone's *Time, Labor and Social Domination*. *Historical Materialism*, vol. 12, n. 3, p. 209-237, 2004.

MUSTO, Marcello. *O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos (1881-1883)*. Tradução Rubens Enderle. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2018.

NAPOLEONI, Claudio. *Lecciones sobre el capítulo sexto (inédito) de Marx*. Traducción: Ana María Palos. Ciudad de México: Ediciones Era, 1976.

_____. *Smith, Ricardo, Marx: considerações sobre a história do pensamento econômico*. tradução de José Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 4a Edição (Biblioteca de economia; v. n. 4).

NETTO, José Paulo. *Capitalismo e reificação*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

_____. *O que é stalinismo*. — 4.ed. — São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

_____. *Karl Marx: uma biografia*. — 1.ed. — São Paulo: Boitempo, 2020.

POSTONE, Moishe. *Antissemitismo e nacional-socialismo: escritos sobre a questão judaica*. Organizado por Marcos Barreira; traduzido por Sergio Ricardo Oliveira.: — Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2021

_____. Entrevista: conversa com Moishe Postone. *Verinotio — Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas* . ISSN 1981-061X . Ano XI. out./2016. n. 22, p.89-99.

_____. O sujeito e a teoria social: Marx e Lukács. *Margem Esquerda — ensaios marxistas*. Traduzido do inglês por Maracajaro Mansor Silveira. Nº23, pp.53-72, outubro de 2014.

_____. *Tempo, trabalho e dominação social: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx*. Tradução Amilton Reis, Paulo César Castanheira. — 1.ed. — São

Paulo: Boitempo, 2014.

_____. *Time, labor, and social domination: a reinterpretation of Marx's critical theory*. New York: Cambridge University Press, 2003.

ROLSDOSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Tradução Cesar Benjamin. — Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2001

SAFATLE, Vladimir. *Dar corpo ao impossível: o sentido da dialética a partir de Theodor Adorno*. — 1.ed. — Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019

SOMMER, Michael. *Anti-Postone: or, Why Moishe Postone's Antisemitism Theory is Wrong, but Effective*. Translated by Maciej Zurowski. Cosmonaut Press, 2021.

SWEEZY, Paul Marlor et al. *A transição do feudalismo para o capitalismo*. Tradução Isabel Didonnet. — 5.ed. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

TREMKLE, Norbert. Moishe Postone (1942-2018): um ataque frontal à crítica social tradicional. Tradução de Marcos Barreira. *Blog da Boitempo*. São Paulo, 20/03/2018. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2018/03/20/moishe-postone-1942-2018-um-ataque-frontal-a-critica-social-tradicional/>>. Acesso em: 18/05/2024.

VIEIRA, Zaira. As novas leituras de Marx e a definição do valor a partir da circulação. *39º Encontro Anual da Anpocs. GT20 - Marxismo e Ciências Sociais*. Coordenação: Luiz Eduardo Pereira da Motta (UFRJ), Gonzalo Adrián Rojas (UFCG). ISSN 2176-8064. Caxambu-MG, 2015.

_____. *As novas leituras de Marx e um velho problema da economia política*. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 20, No 47, jan/abr 2018, p.276-306.

_____. *Catégories et méthode dans la théorie de la valeur de Marx. Sur la dialectique*. Thèse (Doctorat en Philosophie) — Université Paris Ouest, Nanterre La Défense — École Doctorale Connaissance, Langage, Modélisation; Paris, 2012.

_____. Da centralidade do valor: uma introdução à obra de Moishe Postone. *Crítica Marxista*. ISSN 01044-9321, No 25, Campinas-SP, 2007, p.103-108.

_____. *Trabalho e emancipação humana em Marx: os Grundrisse*. Campinas: Papel Social, 2018.

WEBER, Max. *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*. Translated by Talcott Parsons; with an introduction by Anthony Giddens. London: Routledge, 2001.

WOOD, Ellen Meiksins. *The Retreat from Class: A New 'True' Socialism*. New York: Verso, 1998.

XIMENES, Olavo. A teoria crítica de Postone e os *Grundrisse* de Marx: apontamentos. *Revista Limiar*, v.4, N°7, 1º semestre de 2017, p.137-153.